



PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM HISTÓRIA
UFRN

AS MEMÓRIAS CORTESÃS DE OLIVIER DE LA MARCHE:
o nascimento do indivíduo e a espacialização da cortesia na escrita
das *Mémoires* (1472-1501)

MARIANO DE AZEVEDO JÚNIOR

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA E ESPAÇOS
LINHA DE PESQUISA: CULTURA, PODER E REPRESENTAÇÕES
ESPACIAIS

AS MEMÓRIAS CORTESÃS DE OLIVIER DE LA MARCHE:
o nascimento do indivíduo e a espacialização da cortesia na escrita
das *Mémoires* (1472-1501)

MARIANO DE AZEVEDO JÚNIOR

NATAL
2009

MARIANO DE AZEVEDO JÚNIOR

AS MEMÓRIAS CORTESÃS DE OLIVIER DE LA MARCHE:
o nascimento do indivíduo e a espacialização da cortesia na escrita
das *Mémoires* (1472-1501)

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História e Espaços, Linha de Pesquisa Cultura, Poder e Representações Espaciais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Emília Monteiro Porto.

NATAL
2009

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Azevedo Júnior, Mariano de.

As memórias cortesãs de Olivier de La Marche : o nascimento do indivíduo e a espacialização da cortesia na escrita das Mémoires (1472-1501) / Mariano de Azevedo Júnior. – 2009.

160 f.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em História, Natal, 2009.

Orientador: Prof.º Dr.ª Maria Emília Monteiro Porto.

1. La Marche, Olivier de. 2. Corte e cortesãos. 3. Les mémoires de messire Olivier de La Marche. 4. Borgonha (França) – História. 5. Europa – História. I. Porto, Maria Emília Monteiro. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 94(44)

MARIANO DE AZEVEDO JÚNIOR

AS MEMÓRIAS CORTESÃS DE OLIVIER DE LA MARCHE:
o nascimento do indivíduo e a espacialização da cortesia na escrita
das *Mémoires* (1472-1501)

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela comissão formada pelos professores:

Prof.^a Dr.^a Maria Emília Monteiro Porto

Prof.^a Dr.^a Marília de Azambuja Ribeiro

Prof. Dr. Paulo Cesar Possamai

Prof.^a Dr.^a Margarida Maria Dias de Oliveira (Suplente)

Natal, _____ de _____ de _____

"A realidade apenas se forma na memória; as flores que hoje me mostram pela primeira vez não me parecem verdadeiras flores."

(Marcel Proust)

Aos meus pais, Mariano e Rizonete, por sempre apoiarem as minhas escolhas e por terem acreditado em mim, dando todas as condições possíveis sem as quais eu não teria conseguido concluir este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de reservar este espaço para agradecer a algumas pessoas especiais que foram imprescindíveis para a conclusão desta dissertação de mestrado. Aos que eu não mencionar aqui, peço perdão por não possuir uma memória do tipo “la marcheana”, não conseguindo lembrar todos os nomes. De todo modo, muitos de vocês sabem que foram importantes e continuarão sendo nas próximas etapas que eu possa vir a cumprir na minha trajetória acadêmica.

Em primeiro lugar, agradeço a minha família pelo total apoio dado durante esses dois anos e alguns meses. Sem a ajuda e a compreensão dos meus pais, Mariano e Rizonete, teria sido impossível chegar até aqui; a minha irmã Isabela Cristina, meus sinceros agradecimentos pelo constante incentivo; também a João Lucas, sobrinho querido a quem devo horas de brincadeiras inocentes que me renderam bons momentos entre uma atividade e outra. Obrigado também aos meus tios, Zairo e Cléia, que me deram abrigo em Natal durante pouco mais de um ano; e a minha querida sogra, Anabela, pelo incentivo dado desde o início do mestrado.

Alguns colegas do curso viraram queridos amigos, e eles precisam saber que todos os momentos compartilhados foram de grande valia para mim. Pelos encontros, profissionais e festivos, agradeço a Francisco Firmino Sales Neto, Yuma Ferreira e Marília Morgado. Todos vocês contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional. Sem vocês, as salas de aula, as mesas dos bares e certos lugares de Recife não teriam sido tão interessantes.

Quero dizer um obrigado especial a João Carlos, que se tornou um grande amigo para todas as horas suportando minhas neuroses acadêmicas, bem como compartilhando momentos de diversão. Você desistiu de se tornar mestre em história dessa vez, mas tenho plena certeza que o seu lugar no mundo acadêmico está reservado em um futuro mais breve do que você pode imaginar. E também a sua companheira, Bruna Miyuki, hoje uma querida amiga que tanto me deu força, divertiu e salvou algumas noites já praticamente perdidas entre conversas de historiadores.

A historiadora da Universidade Federal Fluminense, Ana Cristina Rodrigues, agradeço pela ajuda que me tem dado desde a graduação com o tema da Borgonha Valois. Sua dissertação de mestrado, algumas produções e importantes

autores que me apresentou foram vitais para os rumos que o trabalho tomou. Você continua sendo o único “contato borgonhês” no Brasil com o qual posso contar.

Sou muito grato também aos meus “colegas de apartamento”. Na verdade, vocês são amigos verdadeiros que, depois de tantos anos e muitos momentos vividos, se tornaram membros de uma família que eu fiz questão de escolher. Deixo um grande obrigado a Carlos Menandro e a Nelson Lariu, futuros médicos que fazem parte da minha história pessoal e que acompanharam os principais momentos acadêmicos por mim vividos até o presente momento.

Aos Goliardos, essa imensa e divertida turma da qual faço parte, também agradeço. Especialmente a Fafá Moraes, grande amigo-aventureiro que sempre tentou me tirar do estresse do trabalho me propondo momentos descontraídos e leves, assim como a vida tem que ser.

Aos professores e funcionários do PPGH, principalmente aos mestres que ministraram as disciplinas, lhes agradeço; aos professores Durval Muniz e Paulo Cesar Possamai, pelas críticas e sugestões feitas durante a qualificação: elas foram verdadeiros guias que me ofereceram novas perspectivas de estudo. Também a Helder Viana e a Raimundo Nonato, professores dos quais pude me aproximar com mais liberdade e com quem mantive diálogos que sempre contribuíram para a minha formação.

Direciono toda minha gratidão a querida orientadora, Maria Emília Monteiro Porto. Obrigado pelas críticas, sugestões, discussões e conselhos que me fizeram refletir sobre o trabalho, assim como sobre minha postura de historiador. Você me fez perceber que uma pesquisa muito séria e de certa complexidade pode se transformar em uma atividade prazerosa e às vezes divertida. Os nossos encontros de orientação sempre me encheram de idéias e muitas delas estão hoje aqui. Um muito obrigado por tudo!

Quero agradecer também aos alunos da graduação da UFRN, que sempre me motivaram reconhecendo o trabalho que venho desenvolvendo como professor substituto. Digo obrigado a todos que acreditaram no meu êxito profissional.

Finalmente, serei eternamente grato a minha amada Isaura Dalva, companheira leal que suportou os momentos de ausência e nunca parou de apoiar as minhas escolhas profissionais. A confiança e a segurança que você tem em tudo o que eu faço funcionam como fortalezas nos momentos difíceis, me levando sempre a não fraquejar para que no final de tudo eu possa ver o seu sorriso cativante tentando me dizer: conseguimos!

RESUMO

Esta dissertação propõe a análise das *Mémoires* de Olivier de La Marche, homem da corte que viveu como servidor das casas da Borgonha e da Áustria de 1439 a 1502. Entendemos a sua literatura como particular para a época, pois ela nasceu motivada pelas questões pessoais do autor. Com isso ela se distanciou dos gêneros narrativos ligados à função de servir aos propósitos do príncipe, notadamente as crônicas. Acreditamos que essas intenções particulares tiveram origem na tradição da memória medieval, que se expandiu da oralidade para a escritura no fim da Idade Média. Essa escrita da memória condicionada à experiência de quem escrevia, promoveu o nascimento do indivíduo quando este procurou assumir os lugares de personagem e testemunha dos acontecimentos no que chamamos de “espaço do texto”. Tal afirmação nos levou à função espacializante dos discursos da obra. Motivados pela visão especializada do *maître d’hôtel*, tais discursos produziram um espaço da corte ideal, capaz de justificar a personalidade do autor e de exaltá-lo como o mestre da prática da cortesia.

Palavras-Chave: Olivier de La Marche; Escrita da Memória; Nascimento do Indivíduo; Espaço Cortesão.

RÉSUMÉ

Cette dissertation propose l'analyse des *Mémoires* de Olivier de La Marche, homme de la cour qui a vécu comme serviteur des maisons de Bourgogne et d'Autriche de l'année 1439 jusqu'à 1502. Nous avons compris sa littérature comme particulière pour l'époque, car elle est née motivé par les questions personnelles de l'auteur. C'est pourquoi qu'elle s'est éloignée des genres littéraires liés à la fonction de servir aux propos du prince, particulièrement les chroniques. Nous avons cru que ces intentions particulières ont eu l'origine dans la tradition de la mémoire médiévale, qui a répandu de l'oral pour l'écrit pendant la fin de la Moyen Âge. Cette écriture de la mémoire, réglementée à l'expérience de qui écrivait, a promu la naissance de l'individu quand il a cherché assumer les lieux du personnage et du témoin des événements dans "l'espace du texte". Telle affirmation nous avons conduit jusqu'à la fonction des discours qui ont créé des espaces dans l'œuvre. Motivé par la vision spécialisée comme maître d'hôtel, tels discours ont produit un espace de la cour idéal, capable de justifier la personnalité de l'auteur et de lui consacrer comme le maître de la pratique de la courtoisie.

Mots-Clé: Olivier de La Marche; Écriture de la Mémoire; Naissance de l'Individu; Espace Courtisan.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Olivier de La Marche (autor desconhecido). FONTE: British Museum (acervo digital). Disponível em: <<http://www.britannica.com/eb/art-28595/La-Marche-detail-of-an-engraving>> **61**

FIGURA 2 – Olivier de La Marche (autor desconhecido). FONTE: Project Gutenberg (Online Book Catalog). Disponível em: <<http://gutenberg.org/files/14496-h/14496-h.htm#olivier>> **90**

FIGURA 3 – Carlos O *Temerário* (Rogier van der Weyden). FONTE: Museu de Berlim (acervo digital). Disponível em: <<http://www.bildindex.de>> **122**

FIGURA 4 – Votos do Faisão (autor desconhecido). FONTE: Rijksmuseum Amsterdã (acervo digital). Disponível em: <<http://www.rijksmuseum.nl>> **146**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
I - A TRAJETÓRIA CORTESÃ DE OLIVIER DE LA MARCHÉ E A ESCRITA DAS <i>MÉMOIRES</i>	33
1.1 – A “FASE VALOIS” (1472-1477).....	37
1.2 – A “FASE HABSBURGA” (1488-1501)	44
1.3 – MEMÓRIAS EM PROSA: as particularidades da escrita de Olivier de La Marche no mundo das crônicas.....	52
II – LA MARCHÉ E O ESPAÇO DO TEXTO: a tradição da memória medieval e o nascimento do indivíduo no século XV	62
2.1 – RECORDAR PARA SER PRUDENTE: a tradição da memória medieval nas <i>Mémoires</i>	67
2.2 – DE PERSONAGEM A AUTOR: o nascimento do indivíduo na escrita medieval	81
2.3 – A “PRIMEIRA MEMÓRIA” OU A CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO NO ESPAÇO DO TEXTO	91
2.4 – O INGRESSO NA CORTE DA BORGONHA: o lugar da fala da “testemunha privilegiada” dos acontecimentos	98
III – O ESPAÇO CORTESÃO: a espacialização da cortesia na escrita do <i>maître d’hôtel</i>	106
3.1 – CORTESIA E CIVILIDADE NO SÉCULO XV: aspectos da sociedade de corte da Borgonha	112
3.2 – A ESCRITA DA CORTESIA: as <i>Mémoires</i> entre os livros de cortesia e os livros de civilidade.....	123
3.3 – AS FESTAS DA CORTE: a criação do espaço cortesão pelas memórias de um <i>maître d’hôtel</i>	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	155

INTRODUÇÃO

Olivier de La Marche se tornou famoso por ter sido cortesão de uma das mais ricas e poderosas casas de príncipes do século XV, o ducado da Borgonha. Tendo vivido na corte desde muito jovem, vivenciou o apogeu e a queda daquela casa durante o período dos dois últimos duques da dinastia Valois, Filipe *O Bom* (1419-1467) e Carlos *O Temerário* (1467-1477). A morte deste último, ocorrida em 1477, levou o cortesão para a casa que herdaria a política e parte da riqueza borgonhesa: a Áustria dos Habsburgo.

Durante a sua experiência como cortesão, de 1439 a 1502, assumiu diversas funções nas cortes onde viveu se dedicando também ao exercício da escrita. Além das célebres *Mémoires*, a sua mais importante produção que foi iniciada em 1472, escreveu várias outras obras. Durante os anos borgonheses, redigiu o *Estat de la Maison du duc Charles de Bourgogne*, em 1474. A obra é um tratado de organização da corte de Carlos, escrito sob encomenda para o rei da Inglaterra e cunhado do duque, Eduardo IV da casa dos York. Ainda na mesma época, redigiu outro pequeno texto de cunho moral que refletia o abatimento do autor após a morte de Carlos na batalha de Nancy, em 1477. Sob o título *Debat de Cuidier et de Fortune*, escrito no mesmo ano da morte do duque, a obra traz as reflexões do cortesão sobre o fim da dinastia Valois da Borgonha.

Quando se tornou servidor da corte dos Habsburgo, La Marche continuou dando atenção especial à escrita das suas memórias, mas escreveu também outras obras relacionadas às funções que assumiu na nova casa. Em 1483, redigiu *Le Chevalier Délibéré*, apresentando um diálogo entre os infortúnios que tinham levado à morte os dois últimos duques da Borgonha, que foram acometidos pela “Velhice” (Filipe *O Bom*) e pelo “Acidente” (Carlos *O Temerário*). Anos depois, em 1494, produziu o *Advis au roy Maximilien premier touchant la maniere dont on se doibt comporter a l’occasion de rupture avec la France*. A obra objetivava aconselhar o seu senhor, Maximiliano Habsburgo, sobre os modos de conduzir as relações políticas com o reino francês. Nesta obra La Marche escreveu com a postura de embaixador e diplomata, funções que chegou a desempenhar na casa do futuro imperador do Sacro Império Romano-

Germânico.¹ Por fim, já nas vésperas do seu falecimento, escreveu um tratado semelhante ao que tinha produzido sobre a corte de Carlos, mas desta vez destinado a estabelecer um padrão de organização das festas da cavalaria.² O texto, produzido entre 1500 e 1501, recebeu o título de *Épître pour tenir et célébrer la nôble fête de la Toison d'Or*. Nós voltaremos a falar sobre ele em outro momento.

A maioria das obras de Olivier de La Marche pode ser encontrada no acervo digitalizado da Biblioteca Nacional da França – *Gallica*.³ Inclusive a edição impressa das *Mémoires* organizada por Claude Bernard Petitot, em 1825, que utilizamos para realizar esta pesquisa.⁴

As *Mémoires*, produzidas durante quase três décadas, têm sido vistas por muitos historiadores como importantes relatos de parte de um passado considerado o palco das transformações ocorridas no cenário político europeu que preparou a passagem do medievo para a época moderna. Desse modo, entre narrativas sobre eventos ocorridos no cotidiano da corte e aqueles relacionados ao contexto geopolítico do período, as memórias de *messire Olivier de La Marche* são freqüentemente tomadas como um verdadeiro complemento à história da França ao lado de obras de cronistas como Filipe de Commynes e Georges Chastellain.⁵

¹ Maximiliano, que na época possuía o título de rei romano-germânico, era filho de Frederico III, imperador do Sacro Império Romano-Germânico desde 1452. Ele só viria a se tornar definitivamente imperador, sob o nome de Maximiliano I, em 1508. Para mais informações: MAINKA, Peter Johann. **A luta europeia entre as dinastias dos Habsburgos e dos Valois pela Borgonha e Itália (1477-1559)**. In: **História: Questões & Debates**, n.38. Curitiba: Editora UFPR, 2003. pp. 185-224.

² Apesar das informações sobre a produção de Olivier de La Marche constar em vários livros, artigos e trabalhos de outros tipos, fazemos questão de indicar a leitura da dissertação de mestrado apresentada por Ana Cristina Campos Rodrigues, da Universidade Federal Fluminense. O trabalho, além de ser uma produção brasileira que versa sobre o tema, apresenta um bom estudo sobre a Borgonha do período Valois e em um dos capítulos traz uma síntese sobre a produção de La Marche. RODRIGUES, Ana Cristina Campos. **O Serviço pela palavra: a literatura e a corte da Borgonha (Olivier de La Marche)**. In: **Jasão e a Quimera de Ouro: a ritualização do poder na Borgonha Valois (1363-1558)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, 2006. pp. 63-74.

³ Para consultar o acervo digitalizado da Biblioteca Nacional da França, visitar o endereço eletrônico: <<http://gallica.bnf.fr>>.

⁴ A referência completa para a edição que analisamos é a seguinte: LA MARCHE, Olivier de. **Mémoires de messire Olivier de La Marche**. In: PETITOT, Claude Bernard. (ed.) **Collection Complète des mémoires relatifs a l'histoire de France depuis de le règne de Philippe-Auguste, jusqu'au commencement du dix-septième siècle. Avec des notices sur chaque auteur et des observations sur chaque ouvrage**. Paris: Foucault Libraire, 1825. Tomos IX e X.

⁵ Filipe de Commynes foi um dos principais cronistas da corte da Borgonha até o ano de 1472, quando assumiu funções na corte parisiense de Luis XI, o principal rival do duque Carlos *O Temerário*. Também foi, assim como La Marche, escritor de memórias. Quanto a Georges Chastellain, foi nomeado o historiador oficial do ducado da Borgonha na época de Filipe *O Bom*, se tornando uma das principais referências como escritor e retórico para La Marche.

Nos referimos, sobretudo, aos trabalhos de historiadores que conceberam metodologicamente os discursos produzidos por La Marche como relatos capazes de informar diretamente sobre o passado abordado. Quase todos que pudemos ler e conhecer procuraram ver o autor das *Mémoires* como uma verdadeira testemunha dos acontecimentos, sem levar em consideração as intenções particulares que o fizeram escrever suas memórias anos após a realização dos eventos.

Dito isto, aproveitamos para deixar claro que escolhemos não apresentar e comentar em uma espécie de “capítulo introdutório” o conjunto dessas obras, a fim de evitar que o nosso trabalho assumisse um caráter de análise historiográfica ou mesmo se inserisse no rol das produções que buscaram construir algum tipo de “história da Borgonha”, perspectiva que não adotamos para esta pesquisa. No entanto, algumas delas serão comentadas ou discutidas no decorrer da leitura. Foi uma opção metodológica mantermos o diálogo com a fonte desde o primeiro momento, “diluindo” toda a revisão bibliográfica sobre o nosso universo temático (que foi possível realizar dentro das nossas limitações) no corpo do texto, dando suporte às questões levantadas em cada capítulo ou tópico.

Mas antes de falarmos melhor sobre a nossa maneira de abordar as *Mémoires*, acompanhada do aporte teórico e dos métodos que aplicamos para o desenvolvimento de cada um dos capítulos, é importante apresentar o contexto em que a obra foi produzida para que o leitor compreenda melhor a natureza dos discursos que serão analisados.

O mundo de La Marche era agitado. Os seus senhores, conhecidos como os mais ricos e poderosos duques do Ocidente, administravam um vasto território reunindo domínios compreendidos entre a cidade de Dijon, capital do ducado, até a região dos Países Baixos, anexada à Borgonha através do casamento do primeiro duque Valois, Filipe *O Audaz* (1363-1404), com Margarida III de Flandres.⁶ A riqueza e o poder daquela casa principesca testemunhados por La Marche foram os pilares de uma política senhorial que confrontou de várias maneiras a autoridade do rei da França, suserano dos duques que não aceitavam, na prática, a condição natural de vassalos.

⁶ Para maiores detalhes, consultar a seguinte referência: CALMETTE, Joseph. **Philippe le Hardi: le politique**. In: _____. **Les Grands Ducs de Bourgogne**. Paris: Éditions Albin Michel, 1949. pp. 4-90.

Descendentes da linhagem real de João II de Valois *O Bom*, rei da França de 1350 a 1364, os duques dessa dinastia se tornaram, desde a investida de Filipe *O Audaz* no ducado da Borgonha, os principais vassallos dos reis franceses.⁷ Entretanto, na época do sucessor de Filipe, João Sem Medo (1404-1419), uma série de acontecimentos desenhou o quadro de disputas que se intensificou e tomou grandiosas proporções nos anos seguintes. A concretização dessa rivalidade que alterou o cenário político europeu se deu durante o governo de Filipe *O Bom*, que ficou caracterizado por tramar certa “política de vingança” contra o rei da França, na época Carlos VII, que teria consentido o assassinato do seu pai na cidade de Montreuil.⁸

Desse modo, no contexto da Guerra dos Cem Anos, Filipe realizou uma série de alianças com os ingleses, a fim de criar forte oposição à política da coroa francesa, bem como de conseguir privilégios para os seus próprios domínios. Mas foi o seu filho, levado mais pela paixão do que pela razão, que intensificou as lutas contra a França, principalmente depois que Luis XI subiu ao trono em 1461.⁹

Todo o breve governo de Carlos *O Temerário* foi marcado por uma política de alianças feitas com outros reinos que, na época, rivalizavam com a França. A Inglaterra e a Áustria Habsburgo, principalmente, estiveram próximas da corte da Borgonha através de acordos políticos, casamentos e guerras. Mesmo antes de se tornar duque, Carlos liderou uma liga de nobres que se opuseram a Luis XI, a chamada Liga do Bem Público, criada logo após a sucessão do monarca francês ao trono do reino. Desta oposição, nasceram guerras famosas da história europeia, como a Guerra do Bem Público, marcada pela afamada Batalha de Montlhéry.¹⁰

Inseridas nesse contexto conturbado de ambições e rivalidades, as *Mémoires* apresentam relatos que caracterizam o partidarismo borgonhês do autor, presente nas descrições sobre os acontecimentos marcantes da sua época. É possível percebermos nos escritos aspectos que indicam as disputas principescas das quais os duques da

⁷ Para ler uma boa análise sobre as origens da dinastia Valois da Borgonha, ver: Idem. **La Succession de Philippe de Rouvres**. In: _____. Op.Cit. pp. 3-48. E para uma boa discussão traduzida para o português, ver o capítulo escrito por Norbert Elias em: ELIAS, Norbert. **O Ressurgimento das tendências centrífugas**: a configuração dos príncipes rivais. In: **O Processo Civilizador**: formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. vol.2. pp. 118-131.

⁸ No primeiro capítulo daremos maiores explicações sobre o famoso episódio de Montreuil que deu origem às disputas entre os duques da Borgonha e os reis da França.

⁹ O caráter apaixonado da política de Carlos a qual nos referimos vem da própria alcunha que lhe foi dada por alguns escritores, a de “Temerário”. O príncipe ficou conhecido por ser impulsivo e impetuoso, criando assim uma figura apaixonada pelas próprias políticas ambiciosas que desejou colocar em prática.

¹⁰ Daremos maiores detalhes sobre este acontecimento no decorrer do primeiro capítulo.

Borgonha foram freqüentemente importantes personagens. No entanto, esses assuntos, embora curiosamente presentes de certa forma nas páginas de memórias escritas, eram geralmente temas das crônicas, que buscavam narrar em uma seqüência cronológica as grandes guerras e as histórias de importantes reinos e suas dinastias. Pois no século XV, o cronista era o historiador de ofício.

Entretanto, La Marche não procurou narrar como um cronista, mas sim como um escritor de memórias. A sua interpretação dos acontecimentos é diferente e a obra, ao invés de narrar uma história alheia ao mundo do autor, procurou recordar os principais eventos dos quais ele tinha sido testemunha. Isso contribuiu para que a sua escrita ganhasse um caráter completamente distinto, assumindo uma natureza mais pessoal e menos preocupada com o rumo dos grandes episódios da história dos príncipes, embora os traços desta estejam presentes nos seus relatos, como já dissemos. Pois, afinal de contas, La Marche viveu em um dos lugares reservados à história consagrada aos grandes personagens.

O seu olhar voltou-se mais para dentro do que para o lado de fora da corte. A sua visão era a de um cortesão, e em especial, a de um *maître d'hôtel*. Este cargo que lhe deixou famoso entre a nobreza, exercia a função de administrar e organizar o espaço da casa do príncipe, dando atenção especial à realização das cerimônias de várias naturezas e à supervisão do corpo de serviçais dos ambientes, principalmente a *bouche*, a *paneterie* e a *échanssonerie* (lugares ligados aos serviços da cozinha), bem como aos salões reservados para vários tipos de festas.¹¹

Desse modo, ele escreveu como um homem exigente e preocupado com as normas de conduta da cortesia; com a maneira em como ia realizar a descrição dos lugares cujas organizações estiveram sob sua responsabilidade. As suas memórias são curiosas e surpreendentes, pois levam o leitor a visualizar o luxo, a pompa e o esplendor que hoje os historiadores reconhecem como as principais características do ducado da Borgonha. Em plena Guerra dos Cem Anos, ele se dedicou em registrar, originando as mais célebres passagens das suas memórias, a cortesia, o refinamento e a etiqueta que tinha conhecido (e produzido) na corte dos príncipes Valois.

Sendo assim, procurando reconhecer esse caráter cortês e particular das *Mémoires*, nós nos apropriaremos do seu conteúdo para analisarmos o processo de

¹¹ Também no primeiro capítulo veremos como La Marche construiu a sua carreira na corte, ascendendo da condição de pajem a de *maître d'hôtel*.

escritura de uma obra que procurou justificar a personalidade do seu autor, afirmando-o como cortesão exemplar. Por outro lado, analisaremos como essa narrativa que assumiu uma natureza distinta das dos outros gêneros literários do período, foi capaz de criar uma realidade aristocrática e cortesã onde La Marche pudesse ser inscrito para se tornar dela participante.

Contudo, para um melhor entendimento acerca desse processo que levou o autor a se inscrever numa realidade (ou em um espaço próprio) criada no curso da sua própria narrativa, iremos problematizar a relação *história e espaços*, que será abordada sob certa perspectiva em todo o corpo deste trabalho.

Essa relação propõe o desenvolvimento de novas maneiras de abordagem do *espaço* enquanto conceito ou categoria problematizada na narrativa histórica. Procurando não reduzir tal categoria a uma natureza física, estática e preexistente ao movimento da história, o espaço ganha com isso novo lugar nos trabalhos dos historiadores. Lançando-lhe múltiplos significados, podemos percebê-lo para além da sua concretude, lidando diretamente com suas metáforas ou representações.

As *representações espaciais* não devem ser vistas como apenas o recorte geográfico que dá suporte às temporalidades históricas. Como espacialidades criadas em torno dos significados construídos pela prática dos sujeitos, elas são produtos das tramas da história, ou melhor, se formam de maneira simultânea com a própria história.¹²

Desse modo, realizando uma pesquisa que discute centralmente a relação entre a literatura construída em torno de certos significados que orientavam a visão dos homens do período estudado, observaremos a formação de um espaço que opera no nível da própria literatura das *Mémoires*. Distantes de abordarmos realidades espaciais puramente geográficas, procuraremos perceber como a prática da escrita produziu um tipo de espacialidade significada na própria narrativa. Portanto, buscaremos analisar uma representação espacial formada no movimento da história através do exercício de certo tipo de escrita que, como veremos, promoveu o nascimento do indivíduo.

¹² O trabalho do geógrafo brasileiro Antonio Carlos Robert Moraes discute com bastante propriedade o processo de significação dos espaços pela prática dos sujeitos. Embora esteja observando as categorias espaciais operadas no saber geográfico, ou seja, aquelas que possuem natureza física observável, os dois primeiros capítulos do seu livro sugerem discussões mais amplas, possibilitando o diálogo que estamos fazendo aqui com a disciplina histórica. MORAES, Antonio Carlos Robert. **A questão do sujeito na produção do espaço; Geografia e consciência do espaço**. In: _____. **Ideologias Geográficas: Espaço, Cultura e Política no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005. pp. 15-26; 27-35.

No primeiro momento da nossa análise, a obra produzida por La Marche será vista como um espaço propriamente dito. Ela será entendida como o campo de atuação do autor, tornando-se o seu próprio lugar de reflexão pessoal, o que nos levará a perceber a construção de aspectos da sua individualidade. Tal entendimento fez com que analisássemos as *Mémoires* como o *espaço do texto*, noção elaborada a partir das questões que acabamos de apresentar.

O que nos inspirou a pensar o espaço do texto foram as discussões acerca da noção de *espaço literário*, criado pelo teórico da literatura, Maurice Blanchot.¹³ Entretanto, há uma significativa diferença entre o espaço literário e o do texto da maneira como pensamos no nosso trabalho. O primeiro procura redefinir a literatura enquanto conceito, ocupando lugar de destaque nas discussões da literatura moderna e da nova crítica literária; já o segundo, o espaço do texto, caracteriza-se pelos elementos específicos do universo literário medieval, assumindo certas particularidades que o distancia da realidade analisada por Blanchot.

Contudo, resolvemos nos apropriar do sentido geral que caracteriza de maneira mais ampla o espaço literário, ou seja, partiremos da idéia de que o espaço do texto pode funcionar, sendo aplicado para pensar outra realidade, de maneira aproximada do conceito do teórico francês. Segundo Blanchot, o espaço literário funciona como o campo de atuação e encenação do indivíduo, que se constrói na literatura de múltiplas maneiras; a sua subjetividade é alcançável através dos lugares da autoria edificados no texto.¹⁴ De outro modo, o espaço do texto simboliza, antes de qualquer liberdade “exagerada” dada ao sujeito que escreve, o espaço que o homem medieval utilizou para nascer como indivíduo, “colocando-se” numa espécie de fronteira cultural existente entre o medievo e a época moderna.

A partir dessa idéia, tomaremos as *Mémoires* como o espaço do nascimento de La Marche como indivíduo, pois observaremos nas entrelinhas do conteúdo traços da sua personalidade e individualidade inscritos no curso das suas memórias pessoais. Portanto, essas memórias escritas ganham a função de servir como o campo de atuação do autor medieval, que praticando a escrita pôde iniciar o processo de construção da consciência individual de uma maneira inovadora durante o fim da Idade Média.

¹³ BLANCHOT, Maurice. **O Espaço Literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

¹⁴ Para ler sobre a caracterização mais específica acerca do “espaço literário”, ver o capítulo: Idem. **Abordagem do Espaço Literário**. In: _____. Op. Cit. pp. 27-42.

Nesse sentido, é importante apresentar a forma como entendemos o *autor medieval*. O homem de letras do fim da Idade Média não pode ser visto como um autor no sentido que as discussões modernas dão ao termo. Devido ao fato da escrita ser um universo grandemente restrito e mesmo certa “novidade” para o período, os valores de verdade que ela chegou a possuir no século XV ainda eram compartilhados com a prática da oralidade, marca da cultura medieval que sobreviveu com bastante força mesmo diante do advento da “modernidade” européia. Sendo assim, o autor de uma obra que pretendia transmitir certos tipos de conhecimentos verdadeiros, como as crônicas históricas e *mémoires*, reunia toda a autoridade do discurso em torno do seu próprio nome, visto como garantia de legitimação das informações contidas nas páginas escritas. Vemos, com isso, um autor que se justifica na figura do homem de letras e saber, dando vida à idéia, no fim do medievo, da emergência de um *indivíduo-autor*.

No mundo dos “discursos modernos”, de acordo com Michel Foucault, a autoria deve ser encarada como uma função dos discursos ou da narrativa, gerando a necessidade de separar autor e indivíduo. Para Foucault, a prática moderna da escrita apaga o sujeito da narrativa, realçando, com isso, a presença da autoria. A busca do entendimento de uma obra moderna, segundo o teórico, não deve conceber o autor como preexistente à obra, pois a autoria só existe no universo do texto, não dizendo respeito, portanto, ao mundo coletivo e particular do indivíduo enquanto pessoa. A inscrição do nome do autor cumpre apenas o estabelecimento de um estatuto conferido aos discursos, que, por sua vez, possuem os valores de verdade reunidos em torno de si.¹⁵

Portanto, dadas essas diferenças entre as formas de entendimento da autoria no fim do medievo e na modernidade, compreenderemos La Marche como um indivíduo-autor, levando em consideração que o seu trabalho como escritor caminhava ainda de maneira incipiente para o desenvolvimento do exercício autoral. Isso torna necessária a valorização da sua figura como indivíduo nascente, que procurou inserir na sua obra, registrando as suas próprias experiências, suas razões como homem da corte, interessado em ver o curso dos acontecimentos e o seu próprio lugar como pessoa de determinada maneira.

¹⁵ Cf. FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** In: _____. **O que é um autor?** Portugal: Veja/Passagens, 1992. pp. 29-87.

Essa individualização da figura de La Marche nos fará entender que, de outra maneira, ele procurou construir, a partir de intenções particulares e idealizações, um outro tipo de espaço, completamente ligado à sua personalidade cortesã. Através da escrita da sua história pessoal, buscando sempre “se lembrar” de momentos marcantes que tinha vivido, realizou, inevitavelmente, a construção de uma realidade cortesã ideal e capaz de identificar as suas motivações particulares enquanto cortesão.

Como mestre de cerimônias, era um homem versado nos hábitos e costumes da corte, escrevendo de maneira interessada em recriar a imagem dos espaços que conheceu e organizou como servidor do príncipe. Com isso realizou certa *espacialização da cortesia*, ou seja, dotou a ação dos seus discursos com o significado que a cortesia possuía enquanto conjunto de valores aristocráticos definidores do tipo de sociedade na qual se encontrava inserido. O produto de tal espacialização resultou na criação do que decidimos chamar de *espaço cortesão*, idealizado habitualmente nas páginas das *Mémoires* através de descrições faustosas de célebres cerimônias e festas da corte, eventos cotidianos que exibiam a estética luxuosa da vida nobre.

Para compreendermos melhor essa questão, é importante que apresentemos como concebemos a função que o discurso possui na nossa análise. A maneira de entendimento é a elaborada por Michel Foucault que foi apresentada na célebre conferência *A Ordem do Discurso*.¹⁶ Para ele, os discursos são mais produtores do que tradutores das realidades abordadas. Estas, por sua vez, se originam do resultado da ação discursiva que controla, organiza e seleciona aquilo que é dito sobre elas.¹⁷ No entanto, embora os discursos possuam essa função na nossa maneira de abordar os relatos das memórias que analisaremos, é importante ressaltar o cuidado em não exagerar essa força discursiva criadora, procurando perceber, por outro lado, como os discursos não apenas produzem realidades, mas também são produtos de determinada sociedade.

Realizar essa tarefa possui como objetivo central cumprir a missão lançada por Roger Chartier aos historiadores culturais: a de perceber a natureza dos discursos produzidos no passado articulando o mundo do texto com o mundo do sujeito.¹⁸ Para o historiador francês, o discurso, situado entre o olhar do historiador e o documento, serve

¹⁶ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

¹⁷ Ibidem. p.9.

¹⁸ CHARTIER, Roger. *Por uma sociologia histórica das práticas culturais (Introdução)*. In: *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. pp. 13-28.

mais como “filtro mediador” da análise histórica do que como o único elemento existente a ser problematizado nas novas maneiras de se olhar para a documentação. Concebendo dessa forma não estaremos exagerando a função do discurso na construção das realidades por ele apresentadas, tentando perceber como ele assume aspectos criados na sua própria época e não apenas possui uma natureza absoluta e preexistente de onde todas as realidades nascem.¹⁹

Procurar uma postura equilibrada na realização das análises discursivas é o trabalho de quem buscou o meio termo entre saltar de olhos vendados e fugir do desafio de sobreviver a uma queda no precipício. Para Chartier, diante das transformações que a historiografia tem sofrido nas últimas décadas de discussões teórico-metodológicas, o mais sensato e adequado é caminhar, mesmo que desconfortavelmente, *À Beira da Falésia*.

Também dialogamos fundamentalmente com as idéias de Paul Zumthor sobre a função do discurso na literatura medieval. As suas análises não diferem das dos autores comentados até aqui, entretanto, elas se tornam indispensáveis para o nosso trabalho porque apresentam as particularidades que as narrativas receberam quando foram produzidas. Para Zumthor, os discursos dessas obras geralmente escritas em prosa e que assumiam valores de verdade, recebem o nome de *palavra-força*, ou seja, a palavra escrita com autoridade suficiente capaz de fundar as realidades sobre as quais falava.²⁰ Em resumo, para o medievalista “*todo discurso é ação, física e psiquicamente efetiva*”.²¹

Com base nessas análises que concebem o discurso como prática, entendemos a ação discursiva realizada por La Marche enquanto produtora da realidade do espaço cortesão idealizado a partir da visão particular e especializada de quem foi mestre na sua organização. A sua narrativa produz espacialidade porque, como disse Michel de Certeau, “*toda descrição é (...) fundadora de espaços*”.²² Pensando a noção de *relatos de espaço* ao problematizar a cidade enquanto categoria espacial, ele afirmou que a prática de relatar ou descrever uma dada espacialidade, constrói o significado que

¹⁹ Idem. **Percorso**. In: *À Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: EDUFRS, 2002. pp.97-100.

²⁰ ZUMTHOR, Paul. **A palavra fundadora**. In: _____. **A Letra e a Voz: a “literatura” medieval**. pp. 75-95.

²¹ Ibidem. p.75.

²² CERTEAU, Michel de. **Relatos de Espaço (Práticas de Espaço)**. In: _____. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 207.

lhe é próprio, e com isso funda certa realidade, que, no caso, é mais a sua representação.²³

Certeau esteve entre os historiadores que procuraram dar um novo entendimento ao espaço enquanto categoria a ser problematizada pela disciplina histórica. A sua visão de que os sujeitos produzem cotidianamente *metáforas espaciais*, ou seja, espacialidades simbólicas que se insinuam sobre outras objetivas e concretas, motivadas pelos significados criados pelas práticas individuais ou coletivas, foi o que nos fez “transportar” o seu conceito para temporalidade mais recuada.

Os relatos de espaço são, na verdade, descrições sobre dada espacialidade, provocadas pelos discursos que expressam saberes particulares acerca da realidade abordada. É no movimento da própria descrição que o sujeito é capaz de criar um significado próprio para identificar, a partir de razões ou motivações pessoais, o espaço no qual se encontra. Em uma palavra, para Michel de Certeau, descrever ou relatar uma espacialidade também é uma maneira de cometer uma ação ou realizar uma *prática de espaço*.²⁴

Nesse sentido, a nossa intenção é analisar as descrições de Olivier de La Marche sobre os eventos da corte da Borgonha, a fim de perceber aí certa significação do espaço cortesão a partir dos valores da cortesia prezados pelo autor enquanto *maître d’hôtel*. Em outras palavras, trataremos as suas descrições como ações fundadoras do espaço da corte apresentado na narrativa. Dessa maneira estaremos compreendendo os discursos das *Mémoires* mais como criadores do que como informantes sobre sobre uma magnífica corte borgonhesa.

Para aplicar toda a discussão teórico-metodológica que apresentamos, dividimos este trabalho em três capítulos, que abordarão certas questões na seguinte ordem: a apresentação sumária do conteúdo das *Mémoires* a partir do período em que os relatos foram produzidos, percebendo como estes receberam significados diversos criados durante a trajetória cortesã do autor; o significado da tradição da memória medieval presente nos objetivos da obra de La Marche, o que levará à problematização do nascimento do indivíduo na escrita da memória; e, finalmente, uma análise sobre as descrições de festas e eventos da corte da Borgonha que revelarão a imagem do espaço cortesão produzido pela narrativa de um *maître d’hôtel* escritor.

²³ Ibidem. p. 207.

²⁴ Ibidem. p. 207.

Mas antes de iniciarmos uma apresentação mais detalhada das partes do nosso trabalho, devemos ressaltar primeiramente que por acreditarmos que as *Mémoires* nasceram das questões pessoais do autor, elas não serão entendidas como relatos capazes de informar toda a verdade sobre a época que ela aborda, ou seja, a segunda metade do século XV. Isso significa que escaparemos da abordagem histórica que concebe os escritos como testemunhos para a construção de uma “história da Borgonha” no contexto do cenário político europeu durante o fim da Idade Média. O que faremos, no entanto, é procurar contextualizar o conteúdo de alguns relatos com o que se conhece, historicamente falando, sobre o período ou mesmo sobre aquilo que eles conseguem informar.

Sendo assim, o primeiro capítulo do nosso trabalho apresentará o processo de escritura da obra na trajetória cortesã de Olivier de La Marche entre as duas cortes principescas onde viveu e foi servidor. Na da Borgonha, durante grande parte da sua vida (1439-1477); e na da Áustria dos senhores Habsburgo, já durante sua velhice a partir da década de 1480 até 1502, ano do seu falecimento. O nosso objetivo com isso é perceber como as *Mémoires* assumiram os traços da vida cortesã do autor em diferentes períodos, podendo ser percebidas assim duas fases que constituíram o seu processo de escritura: a “fase Valois” (1472-1477) e a “fase habsburga” (1488-1501). Nosso trabalho neste momento será de constituir verdadeiras sínteses sobre o que o autor escreveu em cada um desses períodos, assim como apresentaremos os principais aspectos que marcaram a sua vida como cortesão.

Após abordarmos esse processo de escritura, tentando encontrar clareza numa cronologia confusa de uma obra descontínua e complexa, dedicaremos um tópico à discussão que iniciará o processo mais amplo de particularização da escrita da memória, a fim de conhecer melhor sua natureza. Neste momento estabeleceremos a diferença essencial existente entre o caráter desse tipo de narrativa e a natureza literária das crônicas.

Em grande medida, a “cronologização” da produção das *Mémoires* e o cuidado com que procuramos perceber de forma diferenciada a escrita da memória no século XV, nós devemos originalmente ao trabalho da teórica da literatura, Catherine Emerson. Esta autora trabalhou com todas as edições manuscritas e impressas das *Mémoires* de La Marche que circularam na Europa do século XVI ao XIX, podendo perceber o período em que muitos dos relatos foram produzidos, apresentando com isso

a natureza complexa da obra.²⁵ Essa cronologia não é apresentada na edição impressa que utilizamos, de modo que o trabalho de Emerson se tornou indispensável para a realização desta pesquisa.²⁶

A rica e aprofundada obra da autora nos apresentou dados e discussões que influenciaram questões importantes sem as quais o nosso trabalho não poderia ter se desenvolvido da maneira como estamos apresentando aqui. Ela nos mostrou terreno firme sobre o qual pudemos caminhar e desenvolver questões centrais, especialmente a do segundo capítulo que procurou analisar o nascimento do indivíduo a partir de uma leitura mais crítica das *Mémoires*. No entanto, a maneira como levantamos o problema da emergência da individualidade ganhou outros contornos do ponto de vista do historiador, trazendo resultados novos a partir de discussões que o trabalho da teórica da literatura não intencionou realizar.

Emerson considerou que o tipo de produção realizada por La Marche revela certa *retórica autobiográfica*, que inseriu no texto aspectos da vida pessoal do autor, constituindo com isso um tipo de narrativa diferente para o período.²⁷ A sua abordagem procurou analisar a obra a partir das revisões da literatura moderna acerca do conceito de *retórica*, constituindo assim um importante estudo medievalista realizado no campo da teoria literária. A sua insistência foi em afirmar que o tipo de escrita que procurou relatar as experiências pessoais do próprio escritor assumiu certas especificidades, não podendo ser analisada de maneira generalista ou despreocupada com as intenções e motivações inscritas subjetivamente na narrativa.

Esse trabalho foi o único que nos apresentou uma perspectiva inovadora construída em torno da escrita de Olivier de La Marche, a partir da qual nós pudemos avançar na elaboração de uma problemática que abordasse sob outra ótica, ou seja, motivados pelas preocupações da historiografia, o problema da emergência do sujeito no campo da escrita. Nesse sentido, lançamos questões que a autora não aprofundou em seu trabalho, até porque este buscou obedecer as lógicas das análises do campo da teoria literária como já foi dito. Entretanto, a nossa questão procurou analisar o exercício autoral influenciado pela tradição da memória medieval, aspecto que apresenta uma

²⁵ EMERSON, Catherine. **Olivier de La Marche and the rhetoric of fifteenth-century historiography**. Woodbridge: The Boydell Press, 2004.

²⁶ Para ver especificamente o capítulo que forneceu a cronologia das *Mémoires*, ver: Idem. **Putting a Date to the Mémoires**. In: Op.Cit. pp. 6-32.

²⁷ Idem. **L'autobiographie moyenâgeuse: Genre in the Mémoires**. In: _____. Op.Cit. p.44.

nova abordagem das *Mémoires* por trazer resultados que julgamos importantes para este trabalho.

Ao perceber os valores dessa tradição da memória na escrita do século XV, entramos numa questão bastante importante para a historiografia, qual seja, o nascimento do indivíduo na fronteira histórica que separa o fim da Idade Média do começo da Idade Moderna através do Renascimento Cultural, fenômeno considerado geralmente como um verdadeiro “divisor de épocas”. Desse modo, acreditamos que nos colocamos diante da emergência da individualidade na análise das *Mémoires* gerou uma abordagem inovadora. Em primeiro lugar, porque a discussão girou em torno de questões próprias da disciplina histórica; depois, porque a nossa preocupação não foi discutir conceitualmente a retórica ou a existência de uma “autobiografia medieval”, mas sim de nos lançarmos no cumprimento da tarefa de qualificar e particularizar a escrita da memória a partir de valores e significados medievais que procuramos apresentar e problematizar historicamente no desenvolvimento dos capítulos.

Sendo assim, reafirmamos a contribuição importante do trabalho de Catherine Emerson, que nos conduziu na busca das discussões que foram fundamentais para a elaboração das questões que procuramos tratar historicamente. Acreditamos que partindo de certas idéias desenvolvidas pela autora, pudemos operar nossa análise no nível da historiografia, trazendo novas perspectivas que nos levará, como veremos, a outras conclusões acerca das *Mémoires* de Olivier de La Marche.

No seguimento das discussões, poderá ser percebido que muitos trabalhos que abordaram direta ou indiretamente essas memórias escritas não se preocuparam com o fato do seu autor ter intencionado escrever memórias, tomando-o geralmente como um cronista. Nesse sentido, nos esforçaremos para ressaltar a importância (metodológica, inclusive) de se qualificar a natureza da escrita da memória no século XV, distinguindo-a da literatura oficial das crônicas.

Isso promoverá imediatamente a pergunta central que buscamos responder no segundo capítulo: o que significava, então, escrever memórias? Para responder esta questão procuraremos pelo próprio significado que a memória possuía na época em que La Marche produziu os seus relatos. Encontraremos, assim, as razões e os motivos da antiga tradição da arte da memória a qual já nos referimos. Tal tradição, herdada da Antiguidade clássica e iniciada no círculo fechado do mundo eclesiástico durante o medievo, possuía o objetivo de edificar, através do exercício da rememoração, uma

razão moralizante capaz de contribuir para a formação do homem cristão. Contudo, do século XIII em diante, a tradição passou por um crescente processo de laicização, lançando sobre os eruditos e letrados do século XV os seus valores ainda vigentes, embora muitas vezes não apresentados em escritos de várias naturezas.

Seguindo esse percurso, perceberemos amplamente que as declarações de La Marche contidas nos prefácios produzidos nas duas fases da obra obedecem à lógica dessa tradição, o que sugere a particularização de um tipo de escrita construída em torno do significado moral da memória durante o fim do período medieval.

A maior contribuição para a realização dessa análise foi, sem dúvida, *A Arte da Memória*, de Frances Yates. O livro é um belo presente para os pesquisadores interessados na historicização da memória enquanto conceito e significado próprio de uma época. As ricas discussões acerca da arte da memória medieval farão com que percebamos que as *Mémoires* carregavam, mesmo sem declarar, os aspectos moralizantes e a principal busca do exercício da memória: a construção da prudência, considerada a virtude magna.²⁸

As análises propostas por Le Goff também foram indispensáveis para a discussão sobre a memória na Idade Média. O medievalista francês contribuiu com definições específicas sobre as técnicas de rememoração que nos fizeram entender as motivações pessoais que levaram La Marche a produzir um tipo de literatura particular.²⁹ Mesmo que Le Goff não aceite a transição da Idade Média para a Idade Moderna através do Renascimento Cultural, as suas análises sobre a relação história e memória nos ajudaram a situar a literatura das *Mémoires* na transição para, senão uma época moderna, outro momento marcado pelas alterações na maneira do homem perceber a si próprio. A partir dessa idéia, tomaremos as memórias escritas no fim do medievo como narrativas precursoras do gênero dos tratados de memória, que se cristalizariam no século XVI e se tornariam os campos literários onde o indivíduo pôde se afirmar através do exercício da escrita.

Toda essa análise sobre a memória enquanto conceito e significado específico de um período histórico tentará alcançar parte do objetivo imposto aos historiadores por Pierre Nora, o de diferenciar a história da memória.

²⁸ Trabalhamos especialmente com os sete primeiros capítulos, que abordam a arte da memória da Antiguidade clássica ao Renascimento. Entretanto, vale à pena conferir a obra completa: YATES, Frances A. **A Arte da Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

²⁹ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

Na década de 1980, Nora ensinava aos historiadores justamente a libertar a história através da distinção entre esta, uma disciplina, e a memória. Disse no artigo que abriu a famosa coleção *Les Lieux de Mémoire*, que a primeira era uma representação relativa do passado; já a segunda, o sentido da vida enraizado no presente.³⁰ Desse modo, a história opera contra a memória, violando a sua natureza absoluta e apropriando-se dela para construir um significado contemporâneo do historiador, lançando-o sobre aquilo que lhe é distante.

Estaremos cumprindo essa tarefa ao utilizarmos a discussão que visou particularizar o sentido dado à memória medieval, diferenciando esta última da concepção que os historiadores modernos possuem sobre a memória. No curso dessa análise, apropriando-nos do entendimento particular dessa memória estudada, lançaremos sobre as *Mémoires* de Olivier de La Marche um significado compreensível e útil aos historiadores, mas que age contra o sentido original construído no período.

La Marche foi movido por aquilo que Nora chamou de “*vontade de memória*”.³¹ Essa intenção de criar artificialmente a memória pelo registro da informação é constitutiva dos “*lugares de memória*”, criados como tais para se transformarem em “restos” utilizados pelos objetivos e métodos da disciplina histórica.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (...) E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos da história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva.³²

Essa intenção própria de La Marche em registrar as suas experiências pela escrita da memória também constituiu uma grande novidade para a época, qual seja, um tipo de narrativa capaz de inaugurar os primeiros aspectos da individualidade no contexto da transição da Idade Média para a época moderna. A partir dessa idéia, problematizaremos o nascimento do indivíduo no campo da escrita medieval, universo

³⁰ NORA, Pierre. **Entre Memória e História:** a problemática dos lugares. In: **Les Lieux de mémoire**. I La République, Paris: Gallimard, 1984. pp. XVIII-XLII. Tradução feita por Yara Aun Houry, autorizada pelo editor da Editions Gallimard 1984.

³¹ Ibidem. p. 9.

³² Ibidem. p.13.

cultural que preparou, desde séculos anteriores, a gestação da consciência individual que formaria posteriormente, no ritmo acelerado pela idéia de um Renascimento que descortinou novos tempos, o “homem moderno”.

Contudo, estaremos interessados mais em perceber a “transformação” do homem medieval em indivíduo, do que procuraremos afirmar plenamente a idéia de um sujeito totalmente moderno, consciente da sua autonomia e subjetividade. A partir disso, tomaremos as *Mémoires* como uma obra que adotou a forma da transição, bem como o seu autor será visto como um homem que construiu no espaço reservado à escritura, traços dessa consciência própria, mesmo estando inserido em um mundo real ainda mantido pelas tradições das hierarquias coletivas do feudalismo. É que a escrita, assim como a arte figurativa, tornou-se pouco a pouco, no fim da Idade Média, o espaço da reflexão pessoal e às vezes até da introspecção, gerando, portanto, o nascimento da *consciência de si*.

Para embasar essa discussão, as análises de Georges Duby e Philippe Braunstein deram contribuições importantes. Procurando encontrar a dimensão dos espaços privados no estudo da sociedade medieval, esses historiadores perceberam que o universo literário, a partir do século XI, preparou a gestação do indivíduo que veio a rebentar nas proximidades do Renascimento.³³ Entenderemos nesse percurso como os traços de certa natureza individual, concebida inicialmente apenas em torno de figuras fictícias dos romances medievais, abandonou o personagem inventado para lançar-se sobre o autor do fim da Idade Média.

Em algumas passagens das *Mémoires* a presença da consciência individual de La Marche pode ser largamente percebida. Seleccionaremos para realizar as nossas análises duas passagens em especial: a memória sobre a entrada de Jacques de Bourbon em Pontarlier, e o episódio do ingresso de La Marche na corte da Borgonha. O primeiro acontecimento aparece nos escritos produzidos durante os anos borgonheses como a “primeira memória” do autor, sendo seu único relato não-cortesão. Já o episódio do ingresso na casa de Filipe *O Bom* é visto como uma maneira encontrada para autorizar a si próprio como a “testemunha privilegiada” da corte, construindo o seu lugar de fala no texto. Ambas as experiências pessoais relatadas serão problematizadas como formas de inserir na narrativa aspectos da personalidade e da individualidade do autor.

³³ DUBY, Georges; BRAUNSTEIN, Philippe. **A Emergência do Indivíduo**. In: DUBY, Georges; ARIÈS, Philippe (Orgs.). **História da Vida Privada**: da Europa Feudal à Renascença. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. v.2. pp. 503-526.

Assim, a natureza dos discursos de Olivier de La Marche, intencionando construir “memórias verdadeiras” para o cumprimento de certa tarefa moral, assume o valor de verdade que o próprio autor insistiu em declarar nas páginas iniciais. Estamos diante, portanto, de uma obra que pode ser grandemente explicada através da sua relação mantida com o indivíduo, que desenvolvendo certa consciência autoral, procurou construir o espaço do seu próprio nascimento na literatura.

No desenrolar de toda essa discussão que liga a escrita da memória ao nascimento do indivíduo no espaço do texto, daremos atenção especial às questões da escritura medieval. Para isso trabalhamos com algumas das principais idéias de Paul Zumthor sobre o assunto, especialmente o movimento que levou a autoridade da palavra da voz para o texto nos séculos finais do medievo.³⁴ Essa análise contribuirá bastante para encontrarmos uma caracterização adequada para o tipo de narrativa produzida por La Marche, bem como para ajudar na busca, ao lado de outras discussões realizadas no capítulo, das razões que possibilitaram o registro das suas memórias.

Conceber a narrativa das *Mémoires* como o espaço de nascimento do indivíduo nos levará à função espacializante dos discursos que lhe dão sentido. Toda a discussão sobre o processo de escritura a partir da experiência cortesã de La Marche, servirá para compreendermos a natureza da escrita da memória influenciada pelos lugares de fala ocupados pelo autor. Dessa maneira, a essência cortesã dos discursos do escritor que era reconhecido por ser *maître d'hôtel*, ou seja, mestre de cerimônias, produziu a realidade aristocrática que encontramos nas páginas da sua obra. A essa realidade demos, como já dissemos, o nome de espaço cortesão, título do nosso terceiro capítulo que analisará como o espaço da corte descrito por La Marche foi produzido por sua ação discursiva.

Antes de tudo, é preciso procurar pelo significado da cortesia a fim de compreendermos melhor o tipo de espaço criado na narrativa. Foi tal significado, construído no Ocidente a partir do século XI, que possibilitou o surgimento das novas formas da sociedade de corte do fim da Idade Média. Discutiremos a formação dessa sociedade cortesã, que teve como um dos melhores exemplos a corte da Borgonha. Para

³⁴ A principal obra de Paul Zumthor que utilizamos para essa discussão é: ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz**: a “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Outra obra do mesmo autor que utilizamos com menos frequência, mas que é de igual importância é a seguinte: Idem. **Essai de Poétique Médiévale**. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

isso, nos embasaremos em estudos de autores como Norbert Elias, Bernard Guenée e José Luis Romero.

Dedicaremos as discussões especialmente à função que as cerimônias e festividades possuíam naquele tipo de “sociedade teatralizada”; que se reconhecia distinta e privilegiada ao exibir a estética do luxo possível somente aos membros da aristocracia de corte. Veremos ainda que a cerimônia, seja um banquete, casamento ou festa da cavalaria, apresentava os traços mais fortes da sociabilidade nobre condicionada aos padrões do comportamento cortês, justificando assim a nossa escolha em privilegiar os relatos que descreveram esse aspecto da vida cortesã.

Nesse sentido, o terceiro capítulo propõe, de outra maneira, a análise da prática da cortesia, que compreende as formas do comportamento polido ou “civilizado”, nos discursos produzidos por La Marche. A forma como exaltou e idealizou a corte da Borgonha através dos relatos de destacadas cerimônias, constituiu um meio de espacializá-lo a partir da sua visão especializada de *maître d’hôtel*. Com isso, analisaremos como a sua narrativa sofreu total influência da formação cortesã que o educou.

Procurando confirmar essa idéia, selecionaremos dois importantes relatos de cerimônias tornadas célebres pelos seus “discursos memoráveis”. O primeiro deles, promovido pela corte de Filipe *O Bom* no ano de 1454, foi o Banquete do Faisão, uma das mais famosas festas nobres do século XV que reuniu membros da aristocracia e cavaleiros representantes da Cristandade. Em seguida, veremos como La Marche agiu como um verdadeiro *maître d’hôtel* ao escrever detalhadamente sobre a organização do Casamento de Carlos *O Temerário* e Margarida de York, realizado em 1468.

Entre essas análises discutiremos também o caráter político que essas festas possuíam na época. Sempre procurando exaltar as personalidades dos príncipes, o espaço cortesão era preparado para servi-los, destacando as suas imagens a partir de temáticas e motivos que transmitiam mensagens relacionadas às principais questões políticas do período. Dentre estas se destacavam a ameaça da Cristandade pela expansão do mundo oriental que motivou a criação de “políticas cruzadísticas” no século XV; e o contexto interno de rivalidades entre grandes senhores que ambicionavam expandir os seus domínios e poderio. Para ilustrar esta última questão, daremos atenção especial à disputa entre os dois últimos duques da Borgonha e os reis da França, esta que já apresentamos no início da introdução.

Como se pôde perceber, cada um dos capítulos apresentará uma questão particular que sustentará a lógica do seguinte. Tratamos nesta introdução de apresentar o conteúdo do trabalho de maneira geral, promovendo a discussão teórico-metodológica que levou à problematização central desta dissertação de mestrado: perceber como La Marche foi capaz de se afirmar como indivíduo através da escrita da memória, criando pela ação dos seus discursos um espaço que justificasse e exaltasse a sua personalidade enquanto homem da corte e, mais precisamente, *maître d'hôtel*.

É importante informar ao leitor do nosso trabalho que a apresentação e análise das fontes realizada em todo o corpo do texto serão acompanhadas de discussões específicas de cada capítulo dentre as quais algumas não foram comentadas aprofundadamente aqui, mas que poderão ser acompanhadas na íntegra no decorrer do trabalho. Em alguns destes casos, buscamos realizar a historicização de termos e conceitos centrais para a pesquisa. Em especial foi o caso das discussões sobre *memória medieval*, *emergência do indivíduo*, *cortesia* e *sociedade de corte*.

As imagens que anexamos em algumas partes do trabalho possuem intenção meramente ilustrativa, não sendo consideradas como parte da nossa documentação. Geralmente procuramos relacioná-las a alguma discussão específica em cada um dos capítulos, promovendo apenas uma livre visualização de certas figuras que servem, antes de tudo, para embelezar o texto.

Sem mais demoras devemos iniciar a nossa crítica das memórias cortesãs de Olivier de La Marche, entrando em contato (ou invadindo) com o mundo cheio de esplendor que apresentou para os leitores da sua obra. Durante esse percurso às vezes encantador e sedutor, estaremos sempre atentos à tarefa de procurar pelas motivações pessoais que impulsionaram o autor das *Mémoires* a realizar a nobre tarefa de recordar o seu próprio passado de pena em punho.

I

A TRAJETÓRIA CORTESÃ DE OLIVIER DE LA MARCHE E A ESCRITA DAS *MÉMOIRES*.

As *Mémoires* começaram a ser escritas por volta de 1472 quando La Marche era servidor da corte de Carlos *O Temerário*, último duque da dinastia Valois da Borgonha. Não tendo finalizado a obra como desejava, a produção foi interrompida em 1501, pouco antes da sua morte.³⁵

Esse longo período de produção acompanhou a trajetória do autor na corte da Borgonha e, durante a fase final da sua vida, na casa dos príncipes austríacos da dinastia Habsburgo. Famoso e reconhecido pelos serviços que realizou na corte borgonhesa dos duques Valois, Olivier de La Marche foi um homem que ascendeu socialmente através das funções cortesãs que aprendeu a desempenhar com habilidade e eficiência.

Durante a sua trajetória na corte da Borgonha, La Marche passou de aprendiz a mestre. Nas informações contidas nas páginas introdutórias das suas memórias, podemos constatar que ele saiu da condição de simples pajem para se tornar inicialmente *ecuyer-panetier* e depois *mâitre d'hôtel*. A primeira função, que foi uma espécie de reconhecimento inicial da sua habilidade em servir, lhe deu a oportunidade de se tornar um *chef d'office*.³⁶ Em resumo, ele era o “chefe da cozinha” (e não um “chefe de cozinha”) responsável pela organização das refeições dos duques e dos nobres que se ligavam a eles. E antes que pensemos equivocadamente no caráter inferior desse serviço, Norbert Elias nos lembra que os ofícios de *paneterie*, entendidos como aqueles da cozinha da corte, eram bem pagos e reconhecidos. Nas grandes casas principescas, eles se constituíam no preparo especializado do pão e do vinho que deveriam ser servidos nas refeições que contavam com a presença do príncipe.³⁷

Já a função de *mâitre d'hôtel* só foi alcançada por volta de 1461, depois de cerca de vinte e dois anos de serviços prestados à casa de Filipe *O Bom*, terceiro duque da dinastia Valois. Esse era um dos principais cargos e consistia na organização das

³⁵ EMERSON, Catherine. Op. Cit. pp. 6-32.

³⁶ LA MARCHE, Olivier de. **Préface**. In: Op. Cit. T. IX. pp. 233-236.

³⁷ ELIAS, Norbert. **Estruturas de habitação como indicadores de estruturas sociais**. In: **A Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. pp. 66-84.

cerimônias ducais e na supervisão do corpo de serviçais da casa. Não é à toa que as *Mémoires* têm como marcas da sua narrativa as descrições minuciosas de festas, casamentos, banquetes e eventos de cavalaria capazes de levar o leitor a se surpreender com a grandiosidade com que esses eventos foram narrados. Sem dúvidas, a visão do La Marche escritor é em grande medida, a do *maître d'hôtel*.

Mas mesmo tendo alcançado essa posição elevada na corte, La Marche não foi o cortesão mais importante da casa de Filipe. Ele conviveu com homens de maior reconhecimento e que são homenageados nas páginas iniciais do seu trabalho, especialmente Mathieu de Coussy, Jean de Saint-Remy e Georges Chastellain, este último conhecido por ter sido o maior historiador da corte da Borgonha.³⁸ O interessante nessa homenagem feita a certos cortesãos está justamente no fato de que todos eram escritores ou se dedicaram à tarefa de escrever em algum momento de suas vidas, como Jean de Saint-Remy, que era oficialmente o rei-de-armas da famosa ordem de cavalaria do Tosão de Ouro.³⁹

Os escritores eram vistos no mundo aristocrático como homens distintos, selecionados entre a nobreza por possuir certo conhecimento erudito proveniente das letras. Como disse Michel Zink, “a oposição entre ‘letrados’ e ‘iletrados’ era definitiva”⁴⁰ e a escrita ganhou, com isso, a tarefa importante de assegurar o enobrecimento da gente cortesã no ocaso medieval.

La Marche só se tornou o servidor mais importante da corte durante o governo de Carlos *O Temerário*. Além de ter tido mais destaque como *maître d'hôtel*, reuniu títulos valiosos que o levaram diretamente ao envolvimento com as questões políticas do seu senhor. Foi nessa época que ele encontrou a oportunidade e a condição apropriada para iniciar a enobrecedora tarefa de escrever. Seria uma maneira de confirmar e assegurar o que tinha conquistado naquela altura da vida? Em um dos seus prefácios, ele procurou anunciar alguns títulos que fazia dele um homem de valor nobre: “*Eu (...) Olivier, senhor de La Marche, cavaleiro, conselheiro, maître d'hôtel, e capitão da guarda do mui alto, virtuoso e vitorioso príncipe Carlos, primeiro deste nome, pela*

³⁸ LA MARCHE, Olivier de. Op .Cit. pp. 233-236.

³⁹ A ordem do Tosão de Ouro foi fundada em 1430, na ocasião do terceiro casamento de Filipe *O Bom* com a Infanta Isabel de Portugal da dinastia de Avis. A instituição tornou-se o centro de toda a ritualística da corte borgonhesa, bem como a força maior da política senhorial e cavalheiresca praticada pelos duques.

⁴⁰ ZINK, Michel. **Literatura(s)**. In: LE GOFF, Jacques. SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). In: **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: EDUSC, 2006. v.II. p.81.

graça de Deus duque da Borgonha (...).⁴¹ Essas palavras não querem simplesmente informar os títulos, mas realizar a exaltação da própria pessoa.

Na casa de Carlos, La Marche não era somente *maître d'hôtel*, mas um “cortesão completo” que chegou a exercer os ofícios das armas, um verdadeiro privilégio na corte borgonhesa durante o século XV. Ser cavaleiro e chefe da guarda ducal tinha importância imensurável para um homem que vivia na corte da Borgonha, caracterizada pelos símbolos da cavalaria. O próprio príncipe se via como cavaleiro, principalmente se falarmos da personalidade do último duque borgonhês.

Segundo Catherine Emerson, a carreira militar alcançada pelo servidor ducal nessa época foi um dos principais assuntos dos biógrafos do autor que organizaram as edições manuscritas e impressas das *Mémoires* nos anos posteriores a 1502.⁴² As motivações políticas dos editores preocupados com a construção da história dos Estados nacionais, onde a participação dos exércitos profissionais recebeu contornos importantes, provavelmente provocaram a escolha pelos aspectos militares da vida do autor.

O título de cavaleiro parece ter sido o mais significativo para o servidor da casa que foi um dos últimos redutos da cavalaria no fim da Idade Média. Segundo Emerson, o privilégio foi adquirido durante a batalha de Montlhéry em 1465, num dos episódios mais famosos da Guerra do Bem Público.⁴³ Esta foi produto da revolta de um grupo de importantes vassallos franceses contra o reinado de Luis XI, que havia se tornado rei da França em 1461, sucedendo o seu pai Carlos VII.

Ao assumir a coroa, o novo rei tinha retirado títulos e cargos de nobres importantes ligados ao reino, o que gerou uma violenta oposição contra o seu governo.⁴⁴ Na liderança desta oposição estava Carlos da Borgonha, na época conde do Charolais e herdeiro do ducado que ainda era ocupado pelo seu pai, Filipe *O Bom*.

A ligação de La Marche com o futuro príncipe “Temerário” não se deu apenas quando este último se tornou duque. O cortesão borgonhês se aproximou mesmo

⁴¹ Tradução do original: “Je (...) Olivier, seigneur de La Marche, chevalier, conseiller, maistre d'hostel, et capitaine de la garde de treshaut, vertueux et victorieux prince Charles, premier de ce nom, par la grâce de Dieu duc de Bourgogne (...)” LA MARCHE, Olivier de. **Preface**. In: Op. Cit. p.235.

⁴² Foi em 1502 que La Marche veio a falecer. EMERSON, Catherine. **L'autobiographie moyenâgeuse: Genre in the Mémoires**. In: _____.Op.Cit. p.44.

⁴³ Ibidem. p.63.

⁴⁴ Ver com mais detalhes: SILVA, Victor Deodato da. **A “Guerra do Bem Público” e a batalha de Montlhéry**. In: **Cavalaria e Nobreza no fim da Idade Média: a crise do combatente montado** (da guerra feudal a guerra moderna). Belo Horizonte: Itatiaia – São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1990, vol.1. pp. 266-270.

quando aquele ainda era herdeiro do trono. Como conde, Carlos, ao contrário do seu pai, escolheu adotar medidas hostis contra o reinado de Luis XI de França buscando resolver questões que haviam nascido num passado ainda recente. Foi nesse contexto que La Marche preparou a sua ascensão no ducado, de maneira que quando o herdeiro subiu ao trono após a morte do pai, em 1467, vemos também a subida do servidor ducal como importante cortesão buscando alcançar o ponto máximo da sua carreira.

Para confirmar essa idéia podemos mencionar a análise feita por Catherine Emerson sobre a Batalha de Montlhéry presente nas *Mémoires*. A autora acredita que os escritos sobre este episódio foram produzidos muito depois do acontecimento, por volta da década de 1490, durante os anos habsburgos de La Marche.⁴⁵ Considerando que tenha sido esse o caso, isso só serve para notarmos as motivações particulares que levaram o autor a escrever sobre certos eventos exaltando nestes a sua participação.

De uma maneira geral, a excelência da figura de La Marche como cortesão também resulta da ação que os seus discursos realizam na obra. Adotando uma visão particular dos acontecimentos de acordo com a posição que ocupava na corte, construiu a grandeza do ducado para edificar a si próprio.⁴⁶ Isso pode ser visto em grande medida nos relatos produzidos durante as duas fases de escrita das suas memórias.

Estas podem ser apresentadas da seguinte maneira: a primeira fase compreende o período de 1472 a 1477, época na qual o autor serviu como *maître d'hôtel* a corte da Borgonha sob o governo de Carlos. A segunda teve início no fim da década de 1480 e compreende o período no qual La Marche foi servidor da corte austríaca dos príncipes da dinastia Habsburgo. Em cada uma destas fases o autor atribuiu significados distintos para a obra, procurando adequar a escrita das suas memórias às suas experiências cortesãs.

Como já chamamos atenção na introdução, a edição das *Mémoires* que utilizamos não apresenta as fases dessa maneira. Os escritos produzidos nos dois momentos distintos da vida do autor foram reorganizados nas versões impressas produzidas algum tempo depois, buscando atribuir um sentido linear à obra, desconsiderando ou desconhecendo os diferentes períodos da vida do autor em que ele se dedicou a escrever.

⁴⁵ EMERSON, Catherine. Op. Cit. p. 68.

⁴⁶ Embora tenhamos anunciado de certa forma a tendência do autor sempre procurar construir sua própria figura na obra, essa será uma das abordagens que aprofundaremos nos próximos capítulos.

Entretanto, procuramos discutir essas memórias cortesãs buscando esclarecer a cronologia da sua escrita, apresentando as interrupções que comprometeram sua unidade, assim como as diversas preocupações do autor surgidas em momentos diferentes da sua trajetória. Acreditamos que este trabalho ajudará bastante para construir uma visão mais clara de todo o conjunto da produção, bem como para compreendermos com mais profundidade o universo que motivou a sua escrita.

1.1 – A “FASE VALOIS” (1472-1477)

Os escritos da fase Valois abordam da primeira experiência pessoal do autor até certos episódios da época de Carlos, resultando na produção do primeiro livro e em parte do segundo. Da maneira como as memórias estão organizadas na edição impressa que analisamos, é possível perceber que esse primeiro livro está completo, iniciando com a narração emblemática da entrada de Jacques de Bourbon em Pontarlier, datada de 1435, até a morte de Filipe *O Bom*, em 1467. Já o segundo livro é incompleto e apresenta relatos produzidos nas duas fases, apontando a transição para o governo do *Temerário* até os dias atuais do autor.

O primeiro livro produzido nos anos borgonheses apresenta uma narrativa mista, ora preocupada com uma “história política” da Borgonha, ora centrada nos aspectos internos da vida cortesã, assuntos nos quais La Marche era especialista. Após a apresentação da sua primeira memória, sobre a entrada de Jacques de Bourbon na cidade de Pontarlier (tema ao qual voltaremos com mais profundidade no segundo capítulo), La Marche experimentou, em um tipo de narrativa mais ligada à sua experiência, a historicidade. Tentando se apropriar de um passado que não tinha vivido, mas ao qual se sentia pertencido, por estar inserido na corte que encontrava a sua justificativa na história dinástica, decidiu apresentar ao leitor da sua obra os relatos de acontecimentos importantes que eram assuntos das mais famosas crônicas.

Nesse sentido, ele preparou um resumo sobre a época de João Sem Medo, que precedeu o seu próprio tempo. Esse período relatado praticamente inaugurou as principais querelas políticas sobre as quais os futuros duques, Filipe e Carlos, elaborariam os seus planos de governos. Dentre tais querelas, está a famosa disputa entre o duque da Borgonha e o de Orleães, que praticamente dividiu em dois grupos,

borgonheses (ou borguinhões) e *armagnacs*, as casas que compunham o reino da França. Essa questão, sobre a qual nós daremos mais detalhes e voltaremos a falar sob outra perspectiva no próximo capítulo, alimentou as futuras décadas de rivalidade entre os duques da Borgonha e os reis da França, Carlos VII e Luis XI.

A disputa entre borgonheses e *armagnacs* levou à assinatura de um dos mais famosos tratados de paz do século XV europeu, episódio que marcou todo o governo de Filipe *O Bom*: a Paz de Arras (ou Tratado de Arras), acordada em 1435. O acordo feito entre o ducado da Borgonha e a França procurou amenizar, durante a Guerra dos Cem Anos, a tensão interna que acometia o reino de Carlos VII, muito mais preocupado naquela altura com as investidas dos ingleses contra seus domínios. Para relatar esse grande evento que precedeu a sua entrada na corte (embora tenha ocorrido no ano da sua primeira memória, o que entenderemos posteriormente), o autor das *Mémoires* utilizou uma cópia do tratado assinado entre o senhor da Borgonha e o rei da França, reproduzindo os principais itens em um capítulo da sua obra.⁴⁷

Esse “exercício historiográfico” realizado por La Marche pretendia ligar sua personalidade cortesã aos principais acontecimentos que definiam a natureza do ducado da Borgonha Valois na época em que começou a escrever. Foi uma maneira partidária que o autor encontrou para se inscrever no curso dos acontecimentos que formavam a história da qual desejava fazer parte.⁴⁸

Os capítulos seguintes já iniciam os relatos das experiências próprias do autor, buscando escrever a partir de então o curso da sua história pessoal que o levou ao encontro da corte da Borgonha ainda durante a sua infância. Em 1439, na cidade de Chalon-sur-Saône, aos treze anos de idade, La Marche fora apresentado ao duque Filipe, maneira pela qual ingressou na corte borgonhesa como pajem, uma espécie de aprendiz do mundo nobre e cortesão.⁴⁹

Daí para frente todos os eventos narrados no primeiro livro são relatos de acontecimentos vividos pelo autor. O caráter da narrativa ganhou notoriamente novos

⁴⁷ Para ver o capítulo no qual La Marche se dedicou a esse assunto no primeiro livro das *Mémoires*: LA MARCHE, Olivier de. **De la paix d'Arras, et de la copie du traité fait entre le roy Charles septième et le bon duc Philippe de Bourgogne**. In: Op. Cit. pp. 251-287.

⁴⁸ Deixaremos para explorar mais essa questão no próximo capítulo, que tratará do nascimento do indivíduo na escrita da memória.

⁴⁹ De maneira semelhante a alguns episódios apresentados aqui, voltaremos a dar mais detalhes e a analisar essa passagem da obra nas questões que fazem parte do próximo capítulo. A referência para o capítulo nas *Mémoires* é: LA MARCHE, Olivier de. **Comment la guerre continua entre les François et Anglois: et comment l'auteur de ces presens Memoires fut mis page en la maison de bon duc Philippe de Bourgogne**. In: Op.Cit. pp. 287-293.

contornos e preocupações. Devemos lembrar que os relatos foram escritos anos ou décadas após a realização dos acontecimentos, já que supostamente se tratava do exercício de rememoração do autor que na época em que escrevia, ou seja, início dos anos 1470, exercia as funções de *maître d'hôtel* e era um dos mais importantes cortesãos da casa de Carlos *O Temerário*.

Seguem, nesse sentido, descrições dos encontros dos duques com nobres de outros reinos importantes que se tornaram com o passar do tempo os mais fortes aliados do ducado. Com destaque, o autor das *Mémoires* narrou o encontro entre Frederico de Habsburgo, duque da Áustria que se intitulava “rei dos romanos” e futuro imperador do Sacro Império, com Filipe da Borgonha, em 1440.⁵⁰

Na narrativa desse evento La Marche revelou muitas características da sua escrita, sempre preocupada em exaltar a pompa e o luxo das ocasiões e dos seus personagens. Poderíamos dizer que nesse momento das *Mémoires* a visão do *maître d'hôtel*, do homem refinado da corte, começa a aparecer mais claramente no texto, procurando narrar os aspectos que mais lhe interessavam como as vestimentas dos príncipes, a ambientação dos lugares e a organização do conjunto de servidores que faziam funcionar perfeitamente as situações aristocráticas.

Diante dessa caracterização, gostaríamos de oferecer ao leitor do nosso trabalho um pequeno exemplo da visão detalhista e refinada que pode ser considerada a marca da escrita do autor das *Mémoires*:

O rei dos Romanos estava usando (...) um vestido de tecido azul escuro: e tinha um chapéu pendurado no pescoço, com a lingüeta que ia até a sela, e estava cortada em grandes farrapos: e portava (...) um pequeno chapéu grisalho, de pêlo curto: e sobre seu chapéu tinha uma pequena e estreita coroa de ouro, e era sua primeira coroa que o tinha coroado em Aix, na Alemanha. (...) Quanto à pessoa do duque, ele estava vestido com um vestido negro, e portava o colar da sua ordem em seu pescoço: e certamente ele parecia tão príncipe e grande mestre que eu nunca vi igual. Ele estava montado sobre um *roussin* (um cavalo de tamanho pequeno ou médio), e recebia as honras que lhe prestou o Rei tão docemente e tão honestamente, que o modo e o jeito era a todos prazeroso e agradável: porque mais cortês príncipe não reinou em seu tempo: e todas as vezes, servindo ao meu propósito, por que na hora eu era pajem do duque, não poderia então compreender nem saber porque naquela ocasião se fazia os mistérios e as honras (...).⁵¹ (grifo nosso)

⁵⁰ Veremos posteriormente que as aproximações da corte da Borgonha com a casa da Áustria gerou um dos momentos políticos mais importantes da fase final do ducado da Borgonha.

⁵¹ Tradução do original: “Le roy des Rommains estoit habillé d’une (...) robe de drap bleu brun: et avoit un chaperon par gorge, dont la patte venoit jusques à la selle, et estoit decoupé à grans lambeaux: et portoit (...) un petit chapel gris, à court poil: et sur son chapel avoit une petite et estroite couronne d’or, et estoit sa première couronne dont Il avoit esté couronné à Ais en Alemaigne. (...) Quant à la personne du

A memória de La Marche deveria ser extraordinária para que pudesse recordar de tantos detalhes mais de 30 anos depois do acontecimento. Além do mais, a sua formação de pajem na época do ocorrido provavelmente se ligava mais aos serviços da cozinha, enquanto o relato mostra a visão de um cortesão conhecedor e interessado nos assuntos estéticos e de etiqueta que cabem mais a um *maître d'hôtel*. Por essa razão, acreditamos que o autor realizou em várias passagens certa construção discursiva, a fim de criar cenas através da escrita de suas memórias capazes de justificar e identificar a sua personalidade ao invés de transmitir a recordação exata do que tinha acontecido.

Os eventos da corte selecionados para compor suas memórias traduzem em grande medida os aspectos da educação cortesã que o formou durante a sua vida no ducado da Borgonha. A trajetória percorrida de pajem a chefe de cerimônias foi fruto de uma carreira de sucesso na casa dos príncipes Valois. Os títulos alcançados na época de Carlos podem confirmar esse êxito.

O primeiro livro se interessa grandemente pelo tema da cavalaria, símbolo que justificou os dois últimos governos borgonheses. E veremos um escritor privilegiando até o fim da sua vida os traços da educação cavalheiresca da corte, considerado um dos aspectos formadores da personalidade do cortesão durante o fim da Idade Média e também na época moderna.

De um modo geral, a cavalaria simbolizava os grupos aristocráticos da Europa naquela época. As análises de Jean Flori ajudam a esclarecer a construção da nobreza cavalheiresca (ou da cavalaria nobre) nos últimos séculos medievais. Segundo o medievalista francês, foram os torneios os principais responsáveis pelo processo de enobrecimento da figura do cavaleiro.

O espírito de casta fortalece-se. A cavalaria se fecha aos não-nobres a partir de meados do século XIII. Os grandes torneios do século XIV ainda ampliam esse movimento: eles exigem de seus participantes quatro quartos de nobreza, nas linhagens paterna e materna. A cavalaria, nos séculos XIV e

duc dessusdict, il estoit vestu d'une robe noire, et portoit le colier de son ordre à son col: et certainement Il sembloit aussi bien prince et gran maistre que nul que je veisse depuis. Is estoit monté sur un roussin bay, et recevoit les honneurs que luy presentoit le Roy si doucement et tant-honnestement, que la façon et la mode estoit à tous plaisante et agreeable: car de plus-courtois prince (...) n'a pas regné de son temps: et toutesfois, servant à mon propos, pource qu'à l'heure j'estoye page du duc, et ne pouvoye lors comprendre ne sçavoir pourquoy n'a quelle raison se faisoient les misters ne les honneurs (...)". LA MARCHE, Olivier de. **Comment Federic, roy des Rommains, et le bon duc Philippe de Bourgogne, se veirent et festoyèrent en la vile de Besançon**. In: Op. Cit. pp.310-11.

XV, reforça então seus traços sociais, ela assume assim ares de uma nobreza dentro da nobreza.⁵²

A cavalaria transitou de uma casta social particular para um intenso envolvimento com a nobreza cortesã. Certamente, os romances e os jogos contribuíram para que os nobres inserissem nos seus códigos de conduta forjados para provocar a distinção social, os valores cavaleirescos, a fim de criar uma identificação entre o homem da corte e o modelo heróico cultivado no imaginário do Ocidente medieval desde aproximadamente o século XI.

Em grande medida as *Mémoires* expressam essa idéia. O longo capítulo sobre o passo de armas da *Árvore de Carlos Magno* confirma a importância da cavalaria e dos eventos realizados em torno dela, principalmente numa corte que desde 1430 tinha adotado uma ordem de cavalaria como instituição-chefe da sua política.

Esse evento ocorrido em 1443 reuniu segundo La Marche, a alta nobreza e os cavaleiros da corte borgonhesa e de outros reinos que vieram tentar construir suas famas e receber as honras do duque. O aspecto da narrativa se assemelha ao do episódio do encontro entre Filipe e Frederico da Áustria, repleta de detalhes que formam a imagem do luxo e do esplendor da ocasião.

Ao todo são 41 páginas de uma narrativa detalhista e prolixa. A precisão dos detalhes que descrevem os momentos do evento é tamanha que acreditamos na idéia do autor ter utilizado, como em outras passagens, algum tipo de documentação reunida por ele para realizar o trabalho com a escrita dessa memória. E é o próprio La Marche que justifica o motivo pelo qual prolongou tanto o relato sobre o passo de armas:

(...) eu quis escrever longamente, tanto por que foram as primeiras armas que eu vi, como também para advertir e informar os leitores (se isso lhes for necessário) das nobres cerimônias pertencentes aos nobres e dos recomendados serviços de armas.⁵³

Percebemos nas palavras do autor a intenção de informar (e formar) a personalidade nobre através da memória. A educação cavaleiresca era importante para

⁵² FLORI, Jean. **A Cavalaria entre mito e realidade**. In: _____. **A Cavalaria**: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média. São Paulo: Madras, 2005. p.182.

⁵³ Tradução do original: "(...) j'ai voulu bien au long écrire, tant pour ce que ce furent des premières armes que je vey onques, comme aussi pour avertir et apprendre les lisans (si besoing en ont) des nobles cérémonies appartenans aux nobles et recommandés mestiers d'armes". Idem. **Comment tréze gentilshommes de la maison du duc de Bourgogne teindrent le pas d'armes à tous venans, pres Digeon, en une place nommée l'Arbre Charlemaigne**. In: Op. Cit. p.330.

o *maître d'hôtel* e deveria formar os homens pertencentes à nobreza para a constituição da boa e privilegiada sociedade de corte. Também vemos um La Marche preocupado em afirmar a sua condição de testemunha dos acontecimentos, levando o leitor a acreditar que o seu relato é a reprodução exata do passado vivido por ele. Essa insistência em deixar claro o método da recordação pela escrita se liga como veremos em outros momentos deste trabalho, ao significado que a memória possuía no fim da Idade Média como um exercício que contribuiu para a construção da figura individual no século XV.

Os temas cavaleirescos praticamente preenchem todo o restante do primeiro livro, sempre criando na justificativa a função pedagógica do relato. É o caso da primeira festa da ordem do Tosão de Ouro testemunhada pelo autor, na cidade de Gante. O texto tenta revelar a admiração de La Marche que se disse maravilhado em relatar um evento daquela natureza. Se reportando ainda à época de pajem do autor, os escritos provocam efeito e surpreendem pela “pompa” da descrição. A cena apresenta uma cavalaria hierarquizada, versada no costume e nos hábitos da nobreza de corte, bem como muito devota, elementos que construíram a base moral da sociedade aristocrática a qual o cortesão borgonhês se sentia pertencido.

Após “recordar-se” de todo o ritual da cerimônia, o autor das *Mémoires* procurou justificar, como na ocasião do passo de armas comentado anteriormente, o motivo de ter registrado o episódio na sua obra:

E assim terminou aquela festa: e (como eu já disse) me sinto obrigado a escrever aquele nobre estado por uma vez, a fim de deleitar os leitores que verão as minhas Memórias depois, a ver e conhecer as cerimônias passadas, por eles não vistas (...).⁵⁴

As cerimônias são, para La Marche, acontecimentos de primeira grandeza. Embora dedique alguns capítulos do primeiro livro aos assuntos de disputas dinásticas e rebeliões, como a revolta dos habitantes de Gante que causou sérias perturbações aos governos de Filipe e Carlos, seu maior interesse como *maître d'hôtel* e escritor é sobre o mundo cerimonial da corte do qual foi um grande conhecedor.⁵⁵

Festas como a do Banquete do Faisão, realizada em 1454, são para o autor acontecimentos que deveriam transmitir pela memória, os valores nobres forjados num

⁵⁴ “Et ainsi se partir celle feste: et (comme dict est dessus) force m’a contrainct d’escrire celuy noble estat pour une fois, afin de delecter les lisans qui verront mes Mémoires cy-apres, à veoir et sçavoir les ceremonies passees, par eux non veües (...)” Idem. **Comment le bon duc Philippe de Bourgogne teint la solennité de la Toison d’or en sa vile de Gand.** In: Op.Cit. p.437.

⁵⁵ O terceiro capítulo é dedicado, como já anunciamos na introdução, a esse assunto.

estilo de vida cortês e cavalheiresco. Além de exaltar o comportamento da nobreza, deveria contribuir para a formação da moral cristã, essencial para a busca das virtudes dos homens de letras da época. Esse banquete se tornou, através dos celebres discursos de La Marche, uma das festas mais famosas da Europa durante o fim do período medieval. Voltaremos a analisar o relato dessa cerimônia no terceiro capítulo, que foi dedicado a analisar algumas recordações das festas da corte.

O restante do primeiro livro procurou abordar os temas que marcaram a transição entre o governo de Filipe e a ascensão de Carlos como duque da Borgonha. Nos últimos capítulos já percebemos o conde de Charolais e herdeiro do ducado surgindo como figura proeminente durante o período final do governo do seu pai. Ele entra em cena, de acordo com a narrativa de La Marche, criando uma forte oposição contra o delfim e depois rei da França, Luis XI, o que caracterizaria toda a sua política como duque.

Acreditamos que esses “escritos da transição” tenham marcado o fim da fase Valois das *Mémoires*, que foi bruscamente interrompida pelas guerras em Gante, das quais o próprio La Marche, que também era cavaleiro e conselheiro, participou ao lado do seu senhor. Esse turbulento período da primeira metade da década de 1470 levou ao fim do ducado da Borgonha com a morte de Carlos em 1477, obrigando o cortesão borgonhês a encerrar o trabalho que havia começado há aproximadamente cinco anos.⁵⁶

Entretanto, talvez os primeiros relatos do segundo livro ainda tenham sido feitos nos anos borgonheses do autor, mas há uma enorme dificuldade em precisarmos quais desses escritos da transição foram produzidos em cada uma das fases. Até porque a edição impressa que analisamos reproduziu a organização feita no século XVI, que ignorou a época da escritura dos relatos procurando dar-lhes uma seqüência cronológica. Por essa razão, resolvemos marcar o fim da fase Valois com o ano de 1477, que embora não possa representar com toda a certeza o último ano em que La Marche escreveu estando na corte da Borgonha, indica o fim da sua experiência como cortesão daquela casa.

Contudo, podemos afirmar que grande parte dos escritos que compõem o segundo livro, assim como novos escritos e um novo prólogo foram produzidos no fim da década de 1480, quando La Marche se tornou servidor e cortesão da corte dos príncipes da dinastia Habsburgo. Esse período marca a “fase habsburga” das *Mémoires*,

⁵⁶ Cf. EMERSON, Catherine. Op. Cit. pp.6-33.

que por um lado procurou concluir o que tinha sido iniciado nos tempos da corte da Borgonha, e por outro atribuiu novos significados e objetivos à obra que se ligavam às experiências que o autor vivera como cortesão de outra grande casa de príncipes.

No tópico a seguir analisaremos a transição de La Marche do período Valois para o Habsburgo, apontando quais foram as suas novas experiências como servidor de casa de príncipes e como as *Mémoires* sofreram alterações a partir das mudanças ocorridas na sua vida de cortesão.

1.2 – A “FASE HABSBURGA” (1488-1501)

Os anos pós-1477 foram duros para o cortesão borgonhês. Após a morte do último duque, ele foi aprisionado pelas forças do principal rival de Carlos, o rei da França. Este príncipe que via no duque da Borgonha a sua maior ameaça se esforçou para acabar de uma vez por todas com tudo o que representasse o ducado sob a linhagem Valois depois da morte do seu último senhor.

A prisão de La Marche poderia ter colocado um fim definitivo nas *Mémoires* não fossem as atitudes da única herdeira do ducado, Maria, filha de Carlos que decidira após a morte do pai realizar um antigo desejo daquele ao se casar com o sucessor da coroa austríaca, Maximiliano Habsburgo. Durante os anos 1480, ela pagou o resgate de La Marche e o levou para a corte do futuro imperador do Sacro Império.

Maria não herdou o ducado propriamente, mas levou parte da sua riqueza, cultura e poder para a nova casa, realizando a aproximação com a monarquia austríaca como desejava o seu pai. Esse casamento tinha sido idéia do próprio Carlos, que utilizou largamente o matrimônio como uma das principais estratégias políticas para aumentar as suas riquezas e formar um forte sistema de alianças. Segundo Federico Chabod, as heranças trazidas com os casamentos entre os duques e princesas de outras casas constituíram “(...) a principal razão do engrandecimento do Estado borgonhês”.⁵⁷

Com a realização desse casamento e com o recrutamento de La Marche para servir na corte que se apropriou das ricas heranças borgonhesas, a produção das

⁵⁷ Tradução do original: “(...) la principal razón del engrandecimiento del Estado borgoñon”. CHABOD, Federico. *La tradición borgoñona*. In: _____. *Carlos V y su imperio*. Mexico: Madrid: Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 14.

memórias foi retomada, provavelmente, em 1488, dando início à segunda fase da obra.⁵⁸ Vendo a sua nova casa como a continuidade direta do ducado da Borgonha ao qual sempre foi leal, o famoso cortesão borgonhês adotou a postura contrária de vários outros servidores, que após a morte de Carlos passaram a servir Luis XI, o mentor da derrocada Valois.⁵⁹

Contudo, a rivalidade cultivada contra o reino da França também foi herdada pela corte dos Habsburgo, o que simbolizou também uma transferência do “espírito borgonhês”. E assim como fora na casa de Carlos, La Marche foi encarregado de missões diplomáticas que objetivavam realizar aproximações políticas com a França, de modo que o seu primeiro serviço como embaixador da casa austríaca foi propor uma aliança com a coroa francesa após a morte de Luis XI (1483), que deixara como sucessor um jovem delfim, futuro rei Carlos VIII, na época impossibilitado de assumir a coroa devido a sua pouca idade. Na ocasião, La Marche prestou homenagens à princesa Ana de Beaujeu, regente do reino. O objetivo era tratar para que a França não criasse obstáculos para os projetos expansionistas de governo de Maximiliano, seu novo senhor.⁶⁰

Também assumiu a responsabilidade da organização do espaço da corte. Essa função era o que o caracterizava como excelente mestre de cerimônias. Na casa de Maximiliano foi o *grand maître d’hôtel*, espécie de chefe de todos os servidores da corte e responsável por todos os eventos. Com essa função somada à sua fama construída durante os anos de serviços realizados no ducado da Borgonha, tornou-se a maior autoridade entre os cortesãos da casa austríaca.

Na parte do segundo livro produzida na fase habsburga (que continuou a sequência das memórias de onde haviam parado durante a década de 1470, ou seja, da ascensão de Carlos como duque), a visão do mestre de cerimônias está bastante presente. Apesar de ter produzido curtos capítulos sobre episódios de batalhas e disputas políticas que marcaram o início do último governante Valois, a sua atenção especial foi dada a uma única cerimônia: o casamento do duque com Margarida de York, irmã do rei

⁵⁸ A data foi dada primeiramente, como já informamos com mais detalhes na Introdução, por Catherine Emerson. EMERSON, Catherine. Op. Cit. p.12.

⁵⁹ PETITOT, M. **Notice sur Olivier de La Marche**. In: _____. Op. Cit. Paris: Foucault, 1825. Tome IX. p.19.

⁶⁰ Ibidem. p. 19.

inglês Eduardo IV, naquela altura aliado da Borgonha contra a França no contexto da Guerra dos Cem Anos.

São 92 páginas dedicadas a essa festa das 151 que totalizam os relatos do período do último duque borgonhês. Isso confirma a idéia que já expressamos anteriormente: que diante de outros eventos externos ao mundo da corte, mesmo os que marcaram a história das dinastias européias, as cerimônias eram acontecimentos mais importantes para Olivier de La Marche. Provavelmente o leitor ficou curioso para conhecer melhor o conteúdo do imenso relato sobre o casamento do duque, no entanto, ele será explorado e analisado sob a ótica da questão do terceiro capítulo.

Após a descrição dessa festa, o autor direcionou as suas memórias para o fim da história borgonhesa sob a dinastia Valois. Descreveu em capítulos breves as batalhas contra os suíços que provocaram as sucessivas derrotas de Carlos até o fracassado cerco à cidade de Nancy no ano de 1477, que levou o duque da Borgonha à morte.

Na descrição sobre esse episódio, o autor das *Mémoires* é curiosamente breve e sucinto. Ele narrou em poucas páginas como Carlos ordenou que ele (o próprio La Marche) levasse em segurança a Senhora da Sabóia e os seus dois filhos de Genebra para a Borgonha enquanto comandava um exército para realizar o cerco à cidade.⁶¹

A ordem era parte do plano do duque de tomar Nancy. Anteriormente, Carlos tinha declarado guerra aos suíços para defender os seus direitos sobre a casa da Sabóia, mas fora derrotado na batalha de Morat, em 1476. A partir de então ele passou a desconfiar seriamente que aquela corte mantinha um acordo secreto com o rei da França. Desse modo, enviar o seu mais fiel conselheiro e cortesão para trazer até ele a esposa do duque Jacques da Sabóia era uma tentativa de fazer dela e dos seus filhos herdeiros, valiosos reféns. Mas, conta La Marche que o senhor da Sabóia estava, naquele dia, estranho e misterioso e a metade dos seus companheiros haviam desistido de cumprir a missão. Sendo assim, Colocando-se como o mais leal dos servidores, afirma em suas memórias que persistiu em cumpri-la até o fim.⁶²

É a partir daí que a trama contra Carlos se torna mais evidente de acordo com o relato das *Mémoires*. Os nobres que estavam do lado borgonhês debandaram e se

⁶¹ LA MARCHE, Olivier de. **Comment le duc Charles de Bourgogne se saisit de madame de Savoye et d'un sien fils; et comment Il fut déconfit et tué devant la vile de Nancy en Lorraine.** In: _____.
Op. Cit. T.2. p.417-422.

⁶² Ibidem. p.420.

aliaram aos lorenos, apoiados secretamente por Luis XI para defender a cidade. Inclusive, o cerco de Nancy que deveria ser um ataque-surpresa, tinha chegado ao conhecimento do duque da Lorena antes mesmo de acontecer, de modo que este se preparou para o combate convocando os soldados suíços – na sua grande maioria mercenários – para formarem a resistência. La Marche acusa Luis XI de ter fornecido dinheiro ao senhor inimigo para que ele montasse as suas forças e pudesse aplacar os exércitos borgonheses de Carlos. Os números declarados pelo servidor borgonhês, os quais não podemos afirmar com precisão, chegam a mencionar doze mil lorenos contra não muito mais que dois mil borgonheses.⁶³

Foi neste conflito sobre o qual o autor das *Mémoires* não quis dar muitos detalhes que o último duque Valois da Borgonha foi morto, “*como o mais simples dos homens*” morre no campo de batalha. Embora seja um curto relato, o autor reserva parte dele para expressar o seu pesar. Disse ter recebido a notícia do fracasso de Carlos com profunda tristeza, sentimento que pode ter sido cultivado nos seus anos como prisioneiro.

É de uma maneira “rápida” que La Marche encerra a descrição da morte do último senhor Valois da Borgonha. Mas algumas das suas declarações dão a entender que o episódio trouxe muitas dores pessoais, porque de algum modo ele disse ter se sentido culpado por não ter podido avisar o seu senhor de que o estavam traindo ou mesmo por não tê-lo ajudado em campo de batalha. Segundo os relatos, o cortesão borgonhês disse ter servido como uma peça fundamental para o que ele chamou de “jogo traiçoeiro” tramado contra o duque e a sua corte. A forma como ele introduziu o capítulo que contém a descrição do episódio é reveladora da sua lamentação:

Depois que o duque da Borgonha foi derrotado pela décima vez pelos suíços, ele, cuidando cautelosamente do seu feito, mandou buscar a Senhora da Sabóia e seus filhos, para a Borgonha: e estando eu em Genebra, ele ordenou, sob minha confiança, que eu levasse Senhora da Sabóia e seus filhos, e que os levasse para ele: *maldito seja o dia que a senhora da Sabóia voltou para Genebra*. Ou, por obedecer ao meu príncipe e meu mestre, eu fiz o que ele me ordenou, *contra meu coração*: e levei a Senhora da Sabóia e seus filhos, para o mais longe da entrada de Genebra.⁶⁴ (grifo nosso)

⁶³ Ibidem. p.420.

⁶⁴ “Après que le duc de Bourgongne eut esté la deuxième fois deconfit les Suisses devant Morat, luy, cuidant conduire son fait cauteuleusement, fit une emprise pour prendre madame de Savoye et ses enfans, et les mener em Bourgongne: et moy estant à Genève, il me manda, sur ma teste, que je prisse madame de Savoye et ses enfans, et que je les luy amenasse: car ce jour madicte dame de Savoye revenoit à Genève.

Os capítulos finais do segundo livro narram a herança de Maria da Borgonha e do seu casamento com Maximiliano aos feitos deste último, passando por episódios importantes que se entrecruzam com a história da casa dos Habsburgo. Dentre tais, destacam-se os breves escritos sobre a política mantida com o reino francês a partir da proposta do casamento entre Margarida da Áustria e o delfim da França; também estão inseridos os temas da morte de Luis XI e alguns eventos protagonizados por Filipe *O Belo* como arquiduque e conde de Flandres.

Margarida da Áustria e Filipe *O Belo* eram filhos de Maximiliano com Maria da Borgonha. A primeira foi peça importante da política do seu pai com o reino da França: foi prometida em casamento para o delfim Carlos, futuro rei Carlos VIII. Todavia, este último não chegou a cumprir o acordo, casando-se com Ana da Bretanha; enquanto Margarida casou-se com João de Castela, filho dos reis católicos, Fernando de Aragão e Isabel de Castela, chegando a se tornar regente dos Países Baixos. Já Filipe era o filho mais novo e foi educado por La Marche para ser o sucessor de Maximiliano. Depois chegou a se casar com Joana *A Louca*, também filha dos reis católicos, fortalecendo a conexão austro-ibérica que originou os prósperos reinados de Carlos V (filho do próprio Filipe com Joana) e Filipe II.⁶⁵

O segundo livro das *Mémoires* ficou incompleto. O último capítulo não chegou a abordar os feitos de Filipe *O Belo*, que seria o ponto final das memórias do autor que faleceu em 1502 interrompendo o seu trabalho. Desse modo, não há conclusão para a parte final da obra, apenas uma frase feita pelo editor que organizou os relatos para a versão impressa: “*Qui est tout ce que nous avons des memoires du signeur de La Marche*” (Que é tudo o que nós temos das memórias do senhor de La Marche).

Entretanto, embora não tenha sido produzido um fim apropriado para encerrar a seqüência das *Mémoires*, novos escritos foram feitos durante a fase habsburga. De acordo com C. Emerson, tais escritos resultaram da intenção de produzir um “novo primeiro livro” que fosse capaz de atualizar o conteúdo da obra.⁶⁶ A autora chegou a esta conclusão após analisar a diferença nas estruturas das versões manuscritas

Or, pour obeïr à mon Prince et mon maistre, je fi ce qu’il me commanda, contre mon cueur: et pri madame de Savoye et sés enfans, au plus-pres de la porte de Genève.” Ibidem. p.417.

⁶⁵ Para uma boa leitura sobre a história das dinastias que dominaram o cenário político europeu após o fim da Borgonha Valois, ler o artigo de Peter Johann Mainka ao qual já fizemos referência anteriormente. MAINKA, Peter Johann. Op.Cit.

⁶⁶ EMERSON, Catherine. Op. Cit. p.12.

e impressas, trabalho importante que nos forneceu uma visão mais ampla e clara sobre a confusa cronologia dessas memórias.

Com isso, acreditamos que a intenção do autor foi revisar e rescrever de maneira mais resumida todo o conteúdo sobre as histórias da Borgonha, acrescentando capítulos sobre as origens da Áustria e as dinastias que originaram a casa de Maximiliano. Assim, muitos episódios que já tinham sido relatados no primeiro livro e em parte do segundo foram narrados novamente sob outra visão.

Esses escritos da segunda fase das *Mémoires* foram motivados pelo novo cargo que La Marche recebera na corte austríaca. Além de ter conservado as funções já consagradas de *maître d'hôtel*, se tornou o educador oficial do príncipe e herdeiro, Filipe *O Belo*, que na época não tinha mais do que dez anos de idade. Com isso, as suas memórias assumiram um forte caráter pedagógico, devendo orientar a formação do príncipe prudente pela recordação das coisas dignas do passado do autor.

Os relatos sobre a origem da Áustria e das suas dinastias fundadoras procuravam legitimar pela escritura as heranças e os direitos de Filipe *O Belo*. É curioso como dizendo se embasar em *anciénes croniques*, La Marche fez nascer a Áustria do resultado da guerra entre gregos e troianos descrita nos poemas homéricos. Derrotados e exilados de sua terra original, o rei Príamo de Tróia e seus filhos saíram em busca de novas terras se tornando os primeiros reis da França e de uma terra chamada *Austriche*.⁶⁷

Dessa maneira, o passado mais remoto e o discurso mais mitológico se conectavam com o destino consagrado ao futuro imperador do Sacro Império. As memórias de La Marche monumentalizaram esse passado e pretenderam transformá-lo em um bem valioso concedido na forma de herança ao seu pupilo.

Mas se o passado guardava os bons exemplos formadores das futuras gerações, Filipe precisava de um para copiar e tentar seguir os seus passos. E é impressionante como La Marche constrói a imagem de Carlos *O Temerário* como o modelo do príncipe prudente, embora ele próprio conhecesse a precipitação, a impulsividade e a temeridade daquele senhor, fatores que foram os principais motivos da sua derrota segundo alguns cronistas do período. Mas, contra isso o súdito fiel sai em defesa do príncipe:

⁶⁷ LA MARCHE, Olivier de. **Préface et Introduction de messire Olivier de La Marche a la lecture de ses memoires**. In: Op. Cit. pp.95-114.

E muitas outras línguas se disseram contra ele (Carlos). A isso eu respondo que a vontade e o extremo zelo que ele tinha pelo serviço da fé cristã, e pela expansão da Igreja, lhe fazia empreender e fazer o que ele fazia: porque seu desejo e afeição era ir contra os infiéis, em sua pessoa: e desejava se fazer grande e poderoso, de modo que pudesse ser o condutor e o líder dos outros (...); e se Deus lhe deu vida e prosperidade, ele mostrou com efeito que meu relato, nesta parte, é verdadeiro: porque eu sei por tê-lo conhecido, e não por ouvir dizer de outros.⁶⁸ (grifo nosso)

A devoção e a fé cristã parecem ser a justificativa moral e curiosamente racional para a defesa da temeridade e da paixão com que Carlos empreendeu a sua ambiciosa política. Talvez a construção da sua figura heróica tenha sido motivada pelo sentimento melancólico e nostálgico que o autor das *Mémoires* expressava devido aos últimos acontecimentos pelos quais tinha passado durante a fase final da Borgonha Valois. Isso poderia ter causado um efeito de exaltação ou engrandecimento do seu próprio passado, do qual se orgulhava, procurando sempre transformá-lo em uma herança moral.

Esses novos escritos da fase habsburga aparecem na edição impressa das *Mémoires* que utilizamos como a *Introduction* de toda a obra. O editor organizou as memórias procurando o sentido factual da narrativa do autor e certa unidade cronológica, ignorando a descontinuidade do trabalho de La Marche.

A organização e a estrutura dos dois livros foram praticamente reproduzidas da primeira versão impressa organizada por Denis Sauvage, em 1561.⁶⁹ Para além da organização dos novos escritos em forma de introdução, Claude Bernard Petitot (o editor da “nossa” edição das *Mémoires*) anexou um texto interessante que voltaremos a comentar nos próximos capítulos, intitulado *Estat de la Maison du duc de Bourgogne*.⁷⁰ Este último não foi reproduzido do texto de Sauvage, mas da edição de Jean Laurens de Gand, organizada em 1567, sobre a qual Petitot teceu uma série de críticas no que diz respeito à alteração do conteúdo e da linguagem originais.⁷¹

⁶⁸ Tradução do original: “Et plusieurs autres langages se diront contre luy. A ce je respon que la vouldonté et extrême zele qu’il avoit au service de la foy chrestienne, et à l’augmentation de l’Eglise, luy faisoit entreprendre et faire ce qu’il faisoit: car son desir et affection estoit d’aller contre les Infidèles, en sa personne: et desiroit de se faire si-grand et si-puissant, qu’il peust estre conducteur et meneur des autres (...); et si Dieu luy eust donné vie et prospérité, il eust monstré par effect que mon recit, en ceste partie, est véritable: car je le sçay par luy-mesme, et non pas par ouir dire à autruy”. Ibidem. p. 199.

⁶⁹ Que contradizendo a data informada por Catherine Emerson, é dada como 1562.

⁷⁰ PETITOT, Claude Bernard. **Avertissement**. In: _____. *Op. Cit.* p.4.

⁷¹ Ibidem. p.5

O editor das *Mémoires* ainda ressaltou a confusão cronológica e as lacunas históricas presentes na obra. Na tentativa de “solucionar” o problema, se dedicou a escrever dois textos iniciais que precedem o início da narrativa de La Marche: uma *Notice sur Olivier de La Marche*; e um *Précis de l’origine, des progrès et de la décadence de la seconde Maison de Bourgogne: depuis Philippe-le-Hardi jusqu’à Marie, aïeulle de Charles-Quint* (Compêndio da origem, progressos e da decadência da segunda Casa da Borgonha: de Filipe-o-Audaz até Maria, avó de Carlos-Quinto).⁷²

Nesses textos introdutórios, o editor tentou corrigir os “erros históricos” de La Marche, como se este devesse ter produzido uma história oficial e verdadeira da Borgonha que servisse aos propósitos do século XIX de construir uma história nacional francesa. Como se mesmo os historiadores, independentes da época e do lugar, pudessem sempre preencher todas as lacunas da história que desejam construir. Finalmente, como se a memória pudesse e devesse exercer a função que cabe à história.

Enfim, os 29 anos de produção das *Mémoires* foram marcados por interrupções e mudanças de finalidades que deram à obra um caráter complexo e descontínuo. A intenção dessa discussão inicial foi orientar melhor o leitor na construção de uma visão geral da produção, que como vimos, foi realizada em duas fases distintas. Nesse sentido, o nosso trabalho procura sempre enxergar essa descontinuidade no mesmo tempo que tenta esclarecer a cronologia que constitui o processo de escritura da obra.

Contudo, diante de certa complexidade que pôde ser percebida quanto à escrita dessas memórias, surge uma pergunta importante: por que La Marche, mesmo tendo produzido grande parte dos relatos durante a fase habsburgo, é geralmente reduzido a um escritor da corte Valois e sua obra utilizada como testemunho fiel para a construção de uma história da Borgonha? Acreditamos que grande parte das interpretações dessa natureza não levou em consideração uma discussão importante que procura qualificar a natureza das obras a partir do lugar e da época em que foram produzidas; bem como a intenção e as motivações do autor em escrever determinados tipos de literatura. O grande problema, talvez, tenha sido tratar a obra como crônicas e o seu autor como um cronista.

No tópico seguinte, discutiremos alguns dos mais importantes gêneros literários do fim da Idade Média a fim de encontrarmos elementos capazes de

⁷² Ibidem. pp.7-20 (para a nota sobre La Marche); pp.21-86 (para o Compêndio da história da Borgonha).

particularizar a escrita da memória, diferenciando-a da literatura oficial e propagandista da crônica. Com essa discussão estaremos contribuindo para uma melhor compreensão das *Mémoires*, encontrando as características que lhe são próprias e que inscreveram nas suas páginas, as marcas e os significados produzidos durante a trajetória cortesã do seu autor.

1.3 – MEMÓRIAS EM PROSA: as particularidades da escrita de Olivier de La Marche no mundo das crônicas

O apontamento da data inicial de quando as *Mémoires* começaram a ser produzidas levou vários leitores a afirmarem que o texto se inseria no universo da produção literária que realizava a função da propaganda principesca. No entanto, privilegiando a descrição dos eventos ocorridos durante a trajetória cortesã do autor, a obra não possuía o mesmo objetivo e nem o mesmo estilo dos gêneros literários que cumpriam a função propagandista construída em torno do duque, especialmente as crônicas.

Se os seus relatos dizem muito do cenário político europeu da época, isso se deve mais ao caráter da corte da qual La Marche foi servidor, como um espaço que teatralizava de maneira ritualística o poder e a política, e deve menos às suas pretensões de se tornar um cronista, que na época (e especialmente no ducado da Borgonha) cumpria a função historiográfica. E, mais importante, deve-se levar em consideração que por terem sido produzidos motivados por questões pessoais, tais relatos não podem ser simplesmente tomados como testemunhos exatos dos acontecimentos por eles apresentados.

O próprio La Marche nunca foi incumbido (e nem se sentia habilitado) de escrever crônicas. Famoso como mestre de cerimônias, intencionou descrever aquilo que dizia respeito ao cotidiano da corte, a falar do que conhecia com maior intimidade, dos assuntos que legaram a ele a fama e reconhecimento. Desse modo, a interpretação que enquadra a sua obra como parte da literatura que realizava a propaganda do príncipe necessita de maiores reflexões.

Não é raro nos depararmos com estudos que interpretam as *Mémoires* como uma crônica e La Marche como um integrante do quadro dos cronistas borgonheses. A discussão sobre as particularidades de se escrever memórias, e mesmo sobre qual era o

significado da memória medieval, geralmente não é realizada. Como se não fosse relevante o fato do próprio autor ter declarado que, embora se tratasse de um “gênero maior”, ele não pretendeu ser um cronista, mas sim um escritor de memórias.

Alguns estudos resultantes dessas pesquisas (que não deixam de ser importantes em muitas outras análises), como o de Joseph Calmette, ainda tentaram atribuir um diferencial ao tipo de produção escrita realizada por La Marche, intitulando-o de “memorialista”.⁷³ Embora a idéia seja aceitável, devemos nos manter reticentes com a aplicação deste termo para classificar alguma produção escrita do século XV.

De acordo com Jacques Le Goff, a função do memorialista surgiu na época moderna quando a noção de memória já tinha perdido o seu significado medieval. E mesmo o termo *mémorialiste* só surgiu no século XVIII, particularmente em 1726, marcando o processo de abertura de uma “*memória jornalística e diplomática*” que caracterizou o início do interesse da opinião pública e internacional na construção das suas próprias histórias.⁷⁴ Isso significaria, em outras palavras, a expansão da memória restrita no medievo aos círculos eruditos e retóricos, para o grande público e para a construção histórica das identidades coletivas.

Mesmo a preocupação de autores como Calmette em falar em um La Marche “memorialista” e não cronista, não acompanha maiores explicações sobre o termo, parecendo não provocar uma mudança na maneira de se trabalhar as *Mémoires* enquanto fonte histórica.

No seu livro, como em outros sobre o assunto, a obra do cortesão figura ao lado das de cronistas de ofício importantes do ducado da Borgonha, como Enguerrand de Monstrelet, Mathieu de Coussy e Georges Chastellain. Estes que foram cronistas de fato, comissionados pelos pagamentos do duque, produziram obras que pretenderam construir a história oficial do ducado. No caso da obra de Georges Chastellain, a “*pérola da historiografia borgonhesa*”, a crônica possuía mesmo a função historiográfica que marcou a produção literária durante o governo de Filipe O Bom.⁷⁵ Ele foi o primeiro historiador oficial da corte, ao ser nomeado *indiciaire* pelo duque, em 1455.

⁷³ CALMETTE, Joseph. **Les Historiens et les Écrivains**. In: _____. Op. Cit. pp. 267-269.

⁷⁴ LE GOFF, Jacques. **Memória**. In: _____. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. P.455.

⁷⁵ RÉGNIER-BOHLER, Danielle. **Introduction Générale**. In: _____. **Splendeurs de la Cour de Bourgogne: récits et chroniques**. Paris: Éditions Robert Laffont S.A., 1995. p.XIII.

A relação que se construiu entre as *Mémoires* e as crônicas borgonhesas pode ser explicada pela importância que a crônica e a história alcançaram enquanto gêneros narrativos no fim da Idade Média, chegando a diminuir ou ocultar as especificidades da escrita da memória. Esses dois “gêneros maiores” da literatura durante o fim do medievo eram os tipos reconhecidos de escrita que cumpriam a função oficial de servir a política dos príncipes. Fala-se aqui de uma época em que a autoridade tinha se deslocado da voz para a palavra escrita; o poder passava pela escritura e nesta tudo se consolidava. E particularmente a prosa, e não mais o verso, estava a serviço da palavra verdadeira.⁷⁶ Daí o universo literário borgonhês ter privilegiado a produção abundante de escritos em prosa, porque era preciso construir a autoridade e a propaganda principesca em torno dessa “escrita da verdade”.

Os gêneros mais famosos escritos em prosa, a crônica e a história, poderiam facilmente ser apontados como os mais importantes da época, reconhecimento que é do próprio autor das *Mémoires*. No prefácio produzido durante a fase Valois da obra, ele chama a atenção do leitor para o entendimento geral de como a sua narrativa deveria ser vista diante das outras:

Mas eu não intenciono que o meu pequeno (...) labor se deva chamar ou pôr o nome de crônicas, histórias ou escrituras feitas e compostas por tantos nobres espíritos que hoje, e durante o tempo da minha vida, têm sido solenemente trabalhadas (...)⁷⁷

Os “nobres espíritos” aos quais se referiu La Marche no trecho citado eram exatamente aqueles escritores borgonheses com os quais teve contato e conviveu durante os seus anos de corte Valois, notadamente Mathieu de Coussy, Georges Chastellain, o poeta Jean Molinet e o célebre tradutor e erudito português, Vasco de Lucena, inserido no círculo literário daquela casa pela terceira esposa de Filipe *O Bom*, a Infanta Isabel de Portugal da dinastia de Avis.⁷⁸

Todos eles são referenciados nas *Mémoires* como exemplos de retórica e erudição, principalmente Vasco de Lucena e Chastellain, a quem La Marche se referiu

⁷⁶ ZINK, Michel. Op. Cit. p.91.

⁷⁷ Tradução do original: “Mais je n’enten pas que ce mien petit (...) labour se doive appeler ou mettre du nombre des croniques, histoires ou escritures faictes et composees par tant de nobles esprits qui aujourd’huy, et en cestuy temps de ma vie, ont si soulenellement labouré (...)”. LA MARCHE, Olivier de. **Preface**. In: Op. Cit. p. 234.

⁷⁸ RÉGNIER-BOHLER, Danielle. Op. Cit. p.12.

como “*mui virtuoso escudeiro, (...) meu pai na doutrina, meu mestre na ciência*”.⁷⁹ Embora tenha estado próximo e sido leitor de várias crônicas, o que pode ter influenciado na sua maneira de escrever, ele não pretendeu, pelo menos nos anos borgonheses, produzir uma obra que se igualasse às outras que possuíam certo caráter oficial, principalmente na corte onde Georges Chastellain tinha feito escola.

Mas qual é a diferença entre as literaturas das crônicas, histórias e memórias? Como podemos qualificar as naturezas dessas narrativas existentes no fim da Idade Média? É importante para o nosso trabalho nos determos brevemente nas discussões que procuraram particularizar esses gêneros literários medievais.

De uma maneira mais abundante as definições de “crônica” e “história” foram temas bem debatidos entre os próprios homens de letras da Idade Média. Muitas delas foram bem discutidas em um valioso artigo escrito por Bernard Guenée. O medievalista francês se dedicou a discutir ambos os gêneros como os formadores da erudição e da retórica de todo o período medieval.⁸⁰ Para Guenée, muitos historiadores modernos são negligentes em suas análises dos gêneros medievais quando lançam caracterizações impróprias sobre as obras estudadas. Segundo ele, a preocupação do estudioso da literatura medieval deve ser a de não cometer anacronismos ao rotular textos produzidos na Idade Média com definições forjadas por visões modernas. De acordo com suas idéias, “(...) *para melhor compreender uma obra medieval, deve-se saber de início o tipo de obra na qual o próprio autor pretendeu se situar*”.⁸¹

A discussão sobre as definições de crônica e história data do século IV e teve início com Eusébio, bispo de Cesaréia (265–339). Ele deixou claro no prefácio que escreveu para abrir o segundo livro dos Macabeus⁸² que a tarefa do historiador era a de dar explicações detalhadas, ordenar os discursos e fazer muitas questões sobre cada ponto abordado; enquanto resistir em ser exaustivo e se centrar em narrar brevemente os acontecimentos dizia respeito a outro gênero que não a história: *l’abrégé*.

As abreviações, com a experiência narrativa sempre em crescimento, se tornaram, então, as crônicas. Desse modo, enquanto a história se constituía como um

⁷⁹ LA MARCHE, Olivier de. Op. Cit. p. 234.

⁸⁰ GUENÉE, Bernard. **Histoire et Chronique**: nouvelle réflexions sur les genres historiques au Moyen Age. In: POIRION, Daniel (org.). **La chronique et l’histoire au Moyen-Age**. Paris: Presses de l’Université de Paris Sorbonne, 1986. pp. 3-12.

⁸¹ Tradução do original: “(...) que pour bien comprendre une oeuvre médiévale, il faut d’abord savoir dans quel type d’oeuvre l’auteur lui-même entendait se situer”. GUENÉE, Bernard. Op. Cit. p. 3.

⁸² Uma das interpretações bíblicas feitas por Eusébio em uma das suas obras importantes para o início da série de produções que versavam sobre a história da Igreja.

gênero maior, marcado por suas extensas e complicadas narrativas escritas em um estilo bonito de retórica, a crônica era uma abreviação ou uma síntese dos acontecimentos precisamente organizados dentro de uma ordem cronológica.⁸³

Mas a diferença marcante entre os dois gêneros seria mesmo a presença de um prefácio. Toda história requeria um prefácio, o que a tornava uma obra mais autônoma. Esta característica tão interessante nos permite problematizar a autoria de uma forma mais consistente, uma vez que a história como um gênero narrativo medieval assumia muito mais a função de ser parte da retórica que sobrevivia desde o período final da Antiguidade clássica do que um trabalho que procurava reconstituir os fatos e os acontecimentos sobre determinada época, apontando-lhes as precisões de todos os nomes e datas. Esta última função era atribuída, muito curiosamente, às crônicas.

Entretanto, foi a precisão cronológica e a autoridade da narrativa factual dos acontecimentos que tornou a crônica, com o passar do tempo, mais séria do que a história. Pouco a pouco os escritores medievais preferiram intitular os seus trabalhos como “crônicas”, mesmo que eles ainda guardassem as principais características da narrativa histórica.

Foi o caso da obra de Guilherme de Malmesbury, escrita em 1143. No prefácio da sua *Historia Novella*, ele deu o título de *Chronique* a três livros da sua obra. Devemos atentar para o fato de que esta, que trazia a palavra “crônica” para caracterizar as suas partes principais, era dotada de um prefácio e de um estilo retórico belo, longo e denso: características da história conhecida dos séculos anteriores.

Portanto, Guenée marca nas proximidades do ano 1100 o momento em que houve uma fusão entre história e crônica. Por um lado tal fusão ocorreu pela autoridade que esta última ganhou como narrativa precisa dos acontecimentos e como contagem do tempo cronológico; por outro, pelo fato de, devido a tal autoridade, ela ter envolvido, com prefácios que a tornaram autônoma como a história, o próprio gênero histórico. Sendo assim, por volta do século XII até o século XIV a distinção entre história e crônica que havia começado no século IV com Eusébio de Cesaréia, deu lugar à necessidade de diferenciar uma “crônica histórica” de uma “crônica não-histórica”.⁸⁴

A distinção entre as duas formas eusebianas de história e de crônica é cada vez mais frágil, e na medida em que as duas palavras *história* e *crônica* continuavam a designar duas realidades diferentes, um historiador do século

⁸³ Ibidem. pp. 4-5.

⁸⁴ Ibidem. pp. 7-10.

XII se orgulhava de ter escrito uma crônica que um historiador, dois ou dez séculos mais tarde, poderia se vangloriar por ter escrito uma história. Compor uma história tinha sido o sonho do historiador antigo; compilar uma crônica se tornou o sonho do erudito medieval.⁸⁵

Nesse sentido, pouco a pouco os dois tipos de narrativas se tornaram sinônimos durante a Idade Média. Essa “confusão” se encerraria no século XV, quando diante do humanismo renascentista a história retomou a sua superioridade sobre a crônica, que por sua vez passou a ser vista com desprezo pela grande maioria dos então “novos historiadores”.

Todavia, é bem verdade que o modelo de história que chegou ao século XV e mesmo depois foi um produto desse processo de fusão iniciado desde séculos anteriores. A Borgonha pré-renascentista pode ser um dos melhores exemplos para percebermos como a crônica assumiu inteiramente a função historiográfica.

Quando Filipe *O Bom* nomeou Georges Chastellain para o cargo de historiador oficial da corte, escreveu uma carta no mesmo ano de 1455 deixando registrado o seu desejo de recomendá-lo para “*colocar por escrito coisas novas e morais das quais ele é (...) conhecedor; também colocar em forma de crônicas feitos notáveis e dignos de memória (...)*” (grifo nosso).⁸⁶ Assim, vemos o historiador oficial da corte escrever a história da Borgonha encomendada pelo duque na forma reconhecida de *croniques*, o que confirma a idéia de que esta última se apropriou das funções da história no fim do período medieval.

A corte da Borgonha foi a grande patrocinadora da “Renascença do Norte”, se tornando um dos principais palcos da literatura europeia do período. Os duques Valois são vistos como verdadeiros mecenas. O primeiro, Filipe *O Audaz*, criou a base da famosa biblioteca borgonhesa, e João Sem Medo, embora tenha dado menos importância à produção literária, incentivou em certa medida a historiografia. Filipe *O Bom* foi o grande mecenas. Durante o seu governo ele ampliou enormemente o acervo da biblioteca ducal e criou funções oficiais e específicas dentro da corte para a prática

⁸⁵ Tradução do original: “La distinction entre les deux formes eusébiennes de l’histoire et de la chronique est de plus en plus floue, et dans la mesure où les deux mots d’histoire et de chronique continuent à designer deux réalités différents, un historien du milieu du XIIe siècle est tout aussi fier d’avoir écrit une chronique qu’un historien, deux ou dix siècles plus tôt, pouvait se vanter d’avoir écrit une histoire. Composer une histoire avait été le rêve de l’historien antique; compiler une chronique est devenu le rêve de l’érudit medieval”. Ibidem. p. 9.

⁸⁶ Tradução do original: “Mettre par escript choses nouvelles et morales en quoy il est (...) coynnoissant; aussi mettre en forme de croniques fais notable dignes de mémoire (...)”. Apud. CALMETTE, Joseph. Op. Cit. p.266.

da escrita, como o cargo de *indiciaire* ocupado primeiramente por Georges Chastellain. A sua terceira esposa, Isabel de Portugal, também se envolveu com a produção literária, inserindo o português Vasco de Lucena no círculo de escritores da corte borgonhesa. Ela incentivou e patrocinou traduções de obras antigas que pudessem exercer uma função pedagógica para a educação do seu filho e herdeiro do trono, Carlos. Este que, sendo um grande amante dos modelos heróicos do passado, deu continuidade à política cultural do seu pai durante ao priorizar o sistema de traduções que enriqueceu a biblioteca da corte.⁸⁷

Para Danielle Régnier-Bohler, a prosa foi a grande marca da literatura borgonhesa no século XV e em um contexto mais amplo pode ser considerada como o “fato literário” da época.⁸⁸ Para ele, esse universo literário foi capaz de produzir alguns gêneros que cumpriam a função da propaganda principesca. Por um lado as crônicas oficiais faziam isso de maneira explícita; por outro, romances históricos e livros sobre feitos de cavalaria reforçavam o ideal político e as personalidades dos duques através de narrativas que se colocavam entre a história e a ficção.

Em um contexto pré-renascentista, os escritores borgonheses privilegiaram o contato com a Antigüidade clássica que fez surgir um novo gênero literário que marcou profundamente a identidade da casa da Borgonha sob a linhagem Valois: a literatura cavaleiresca.⁸⁹ Reforçando o “mito do cavaleiro perfeito”, tal gênero literário deu origem aos romances históricos que alimentou as mentes da época que, como diria Johan Huizinga, procuravam explicar a sua realidade confusa e apaixonadamente violenta através das aventuras heróicas dos príncipes que se valiam dos valores e ideais da cavalaria clássica existente apenas enquanto ideal aristocrático.⁹⁰

É provável que essas motivações cavaleirescas e os temas comuns às crônicas e às *Mémoires* tenham ajudado a provocar a generalização que engloba a obra de La Marche no rol das produções que realizavam a propaganda principesca. Todavia (vale a pena repetir), as memórias escritas não assumiam o caráter da crônica; elas se ligam mais à vida do seu autor do que à exaltação da figura do príncipe e da história do ducado, embora tenham sido com frequência alvos de interpretações generalistas que

⁸⁷ RÉGNIER-BOHLER, Danielle. Op. Cit. p.XII.

⁸⁸ Ibidem. p.XV.

⁸⁹ Ibidem. p.XXV.

⁹⁰ HUIZINGA, Johan. **A Idéia da Cavalaria**. In: **O Declínio da Idade Média**. São Paulo: Verbo – Editora da Universidade de São Paulo, 1978. p.63-71.

terminam caracterizando-as de maneira semelhante a outros relatos considerados oficiais.

Danielle Régnier-Bohler procurou enfatizar a diferença entre o trabalho do cronista e do memorialista, termo este sobre o qual já fizemos ressalvas anteriormente. O autor dá uma importante indicação da natureza das memórias escritas no fim da Idade Média:

A atividade dos cronistas e memorialistas, muito mais ligados à vida política, ao acontecimento da História, legou *Mémoires* e *Vies* centradas sobre um indivíduo, as “Chroniques” tomando por objeto uma duração histórica, reinos, uma dinastia, uma cruzada, uma guerra.⁹¹

Apesar de indicar a importante diferença entre a crônica e a memória escrita, o autor não se aprofunda na discussão e vez ou outra toma o trabalho de La Marche como crônica, colocando-a ao lado das produções de Chastellain e outros escritores borgonheses ligados à função oficial da escrita.

Assim como Régnier-Bohler, Daniel Poirion caracteriza a literatura borgonhesa como um conjunto de obras escritas em prosa que se ligavam aos interesses políticos dos príncipes. Para ele, o universo literário borgonhês introduziu na França a *aplicação do mecanismo perverso*, que inaugurou um tipo de arte e literatura no fim da Idade Média que se colocava a serviço do poder. Para o autor, a literatura da Borgonha que se construiu entre os países de línguas francesa e germânica agia na direção de um centralismo político que marcava naquela época a fixação de um poder soberano emergente ainda em formação. Esse tipo de literatura revelava uma Europa que se reorganizava, se preparando para o fenômeno da centralização política que deu forma aos Estados modernos.⁹²

Essa literatura configurava também a *estética da força*, ou seja, a palavra dotada da função política e diplomática. O segredo da eficácia era, sem dúvidas, o que Poirion chamou de “*ressurreição do estilo ciceroniano*”, que instalou definitivamente a tradição da grande retórica no mundo borgonhês.⁹³ Para o autor, foi esse “estilo borgonhês” que fundou a Renascença do Norte, lançando a Borgonha no mundo

⁹¹ Tradução do original: “L’activité des chroniqueurs et des mémorialistes, beaucoup liés à la vie politique, à l’événement de l’Histoire, a légué des *Mémoires* et *Vies* centrés sur un individu, les “Chroniques” prenant pour objet une durée historique, des règnes, une dynastie, une croisade, une guerre”. RÉGNIER-BOHLER, Danielle. Op.Cit. p.XXVII.

⁹² POIRION, Daniel. **Préface**. In: Op. Cit. p.I.

⁹³ Ibidem. p.III.

moderno e renascentista antes da França sofrer os impactos das transformações que prenunciavam a Europa do porvir.

Não há dúvidas de que as *Mémoires* nasceram dessa erupção da literatura em prosa borgonhesa. Mas isso não é motivo suficiente para que as particularidades que cabem à obra sejam negligenciadas pelas análises generalistas que privilegiam a “análise cronista”. As especificidades que caracterizaram a escrita da memória devem ser consideradas para que obras como a de La Marche ganhem novas interpretações.

É preciso, diante desse quadro, levantar as seguintes questões: o que significava escrever memórias para um homem de letras do século XV? Quais são as coisas e os acontecimentos que deveriam ser lembrados? De que maneira ele “lembrou” tudo o que foi narrado? São perguntas importantes para orientar a busca do significado de um termo que na visão de muitos parecia vago e superficial diante dos reconhecidos gêneros que autorizaram a escrita em prosa no fim da Idade Média.

Nesse sentido, as análises do próximo capítulo mostrarão como a memória possuía um significado social importante para La Marche e a sociedade do seu tempo. Que, diferente da crônica, a escrita da memória procurava cumprir outra função, mais ligada a uma motivação pessoal e subjetiva do que as razões políticas que patrocinavam certos tipos de literatura durante o século XV.

Veremos, portanto, que há uma significativa aproximação entre o valor que o autor das *Mémoires* atribui à memória e o significado que a mesma possuía no século XV enquanto uma importante tradição medieval que transitava do oral para o universo da escrita. E no curso desta análise perceberemos como o exercício da rememoração através da escritura promoveu o nascimento do homem medieval como indivíduo no século da transição do medievo para a época moderna.



FIGURA 1. *Retrato de Olivier de La Marche, autor desconhecido, século XVI, Britsh Museum.*

II

LA MARCHE E O ESPAÇO DO TEXTO: a tradição da memória medieval e o nascimento do indivíduo no século XV

Na leitura das páginas introdutórias das *Mémoires* produzidas durante os anos borgonheses percebemos que La Marche atribuiu aos seus escritos a função de cumprir uma tarefa pessoal que não se ligava ao serviço do príncipe. A sua insistência em afirmar que registrou os escritos “*pela maneira de memórias*”, era, na verdade, a tentativa de configurar o caráter particular da obra, distanciando-a dos gêneros oficiais produzidos pelos cronistas.

Diante dessa “intenção de memória” do autor, Catherine Emerson tratou o termo *mémoire* como uma expressão genérica que deveria cumprir, entre os escritores da época, a função de distinguir esse tipo de produção de outros gêneros maiores e reconhecidos.⁹⁴ Todavia, embora isso possa mesmo ser percebido nas declarações do autor, pretendemos ir além sobre a discussão do significado da memória na época de Olivier de La Marche. Não queremos reduzir o caráter das *Mémoires* a uma obra cuja literatura não possuía forte expressão para o seu próprio tempo ou que procurava apenas não ser a “literatura da verdade”, reconhecida e oficializada na corte.

Para aprofundar a questão teremos que evitar qualquer definição preconcebida para o termo “memória”. Precisamos, ao contrário, tomá-lo como conceito e realizarmos a sua historicização.⁹⁵ Com isso estaremos construindo a busca pelo significado da memória medieval e tentando compreender como ele influenciou, no século XV, um tipo de escrita completamente particular.

Já vimos que vários outros autores que trabalharam com os relatos de La Marche ignoraram tal discussão. Nesse sentido, ao aprofundarmos essa questão não pretendemos fazer das *Mémoires* a obra fundadora de um gênero narrativo que se afirmou completamente no fim da Idade Média. Embora a produção de memórias

⁹⁴ EMERSON, Catherine. Op. Cit. p.38.

⁹⁵ A “história dos conceitos” é a tarefa dos “novos” historiadores, segundo Reinhart Koselleck. Para um maior aprofundamento da discussão, ver: KOSELLECK, Reinhart. **História dos conceitos e história social.** (Sobre a teoria e o método da determinação do tempo histórico). In: _____. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. pp. 97-118.

escritas não constituísse ainda um gênero literário cristalizado na época, pode-se enxergar aí o nascimento de uma literatura de certa forma nova, que apresentou na palavra escrita os elementos que influenciariam, não muito depois, a criação de alguns tipos de narrativas que se afirmaram na época moderna. É o próprio caso das *mémoires* escritas que, de acordo com Jacques Le Goff, só foram reconhecidas como gênero durante o século XVI⁹⁶, o que sugere que a obra de La Marche, do fim do século XV, esteve na transição entre as duas épocas.

De todo modo, vale a pena repetir que estamos na busca por um entendimento mais claro sobre a natureza dos escritos produzidos por Olivier de La Marche, porque acreditamos que eles foram influenciados pelas questões ligadas à pessoa ao invés de ter sido uma obra que deveria prestar oficialmente um serviço ao príncipe.

A partir dessa idéia anunciamos a segunda questão deste capítulo, que se liga diretamente à escrita em torno do significado da memória medieval: o nascimento do indivíduo. Com a significação da memória e da tarefa de escrevê-la realizada por La Marche, concebemos como esse tipo de narrativa do fim da Idade Média pôde construir pela primeira vez no Ocidente medieval a “consciência de si”.

Por essa razão entendemos a obra de La Marche como o *espaço do texto*, onde o indivíduo pode se construir na narrativa e se impor com mais liberdade através do desenvolvimento de certa atividade autoral, manipulando os discursos que falam sobre o mundo ao qual se sentia pertencido. As suas razões e motivos estão, assim, inscritos nas páginas da obra que reuniu as descrições sobre suas próprias experiências. O espaço do texto edificado em torno da memória no fim da Idade Média abriga, dessa maneira, as primeiras expressões do indivíduo no campo da escrita.

É importante ressaltar que o texto só se torna o espaço da afirmação do indivíduo se houver a explicação histórica que apresente e discuta os fatores que promoveram, paulatinamente, a construção do sujeito. Desse modo, é preciso sair em busca do entendimento acerca do processo histórico que abrigou o período de gestação e preparou o nascimento dessa consciência individual. Entretanto, ao contrário do que se pode pensar, esse período não se liga unicamente às influências do Renascimento Cultural, que para muitos promoveu a morte abrupta do mundo medieval. É necessário

⁹⁶ LE GOFF, Jacques. **Memória. (Os progressos da memória escrita e figurada da Renascença a nossos dias)** In: _____. **História e Memória**. Campinas, SP: 2003. pp. 451-461.

recuar no tempo para explicar os primeiros passos dessa gestação, dados nos séculos “clássicos” da Idade Média Central.

Percorrendo esse trajeto, devemos manter a lucidez e não nos deixarmos seduzir pela “*tentação da modernidade*”, como alertou Philippe Braunstein.⁹⁷ É importante renunciar às ameaças exageradamente modernas que pretenderam transformar os últimos séculos medievais num prelúdio do futuro. Talvez seja preciso visitar a obra clássica de Johan Huizinga para entender que o século XV pôde produzir uma cultura franco-borgonhesa particular que reuniu aspectos inteiramente medievais forjados no passado, e que não se tratava de uma preparação quase predestinada para um renascimento que só se configuraria depois.⁹⁸

Para os autores de *mémoires*, o texto como espaço de auto-afirmação ganha mais importância. Balizando todo o universo da obra entre os limites impostos pelas suas experiências, esses autores se construía através da escrita à medida que procuravam inscrever uma série de acontecimentos nos relatos sobre eventos que supostamente tinham vivido. Para Paul Zumthor, a escrita da memória continuava, no fim do medievo, de uma maneira ou de outra cumprindo a função que sempre lhe foi muito própria: realizar a “*inscrição do homem e de sua história, pessoal e coletiva, na realidade do destino*”.⁹⁹

Desse modo, operando no nível da literatura, a natureza do espaço do texto é completamente simbólica. Ele existe em si mesmo e não funciona como o intérprete de uma verdade ou realidade concreta: trata-se de uma realidade literária que não traduz uma época ou uma sociedade, mas carrega certos aspectos que estão muitas vezes escondidos nas formas apresentadas na própria narrativa.¹⁰⁰

A noção de “espaço literário” discutida por Maurice Blanchot e que já apresentamos na nossa introdução, embora configure novas percepções sobre a literatura moderna e não medieval, indica dois aspectos que se ligam com a análise do espaço do texto da maneira como abordamos aqui. Em primeiro lugar, escrever é praticar, cometer uma ação, atuar, encenar e se inscrever numa realidade particular;

⁹⁷ BRAUNSTEIN, Philippe. **Abordagens da intimidade nos séculos XIV-XV.** (A Emergência do Indivíduo). In: DUBY, Georges. ARIÈS, Philippe (Orgs.). **História da Vida Privada:** da Europa feudal à Renascença. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. V.2. p.527.

⁹⁸ A referência para o livro de Huizinga é a seguinte: HUIZINGA, Johan. **O Declínio da Idade Média.** São Paulo: EDUSP, 1978.

⁹⁹ ZUMTHOR, Paul. **Memória e Comunidade.** In: Op. Cit. pp.139-158.

¹⁰⁰ CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação.** In: Op. Cit. p.71.

depois, a literatura, se podemos lhe atribuir uma definição, deve ser vista enquanto acontecimento.¹⁰¹

Dessa maneira, o texto em si passa a ser percebido em torno do seu movimento próprio, provocado no ato da escritura motivada pelas ações do autor. Uma realidade literária só diz respeito a si e o mais importante é analisar como ela se constrói a partir dos elementos que compreende no seu próprio universo. Assim, o texto é entendido como um espaço dotado de sentido atribuído por quem comete a ação, ou seja, por quem escreve.

Mas por que falamos em um espaço do texto para configurar a natureza de uma obra pertencente ao conjunto da literatura medieval? É importante que se entenda porque resolvemos adotar o termo “texto” e não “livro”, por exemplo, para configurar uma questão que se remete ao fim da Idade Média.

Como nos diz Roger Chartier, os autores não produzem livros, eles escrevem textos. Os livros são fabricados por outros tipos de profissionais, como os copistas de antigamente e os editores, que empregam habilidades técnicas na sua fabricação.¹⁰² Durante muito tempo, o livro foi sinônimo de poder material e não era compreendido como um meio de transmissão massiva do conhecimento que ele abrigava. Figurando como verdadeiros símbolos nas bibliotecas dos príncipes (como a dos duques da Borgonha), os livros eram objetos valiosos; já o texto, a maneira de lhe atribuir um dado valor simbólico.

No mundo medieval, quando o livro nem sempre foi uma realidade possível, as distinções devem ser feitas em torno da “escrita” e do “texto”. Aqui, este último se torna o objeto fabricado, e a escrita, a ação do autor. Transformar escritura em texto era uma verdadeira arte, como bem descreveu Paul Zumthor. Eram exigidas certas habilidades artesanais para recolher o texto sobre tabuinhas de cera e depois passá-lo a limpo para o pergaminho.

Os copistas que se dedicavam a produzir as belas formas dos textos empregavam um longo tempo na produção de uma única peça e precisavam, além de certa disposição intelectual, de uma disposição física considerável para produzir o suficiente até o sol se pôr e levar embora a luz necessária para realizar com o máximo

¹⁰¹ BLANCHOT, Maurice. **Abordagem do Espaço Literário**. In: Op. Cit. pp.27-42.

¹⁰²Ibidem. p.71.

de perfeição o trabalho meticuloso.¹⁰³ Aqui o texto é, sobretudo, forma, um espaço artificial construído para abrigar o conteúdo criado pela escrita.

Com isso, falar em um espaço do texto criado pela prática da escrita é perceber como o indivíduo que escreve construiu o seu próprio espaço de atuação a partir dos significados que ele mesmo produziu durante a realização da sua ação. O homem do fim da Idade Média pôde, assim, construir o espaço do seu nascimento como indivíduo, transformando o mundo da escritura em abrigo para suas reflexões pessoais.

A atividade escriturária durante o fim do medievo não era inteiramente independente da oralidade, pois esta ainda continuava sendo a principal característica da cultura medieval. As relações estabelecidas entre o oral e o escrito por Paul Zumthor puderam enxergar, mesmo no século XV, uma dependência da escrita em relação à oralidade, o que sugere que esse momento de transição entre duas épocas históricas também fez transitar a autoridade que lentamente foi transmitida do campo da oralidade para o universo da escritura.

Segundo o teórico, a função da escritura no fim do medievo era funcionar como a base da oralização. Os textos deveriam preparar a voz, que ainda continha os significados mais fortes.¹⁰⁴ Em outras palavras, deveriam orientar os discursos conferindo-lhes a autoridade que a escrita começava a construir em torno dos seus horizontes ainda estreitos.

É nesse contexto de equilíbrio entre o oral e o escrito que devemos perceber mais claramente como a tradição da memória transmitida da Antiguidade para o medievo foi estendida, no curso do movimento crescente da autoridade da escrita, para o espaço do texto. Essa re-significação dos valores da memória praticada pela escritura dotou com um novo sentido a escrita da memória, atribuindo-lhe valores cristãos e morais característicos da Idade Média.

Presente nesse contexto, La Marche se fez o “homem-memória” que recusou abrigar todo seu conhecimento na fragilidade da memória natural; ele preferiu, assim como outros da sua época, fixar com a escrita o aprendizado retirado do seu próprio passado para que ele fosse lido e relido pelas gerações futuras. Até porque escrever passou a ser uma das formas de alcançar a eternidade e isso gerou uma função importante no século XV: compor uma obra.

¹⁰³ ZUMTHOR, Paul. **A Escritura**. In: Op. Cit. p.100.

¹⁰⁴ Ibidem. p.97.

Na nossa visão moderna isso pode parecer evidente, mas na época medieval foi tal função que concretizou a existência do autor.¹⁰⁵ Não havia até o fim do século XII a preocupação que nós temos hoje de associar um texto a um autor; segundo Paul Zumthor, o que existia era uma grande confusão na distinção das funções do “ator” e do “autor” durante grande parte do período medieval.¹⁰⁶

Como já comentamos na introdução, algumas obras assumiram os valores de verdade da época, e durante o fim do medievo tais valores alojados na natureza dos discursos de crônicas e *mémoires* eram autorizados pela identificação da autoria, expressada, com orgulho, no nome do autor. Essa necessidade de identificação da autoria em certos modelos escriturários só surge com mais força na medida em que a escritura ganhou cada vez mais autoridade, e a palavra fixada no texto lentamente o poder que era conferido à voz, o que começou a ocorrer no Ocidente medieval a partir do século XIII.¹⁰⁷

Toda essa discussão acerca da escritura medieval é importante para darmos o próximo passo no nosso trabalho: entender os significados da escrita da memória. Nesse sentido, a discussão a seguir buscará analisar como a tradição da memória medieval se inseriu no campo da escrita durante o fim da Idade Média, e principalmente como o tipo de obra produzida por Olivier de La Marche adotou os valores e significados dessa tradição.

Só após termos problematizado essa questão é que poderemos perceber mais claramente como as *Mémoires* formaram o espaço do texto onde o autor pôde promover seu próprio nascimento como indivíduo, construindo sua personalidade como homem da corte e inscrevendo as suas motivações pessoais na narrativa que buscou recordar (e recriar) o seu próprio passado.

2.1 – RECORDAR PARA SER PRUDENTE: a tradição da memória medieval nas *Mémoires*

“Mesmo quando me encontro nas trevas e no silêncio, posso representar na memória, se quiser, as cores, e distinguir o

¹⁰⁵ Ibidem. p.106.

¹⁰⁶ Ibidem. p.103.

¹⁰⁷ Idem. **Memória e Comunidade.** In: *Op.Cit.* p.155.

*branco do preto e todas as outras cores entre si. Assim, posso recordar, conforme me agrada, todas as outras coisas que são introduzidas e acumuladas pelos outros sentidos. Sem nada cheirar, distingo o perfume dos lírios do perfume das violetas, e sem nada provar nem tocar, mas apenas na memória, prefiro o mel ao mosto cozido, o macio ao áspero. Realizo interiormente todas essas ações, no grande palácio da memória. (...) É aí que encontro a mim mesmo, e recordo as ações que realizei, quando, onde e sob que sentimentos as pratiquei”.*¹⁰⁸

Para a historiadora da arte Frances A. Yates, a memória foi uma prática importante e um termo pleno de significados durante a Idade Média.¹⁰⁹ A definição de memória se instalou no Ocidente medieval sob a forte influência do cristianismo e dos seus defensores que, desde os primeiros séculos, se ocuparam em re-significar o termo herdado da Antiguidade clássica, atribuindo-lhe todos os motivos devotos que o período conheceria ao longo dos séculos.

No belo livro de Yates estão reunidas as melhores análises sobre as transformações ocorridas com as tradições da memória na Antiguidade, na Idade Média e no Renascimento. A autora analisou profundamente o surgimento das técnicas de memorização no período clássico da Grécia e a sua transmissão para o mundo medieval através de Roma e do seu principal orador, Cícero. O seu objeto de estudo, a *arte da memória* da Antiguidade ao Renascimento, foi muito presente na construção dos discursos, dos sermões e de conceitos importantes para entendermos os pensamentos e as idéias que caracterizaram as épocas passadas.

De uma maneira geral, a arte da memória consistia no exercício da mnemotécnica (técnicas de memorização) para a criação de lugares e imagens de memória que pudessem orientar discursos, sermões e doutrinas. Na Antiguidade, principalmente em Roma com Cícero, ela foi afirmada como uma parte importante da retórica que visava o alcance da prudência, virtude magna proclamada pelo orador romano.

Segundo Yates, duas obras da Antiguidade romana foram conservadas e transmitidas ao mundo medieval: *De Inventione*, de Cícero; e o *Ad Herennium*, que

¹⁰⁸ AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: **Paulus**, 1997. pp. 274-276.

¹⁰⁹ Sem dúvidas o livro de Frances A. Yates é a melhor indicação para o assunto. Ver: YATES, Frances A. **A Arte da Memória**. Campinas, SP: 2007.

durante séculos teve a sua autoria atribuída também a este último, chegando a ser questionada posteriormente por algumas importantes mentes renascentistas, como a de Lorenzo Valla. Tais obras, respectivamente chamadas de *1ª* e *2ª Retóricas*, caracterizavam a memória como a quinta parte da retórica e este ensinamento foi longamente conservado nos mosteiros medievais, alimentando a tradição elaborada pelos homens da igreja, como Marciano Capella e Agostinho (ver citação que abre o tópico).

Particularmente no *Ad Herennium*, a tradição ciceroniana transmitida ao mundo medieval conservou a memória como uma maneira de alcançar a prudência, a mais importante virtude a ser buscada na razão moralizante do cristianismo. Os homens medievais que mantinham contato com os estudos clássicos, especialmente os monges e outros participantes da Igreja, tentavam transmitir um ensinamento baseado numa espécie de retórica que se construía através da recordação de acontecimentos passados para a orientação do presente e do futuro.

A prudência, representada como uma figura feminina que possuía três olhos, só poderia ser alcançada se controlasse exatamente os três tempos da visão de mundo cristã. Portanto, era necessário que a tradição da memória medieval se apropriasse do passado, justificasse o presente e orientasse o futuro. Tratava-se, em primeiro lugar, da constituição de uma retórica da conversão baseada na técnica de construir imagens e lugares de memória, como era o caso das descrições discursivas sobre o paraíso e o inferno.

Para Yates, o treino e a prática da mnemotécnica constituíam uma das principais atividades entre os homens da Igreja e eram vistos como um dos exercícios morais mais importantes para a formação da mente cristã. Podemos ver no trecho retirado do seu livro como astécnicas mnemônicas podem se associar às imagens comuns presentes no imaginário medieval: “*Quais eram as coisas que a devota Idade Média queria lembrar? Certamente, aquelas relacionadas à salvação e à danação, os artigos da fé, os caminhos para o Paraíso, por meio das virtudes, e para o Inferno, por meio dos vícios.*”¹¹⁰

Sem dúvida o tema das virtudes e dos vícios foi central na tradição da memória medieval durante todo o período. A partir do século XII, a revisão escolástica das técnicas de memorização reforçou o ensinamento do *Ad Herennium* concebendo a

¹¹⁰ Idem. **A Arte da Memória na Idade Média**. In: Op. Cit. pp. 78-9.

memória como parte da *Prudentia* e teve como matéria mais importante a exaltação das virtudes e o combate aos vícios.¹¹¹ A ênfase dos escolásticos dominicanos, como Alberto Magno e Tomás de Aquino, estava na função ética que a arte da memória recebera no período. O objetivo de tal conduta era, certamente, utilizar a memória em benefício da Igreja.¹¹²

Mesmo se mantendo no interior dos mosteiros e do mundo clerical, com a escolástica a arte da memória deu os primeiros passos em direção ao mundo leigo. E nesse processo lento de laicização do uso da *memória artificial*¹¹³ reside uma das questões mais interessantes levantadas no livro de Frances Yates: a de que as formas de arte exterior (uma vez que a arte da memória era uma arte invisível e interior), a literatura e a arte, receberam estímulo das imagens e dos lugares de memória criados na tradição escolástica.¹¹⁴ Os melhores exemplos para isso são, segundo a autora, os afrescos de Giotto e a *Divina Comédia*, de Dante.¹¹⁵ Em ambos os casos, podemos encontrar as melhores e mais impactantes descrições dos caminhos que levam ao paraíso (o das virtudes) e ao inferno (o dos vícios).

Os ensinamentos escolásticos e tomistas da memória ganharam alcance maior fora do universo da igreja com o *Ammaestramenti degli antichi* ou o *Ensinamento dos antigos*, escrito em língua vulgar no início do século XIV por Bartolomeo de San Concordio, erudito dominicano que dedicou parte da sua vida a um convento na cidade de Pisa. Segundo a “historiadora da memória”, o fato curioso de uma obra de um erudito tomista ter sido escrita em língua vulgar só pode significar que o alvo de Bartolomeo era grandemente o público leigo mais do que o clerical, retomando a máxima de Alberto Magno que dizia que “*a arte da memória pertence a ambos, ao homem moral e ao orador*”.¹¹⁶

A idéia de “homem moral” de Alberto Magno resume a visão cristã do mundo que deveria ser doutrinado por uma religião que se afirma na memória. De acordo com Jacques Le Goff, a rememoração é a base do ensinamento cristão e por essa razão o seu exercício sofreu forte processo de cristianização durante os séculos

¹¹¹ Ibidem. pp. 81-85.

¹¹² Ibidem. p. 104.

¹¹³ O termo exprime a idéia de uma “arte da memória”, literalmente. Tudo está definido no *Ad Herennium*, supostamente escrito por Cícero e é caracterizado na idéia de que a memória artificial é esta que podemos exercitar e aperfeiçoar, diferente da memória natural, alojada na essência do ser.

¹¹⁴ Ibidem. p. 138.

¹¹⁵ Ibidem. p. 121.

¹¹⁶ Ibidem. p. 119.

medievais.¹¹⁷ Devido à importância relacionada com a doutrinação cristã, a memória medieval se tornou uma das grandes contribuições para as formas da própria sociedade, dando vida a monumentos, catedrais, formas de arte e literatura; e chegando até a se tornar a principal fonte de alimentação da historiografia da Idade Média.¹¹⁸

Durante todo o período, e principalmente a partir do século XII com as revisões escolásticas, a tradição da memória permaneceu em equilíbrio entre a oralidade e a escrita. A primeira forma era compreendida no universo dos “homens-memória”, aqueles de idade avançada que pela experiência de vida tinham acumulado uma grande quantidade de informações sobre acontecimentos a serem narrados e descritos; a segunda, assumindo a forma escrita, permaneceu nos grupos restritos da burocracia, da religião e da literatura, constituindo o melhor e mais eficaz suporte para a arte da memória em uma época em que o “saber de cor” era, de fato, ter o domínio do conhecimento.¹¹⁹ A memória oral descrevia, enquanto a memória escrita fixava o saber.

Essa memória como razão era a herança de Aristóteles lançada sobre o tomismo e apresentada na Suma Teológica de Tomás de Aquino. A sua relevância para o mundo medieval, segundo Le Goff, foi o que possibilitou a criação de tratados de memória e certas obras de arte nos séculos XVI e XVII.¹²⁰ Para o autor, é exatamente no século XVI que surgem as *mémoires* escritas e quando o indivíduo se afirma através de tais gêneros narrativos. Todavia, chamamos atenção aqui para a necessidade de se pensar o século da transição, o século XV, talvez o mais emblemático para se analisar o desenvolvimento da memória escrita na transição da Idade Média para a Idade Moderna.

O século XV foi a época da *memória tradicionalista*.¹²¹ Esta era formada pela prática da arte da memória associada à renovação da literatura antiga. Era, na verdade, o conjunto de revisões feitas pelos escolásticos sobre as questões mnemônicas. Foi na França deste século que surgiu o termo *mémorable* para se referir às coisas que deveriam ser recordadas. O termo *mémoire* já existia desde o século XI, mas como já dito anteriormente, ficou restrito ao mundo burocrático, intitulado dossiês administrativos no momento em que o centralismo monárquico surgiu na França.¹²²

¹¹⁷ LE GOFF, Jacques. Op. Cit. p. 440.

¹¹⁸ Ibidem. p. 444.

¹¹⁹ Cf. Ibidem. p. 444-6.

¹²⁰ Ibidem. p. 450.

¹²¹ Ibidem. p. 455.

¹²² Ibidem. p. 455.

Pensando esse século de transição devemos nos voltar para a obra de Olivier de La Marche, produzida praticamente durante toda a segunda metade do século XV. Sem ser um tratado de memória como os que surgiriam no século XVI e sem conter a discussão sobre as técnicas de memorização herdadas da Antiguidade, as *Mémoires* são compreendidas aqui como uma obra leiga que traz as influências escolásticas da importância da memória para a formação moral do homem cristão. Mais ainda, ela intencionou cumprir a função de alcançar a prudência exaltando as virtudes e combatendo os vícios, como podemos constatar em várias das suas passagens.

Embora não mencione diretamente os ensinamentos dos escolásticos (mas menciona Tomás de Aquino como uma influência retórica), as *Mémoires* se aproximam claramente da devoção cristã proclamada nos ensinamentos dos dominicanos. No prefácio de 1472, La Marche insere o já conhecido tema memorável das virtudes e dos vícios e se inscreve no próprio texto, criando um caminho de conduta ética e moral para si próprio proporcionado pelo exercício da escrita.

Tenho a presente lembrança do que disse o sábio Sócrates, que o ócio é o leito delicioso e a cama onde todas as virtudes se esquecem e adormecem, e, pelo contrário, que o trabalho e o exercício são o armário, o abismo e a prisão onde os vícios são absconsos (...), e não podem se despertar a não ser pela ociosidade, mãe de todos os males; por esta razão, me achando cansado e aborrecido da companhia dos meus vícios, e desejando acordar virtudes lentas e sonolentas, empreendi o trabalho de (...) compilar alguns volumes, pela maneira de memórias, onde estará contido tudo o que eu vi do meu tempo, digno de ser escrito (...)¹²³

La Marche via na escrita da memória a redenção pessoal para os vícios acumulados durante a vida. Assumindo a condição pecadora de leigo como todo bom devoto, tentou construir uma importância ética e moral para o seu trabalho ao se servir da autoridade que a memória possuía e da nobreza que revestia a prática da escrita no século XV.

É interessante pensar que as *Mémoires* podem figurar como um exemplo de obra resultante do processo de laicização da arte da memória iniciado no início do

¹²³ Tradução do original: “Ayant-de present souvenance de ce que dit le sage Socrates, qu'oisiveté est le délicieux lict et la couche où toutes vertus s'oublent et s'endorment, et, par le contraire, que labeur et exercice sont le repos, l'abisme el la prison où sont les vices abscons (...), et qu'ils ne se peuvent réveiller (...) sinon que par ladicte oisiveté, mere de tous maux; à cette cause, me trouvant fatigué et ennuyé de la compagnie de mes vices, et desireux de réveiller vertus lentes et endormies, ay empris le fais et labeur de faire et compiler aucuns volumes, par manière de Mémoires, où sera contenu tout ce que j'ay veu, de mon temps, digne d'estre escript (...)” LA MARCHE, Olivier de. **Mémoires de messire d'Olivier de La Marche (Preface du Premier Livre)**. In: Op.Cit. Paris: Foucalt, 1825. pp. 233-234.

século XIV que comentamos anteriormente. No século XV, é possível crer que a noção de memória criada pelos escolásticos tenha se fixado e sido transmitida para a escrita, adaptando à nova forma de autorizar a palavra o objetivo principal da tradição medieval da memória: a busca da prudência.

Retomando a discussão proposta por Yates sobre o assunto, podemos ver o seguinte trecho retirado do seu livro:

Isso sugere (a abertura da arte da memória para os leigos) que a memória artificial se difundia pelo mundo, era recomendada a leigos como exercício de devoção. (...) Não apenas o pregador deveria usá-la, mas qualquer “homem moral” que, impressionado pelo sermão dos frades, quisesse evitar a todo custo os vícios que levam ao Inferno e atingir o Paraíso por meio das virtudes.¹²⁴ (grifo nosso)

A conclusão a qual podemos chegar é que La Marche foi uma espécie desses “homens morais” do fim da Idade Média disposto a retomar o já famoso tema dos vícios e das virtudes, principal condutor da temática da salvação, fortalecida e enfatizada pelos escolásticos.

Na última citação, a menção a Sócrates confirma a leitura renovada dos textos antigos e a afirmação feita anteriormente de que os escritores borgonheses mantiveram contato frequente com a literatura antiga. No entanto, é preciso dizer que a renovação dessa leitura significa falar em apropriação e re-significação dos textos clássicos pelas mentes escolásticas.

La Marche não pode ter lido diretamente os escritos antigos sobre Sócrates sem a interpretação dos dominicanos, pois o ócio na Grécia Clássica não era visto como a reunião de todos os males como ele afirmou, muito pelo contrário, era a condição da criação do pensamento e das idéias que permitiram o conhecimento filosófico. Nem nos primeiros séculos da Idade Média é possível se ter essa compreensão do ócio como algo negativo e o trabalho como um valor social exaltado, uma vez que a herança medieval do trabalho legou a toda a Alta Idade Média um valor degenerativo à noção de *laborare*.¹²⁵

A compreensão de que o trabalho libertava o homem dos vícios começou a ser construída pouco depois do ano mil, durante a Idade Média Central, quando a

¹²⁴ YATES, Frances A. Op. Cit. p. 119.

¹²⁵ LE GOFF, Jacques. **Trabalho, Técnicas e Artesãos nos Sistemas de Valor na Alta Idade Média (do século V ao século X)**. In: _____. **Para um Novo Conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente**. Lisboa: Editorial Estampa, 1980. pp.101-115.

categoria dos *laboratore* foi reconhecida pela própria igreja como um valor social característico da sociedade feudal. O reconhecimento se deu inicialmente, segundo algumas célebres análises, pelas mentes eclesiásticas de Adalbéron de Laon e Gerard de Cambrai.¹²⁶ O trabalho, a partir do século XI, passou a ser uma das funções essenciais do modelo de sociedade tripartida que construiu, segundo a análise clássica de Georges Duby, o imaginário do feudalismo.¹²⁷

E se pensarmos em uma obra escrita no século XV, que foi uma época de transição; que viu o crescimento urbano em movimento e maior desenvolvimento do mundo do trabalho; que reforçou os ideais escolásticos representados nas ordens da Igreja, que por sua vez releeram o passado e criaram novos significados para explicar a sociedade medieval, não poderíamos pensar nas *Mémoires* como uma obra que reforçou os valores moralizantes da Idade Média com os recursos da sua própria época, ou seja, da memória tradicionalista e da literatura em prosa? É essa a leitura dos antigos que La Marche realizou: revisada e moralmente re-significada pelos motivos cristãos dos escolásticos, inteiramente ligados à tradição da memória medieval.

O termo *mémoire* parece assim ser mais do que uma simples generalização ou algo sem sentido mais concreto. Ele era um significado moral construído nas revisões dos textos clássicos realizadas pelos escolásticos e que estava diretamente relacionado com a tradição retórica do século XV.

Nos escritos das *Mémoires* produzidos durante os anos borgonheses, fica mais evidente a relação estabelecida entre a pessoa de La Marche e o significado que a memória tem na sua obra.

E todas as vezes, entre meus gostos amargos, eu encontro (...) uma sustentação na grande maravilha, em uma erva chamada *memória*: que é somente aquela que me faz esquecer sofrimentos, trabalhos, misérias e aflições, e pegar a pluma, e empregar âncora, papel e tempo, (...) para terminar (se Deus permitir) meu empreendimento: esperando que os leitores (...) supram os meus erros, aceitem meu bem querer, e sintam prazer e deleitamento de ouvir e saber muitas belas, nobres e solenes coisas acontecidas do meu tempo, e das quais eu falo por ver, não por ouvir dizer.¹²⁸
(grifo nosso)

¹²⁶ BASCHET, Jérôme. **A Igreja, Instituição dominante do feudalismo.** In: **A Civilização Feudal: do ano mil à colonização da América.** São Paulo: Globo, 2006. pp. 167-246.

¹²⁷ DUBY, Georges. **Revelação; Gênese; Circunstâncias.** In: _____. **As Três Ordens ou o Imaginário do feudalismo.** Lisboa: Editorial Estampa, 1994. pp. 13-77; 78-144; 147-189.

¹²⁸ Tradução do original: “Et toutesfois, entre mes amers gousts, je trouve (...) une sustance à merveilles grande, en une herbe appelee memoire: qui est celle seule qui me fait oublier peines, travaux, misères et afflictions, et prendre plume, et employer ancre, papier et temps, (...) pour achever (si Dieus plaist) mon

A escrita da memória parece ser a cura para os vícios e os males de La Marche. O trecho citado revela um forte significado, nos levando a perceber que ela possuía muito mais valor do que pensaram alguns estudiosos. Embora ela não tivesse sido reconhecida como um gênero literário tão reconhecido como a crônica, recuperou para o mundo da escritura os valores mais antigos cultivados durante vários séculos.

Outro ponto interessante a se notar é a maneira como o autor idealizou a sua própria obra. Ele parece ter imaginado um conjunto de leitores admirados com os relatos produzidos. Frequente tentou convencer o leitor da verdade dos seus relatos ao se colocar como personagem e testemunha dos eventos, conferindo autoridade à obra e se construindo como o “homem-memória”, ou seja, um erudito reconhecido pelo conhecimento acumulado a partir da própria experiência.

Certamente a visão que lançamos sobre a natureza das *Mémoires*, a distancia da produção literária que realizava a propaganda principesca, apenas para confirmar de outra maneira o que já foi dito no capítulo anterior. Longe de ser um trabalho comissionado, as memórias escritas de Olivier de La Marche nasceram da sua motivação pessoal.

Entretanto, o prefácio de 1488 (que marca o início da fase habsburga) poderia nos dizer exatamente o contrário. Quando assumiu as funções cortesãs na casa austríaca, La Marche alterou os objetivos da obra, como já sabemos pelo capítulo anterior. Nesse sentido, o público-alvo passou de um conjunto de leitores para apenas um: o herdeiro, Filipe *O Belo*.

Com a função de educar o filho de Maximiliano, os novos escritos da época habsburga promoveu o direcionamento das *Mémoires* para a educação do príncipe. Todavia, não devemos nos enganar quanto aos objetivos pessoais de La Marche. Ele não pretendeu transformar a obra em uma crônica nem em outro tipo de literatura por ter dedicado à sua produção ao cumprimento de um serviço principesco. O valor moral da escrita da memória ainda continuava assaz cristalizado nas intenções do autor, principalmente quando se tratou de formar uma personalidade nobre. Desse modo, ele não hesitou em retomar na segunda fase da escrita o velho tema das virtudes e dos vícios que era tão comum aos escritos da fase Valois.

emprise: esperant que les lisans (...) suppleront mes fautes, agreront mon bon vouloir, et prendront plaisir et delectation d'ouyr et sçavoir plusieurs belles, nobles et solennelles choses advenues de mon temps, et dont je parle par veoir, non pas par ouyr dire”. LA MARCHÉ, Olivier de. Op. Cit. p.236.

Com isso a memória continuava a ser o guia da razão moralizante e o berço das virtudes; ela permanecia sendo o caminho dos sábios. Dessa vez exercitando a função de educador, La Marche direcionou a edificação moral da sua escrita para a formação do futuro senhor da casa dos Habsburgo, potencializando com isso a prática da cortesia:

Porque o sábio diz que ele valeria e seria mais lícito ao homem, e faria melhor seu proveito, de alma e de honra, ser filho de um porqueiro guardando os porcos e reinando em virtude, que ser descendente de origem real, vivendo na nódoa do vício.¹²⁹

Quem mais seria o sábio senão o próprio La Marche, possuidor de um conhecimento advindo da sua vivência privilegiada e que se dizia capaz de narrar tudo o que viu de mais importante em seu tempo? Mesmo que hoje saibamos que isso não passou de uma intenção para legitimar a própria obra, que talvez La Marche não tenha sido testemunha de todos os acontecimentos que descreveu, se faz importante para o trabalho do historiador insistir sempre na tentativa de interpretar as intenções, declaradas ou não, do autor.

De maneira mais detalhada ele rescreveu os objetivos principais das *Mémoires* no texto de 1488, voltando a sua preocupação mais para a educação do príncipe a exemplo da citação anterior. No entanto, jamais abandonou o sentido que a escrita da memória possuía na busca da prudência pelo exercício moral da recordação. Podemos perceber isso claramente no seguinte trecho:

Além disso, se eu vos mostro também, com a ajuda de Deus, todas as coisas dignas de memória, prósperas e adversas, do meu tempo vivido nesta nobre Casa (...), que isso possa servir de *três coisas* ao vosso alto entendimento. A *primeira*, de reger a vós nas nobres e virtuosas obras e feitos dos vossos antecessores: *a segunda*, para louvar e agradecer a Deus celeste as glórias e as boas fortunas obtidas pelos vossos antecessores, das quais você se sente honrado: e *a terceira*, para que você acredite que foi Deus que permitiu a fortuna (...), que estes piparotes divinos permaneçam à porta do vosso pensamento (...), para que você tema as perseguições do céu, e que a vaidade dos amigos não faça de vós um denegridor de Deus, um estragador de fortuna, e que sirva para conduzir as coisas impossíveis, sem ter levado em consideração a perdição da nobreza e a destruição do povo por não ter

¹²⁹ Tradução do original: “Car le sage dit qu’il vaudroit et seroit plus licite à l’homme, et feroit mieux son profit, d’ame et d’honneur, d’estre fils d’un porcher gardant les porcs et regnant en vertu, que d’estre issu de royale origine, vivant en souilleure de vice”. LA MARCHE, Olivier de. Op. Cit. p.90.

atentado que Deus está do lado dos soberanos: sem qualquer desses ensinamentos, não poderás ter um bom final.¹³⁰ (grifo nosso)

Vemos que no primeiro objetivo dado por La Marche, o de fazer com que Filipe louvasse as glórias dos seus antepassados, ele se reporta diretamente ao passado; no segundo, ao recomendar o agradecimento pelas fortunas herdadas, refere-se imediatamente ao presente; e na terceira meta, orientando seu pupilo para a fé e obediência em Deus visando torná-lo um bom príncipe, liga-se ao futuro. Com isso, ele orientava o príncipe (e a si próprio) para a construção da *Prudentia* através do exercício da memória, como fizeram os escolásticos especialistas nos exercícios de rememoração ligando-se aos três tempos da cosmologia cristã: passado, presente e futuro.

A partir do texto de 1488, então, podemos perceber que La Marche passou a utilizar as conquistas da “missão pessoal” anunciada nos escritos iniciais de 1472, na educação de Filipe *O Belo*. Como ele mesmo afirmou, elas deveriam servir de “*exemplo, espelho e doutrina, úteis e proveitosas para o tempo vindouro*”.¹³¹

Essa busca da formação do príncipe prudente nos leva a pensar em outro gênero literário conhecido do fim da Idade Média, mas que só viria a se afirmar mais amplamente a partir do século XVI: os espelhos de príncipes.¹³² Certamente as *Mémoires* não desejaram cumprir o objetivo de ser um desses espelhos, mas não podemos deixar de notar a proximidade que a obra estabelece com o gênero que começava a se difundir cada vez mais no século XV.

¹³⁰ Tradução do original: “Au demeurant, si je vous monstre aussi, Dieu aidant, toutes les choses dignes de memoire, prospères et adverses, de mon temps avenues en cette noble Maison (...), cela puisse servir de trois choses à la hauteur de vostre entendement. La première, de vous regler es nobles et vertueuses oeuvres et faicts de voz antecesseurs: la seconde, afin de louer et gracier le haut Dieu celeste des gloires et bonnes fortunes avenues à voz antecesseurs, et desquelles vous vous sentez encor en honneur et profit: et la tierce, afin que si vous trouvez que Dieu ayt permis à la fortune (...), que ces coups de fouet et divines batures fièrent et heurtent à la porte de vostre pensee, pou ouvrir le guichet de sage memoire: à ce que vous redoutiez et craigniez les persecutions du ciel, et qu’outrecuidance d’amis, d’avoir ou de signeurie ne vous facent un contempteur de Dieu, un délieur de fortune, et un cuidieur de valoir, pour mener à fin les choses impossibles, sans avoir egard à la perdition de noblesse et à la destruction du peuple, et sans estre soigneux de requerir Dieu en souverain aide: sans lequel nulle emprise ne peut venir à bonne fin.” LA MARCHE, Olivier de. Op. Cit. p. 91-92.

¹³¹ Tradução do original: “(...) exemplaire, miroir et doctrine, utiles et profitables pour le temps à venir”. LA MARCHE, Olivier de. Op.Cit. p.89.

¹³² Uma boa referência sobre o assunto é: SKINNER, Quentin. **A Recepção do Pensamento Político e Humanista**. In: **As Fundações do Pensamento Político Moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp. 232-262.

A noção de “príncipe prudente” apareceria mais enfatizada posteriormente, em obras famosas enquadradas no gênero dos espelhos, como n’*O Príncipe* (1513) de Maquiavel, e *Da Educação do Príncipe Cristão* (1516), de Erasmo de Roterdã.¹³³

Dando atenção especial à obra de Erasmo, Quentin Skinner elencou uma série de características presentes na literatura dos espelhos e particularmente na sua obra que já podiam ser vistas nas *Mémoires* de La Marche. Dentre tais características, destacam-se as mais importantes como a recomendação da prudência como a primeira das virtudes, os modelos de personalidades heróicas do passado, tais como Alexandre, O Grande, e a recuperação da filosofia clássica de Sócrates e Aristóteles travestida na retórica e na filosofia moral. Esses aspectos figuram, para o cientista político inglês, como a mais forte expressão do pensamento da época de Erasmo.¹³⁴

Não deveríamos dizer: da época de La Marche?

Contudo, se as *Mémoires* receberam as influências dos espelhos ou se elas contribuíram de alguma maneira para a constituição de obras posteriores desse gênero literário, ficam apenas as nossas suposições e reflexões. Mas para provocar alguma discussão que deseje ir além, é interessante afirmar que a aproximação entre a obra de La Marche e a de Erasmo ultrapassa a mera semelhança literária.

Ambos, borgonheses, estiveram ligados à linhagem e a casa dos Habsburgo e cumpriram a mesma função de educadores de príncipes, estando separados apenas por um intervalo razoável de tempo. Se La Marche educou Filipe *O Belo* dedicando a ele as suas memórias, Erasmo educou o filho daquele, Carlos de Espanha, oferecendo-lhe um verdadeiro espelho de príncipe, o já citado *Da Educação do Príncipe Cristão*.

Carlos de Habsburgo, que chegaria a se tornar Carlos V Imperador do Sacro Império, admirava e tomou conhecimento dos escritos do velho La Marche que educara o seu pai na corte de Maximiliano. De acordo com Federico Chabod, ele governou à maneira borgonhesa, revestindo a sua política imperial de política dinástica, confundindo o seu Estado moderno com um reino feudal, vendo na cavalaria o sentido

¹³³ Ao citar as obras de Maquiavel e Erasmo não queremos enxergar semelhanças entre ambas; sabemos através de outros estudos que há uma diferença crucial na maneira como os dois autores pensaram a natureza da formação principesca. Eles estão figurando como exemplos por serem, talvez, os mais famosos e importantes espelhos de príncipes do século XVI.

¹³⁴ SKINNER, Quentin. Op. Cit. p. 259.

político e militar que identificou o governo do último duque Valois, Carlos O *Temerário*.¹³⁵

Assim, tendo lido as obras dos mais importantes escritores borgonheses, incluindo La Marche, esse príncipe se orgulhava de ser descendente do sangue dos Valois pelo lado da sua avó, Maria da Borgonha.¹³⁶ Orgulhava-se também de ser o herdeiro dos Países Baixos, os antigos e mais ricos domínios dos “grandes duques do Ocidente”.

Como vimos até aqui, as *Mémoires* foram escritas em torno do valor da antiga tradição da memória medieval, e isso pudemos perceber em algumas passagens da obra. A análise dos escritos tanto dos anos borgonheses como da fase habsburga revelou o significado que a memória possuía para La Marche enquanto homem do século XV, cristão, cortesão e escritor. Embora ele não tenha discutido claramente os assuntos sobre a memória como fizeram os dominicanos escolásticos, é inegável o valor que esta tinha para ele. Ela era o refúgio para os pecadores, servindo de instrumento para a orientação do presente e para a construção do futuro.

Ligando-se à experiência e à vida do autor, essas memórias escritas eram obras autônomas, capazes de trazer nos relatos as marcas individuais da pessoa que escrevia. Narrando as suas próprias memórias, o autor se insinuava sobre a narrativa com mais liberdade por escrever sob a condição de ter que relatar aquilo que tinha vivido. Isso também gerava certa manipulação dos discursos, tornando o exercício autoral numa maneira de expressar as reflexões pessoais no espaço do texto.

Toda essa configuração aponta para o nascimento do indivíduo, como temos demonstrado até aqui. No momento em que a “voz”, de acordo com Paul Zumthor, perdeu a sua natureza nômade para se sedentarizar no papel impulsionando o fortalecimento da autoridade da escrita¹³⁷, o historiador deve estar sempre em alerta para perceber como os escritores encaravam a sua própria prática e o lugar que ocupavam na sociedade.

¹³⁵ Veremos no próximo capítulo como a corte Habsburgo foi influenciada pela tradição borgonhesa da prática da cortesia realizada pelo próprio La Marche, que foi *maître d'hôtel* nas duas cortes.

¹³⁶ CHABOD, Federico. **La tradición borgoñona**. In: Op. Cit. pp. 12-26.

¹³⁷ ZUMTHOR, Paul. “**Palavra-Força**”. In: Op.Cit. pp.94-95.

Mas o século XV, por marcar uma importante transição, possui terreno escorregadio para os historiadores que pretendem enxergar a emergência do indivíduo, categoria que adotou as suas primeiras formas a partir do Renascimento. Portanto, é importante fazermos ressalvas e especificações que possam validar o problema do nascimento do indivíduo como questão do nosso estudo.

Nesse sentido, cumprimos tarefa semelhante àquela realizada na busca do significado da memória medieval. Realizaremos a historicização do “indivíduo” encarado como conceito, a fim de percebermos como, através do surgimento da consciência individual, o espaço do texto se tornou, com a escrita da memória, o campo da atuação do sujeito.

Analisaremos, durante essa discussão, como La Marche construiu a si próprio como indivíduo nas páginas das *Mémoires* a partir da ação dos discursos produzidos. Mais ainda, enxergaremos a construção do exercício autoral na ação da escrita da memória, que utilizava a narração como uma eficaz ferramenta para significar o espaço que abrigou a consciência individual. Isso porque mais do que a crônica oficial, a memória escrita escondia nas suas entrelinhas as marcas da autoria, do escritor que idealizava a obra, que visualizava os seus leitores e que procurou através de tramas discursivas, criar o seu próprio espaço na literatura.

Dessa maneira, inseridas num universo literário favorável a um tipo de produção que privilegiava a *mise en prose* (o mundo pré-renascentista borgonhês), as *Mémoires* revelam para o leitor o entrecruzamento da história pessoal do autor com outra de caráter mais coletivo, indicando nesse encontro a emergência do indivíduo através da narrativa.

E é assim que tomamos o texto das *Mémoires*, compreendido em si próprio, enxergando nele as marcas deixadas pelo autor que produziu um tipo de narrativa nova para a época. As memórias em forma de texto é o espaço de atuação de La Marche, onde ele procurou se inscrever no curso de um passado grandioso a partir da construção da sua história pessoal. Antes de analisarmos diretamente alguns relatos selecionados para este capítulo, discutiremos brevemente o processo de emergência do indivíduo no Ocidente medieval.

2.2 – DE PERSONAGEM A AUTOR: o nascimento do indivíduo na escrita medieval

A emergência do indivíduo se constitui como uma das questões mais clássicas da historiografia no estudo da transição da Idade Média para a Idade Moderna. Em vários aspectos sociais, principalmente através das realizações culturais do Renascimento Cultural, pôde-se enxergar a construção da consciência individual que logo entusiasmou os historiadores a criarem um termo generalista: o antropocentrismo. O homem como o centro de todas as coisas era produto de uma época em que a subjetividade afluía nas variadas formas de expressões artísticas e literárias, caracterizando o surgimento de uma sociedade inteiramente nova.

No entanto, o Renascimento só foi possível porque, ao contrário do que acreditavam os humanistas, houve uma larga apropriação do universo cultural pertencente originalmente à sociedade medieval. Em vários aspectos, essa renascença deu continuidade às transformações iniciadas séculos antes, e uma destas foi o processo de nascimento e afirmação do indivíduo no Ocidente.

Na obra clássica de Jacob Burckhardt, *A Cultura do Renascimento na Itália* (1860), que foi a grande responsável pela consolidação na historiografia da idéia de um “Renascimento Cultural”, o indivíduo aparece no campo político, emergindo das figuras aristocráticas, notadamente os príncipes empenhados na busca da glória individual.¹³⁸ O modelo de “homem renascentista” do historiador suíço aponta as primeiras formas do nascimento de um tipo de sujeito marcado pela individualidade, que através das suas ambições políticas procurou para si a fama e a glória pessoais.¹³⁹

Seguidor do método e da perspectiva culturalista fundadora de Burckhardt, mas crítico do corte feito entre a Idade Média e a época moderna, Johan Huizinga, no seu *O Outono da Idade Média* (1919), também enxergou a afirmação do indivíduo à maneira do seu precursor, todavia, lançou sua visão para longe da Itália, apresentando como os principais modelos dessa afirmação, os duques borgonheses da dinastia Valois.

¹³⁸ BURCKHARDT, Jacob. **A Cultura do Renascimento na Itália**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

¹³⁹ Um ótimo exemplo para percebermos a busca da fama e da glória individuais pelos soberanos do século XV é analisar a literatura dos espelhos para príncipes, principalmente os livros escritos por pensadores como Maquiavel e Erasmo de Roterdã. Uma leitura útil sobre o assunto está no livro de Quentin Skinner já citado neste trabalho.

Observando as peculiaridades da cultura franco-borgonhesa que se estendeu para os domínios do norte, os Países Baixos, percebeu o desenvolvimento, num contexto pré-renascentista, da realização cultural que Burckhardt havia apontado como sendo originalmente italiana. Com isso, o historiador holandês mostrou que, se houve mesmo uma renascença que transformou certos aspectos da vida medieval, tudo começou na própria Idade Média e em um lugar diferente daquela Itália privilegiada e distinta de todo o restante da Europa.¹⁴⁰

A Borgonha da pintura dos irmãos Van Eyck e a cultura híbrida franco-flamenga representaram, para Huizinga, os traços originais do mundo que sentia o seu próprio fim. Tentando perceber a melancolia existente num período confuso politicamente, fez dos domínios borgonheses o lugar privilegiado de uma alta cultura financiada pelos duques mecenas, conhecidos por terem reunido e promovido um patrimônio cultural que demonstrava riqueza e poder.

Huizinga usou o conceito de “homem renascentista” contra a idéia de ruptura e de distanciamento exagerado entre a Itália e o restante da Europa, discordando de um Renascimento genuinamente italiano, encarando o fenômeno de forma compartilhada com várias partes da sociedade européia ainda feudal nos séculos XIV e XV.

A conquista das honras e da glória vai a par com o culto do herói, o que pode também significar o prenúncio do Renascimento. A revivescência um tanto fictícia do esplendor da cavalaria que se encontra por toda parte nas cortes da Europa depois de 1300 está ligada ao Renascimento por laços palpáveis. É um prelúdio ingênuo. Ao fazerem reviver a cavalaria, os poetas e os príncipes supunham regressar aos antigos tempos. (...) A vida de um cavaleiro é uma imitação: a dos príncipes também o é por vezes.¹⁴¹

Imitação justamente porque a glorificação do príncipe, modelo primeiro do indivíduo emergente, se justificava na associação deste com os nomes heróicos do passado. Entre os duques da Borgonha não era raro encontrar associações destes com Júlio César, Aníbal e, mais importante, Alexandre Magno, modelo da Antiguidade que inspirou grandemente os rituais de cavalaria da casa Valois.

Como pudemos ver na citação acima, Huizinga não vê uma ruptura entre a Idade Média e o Renascimento, provocada pelo distanciamento entre uma Itália

¹⁴⁰ HUIZINGA, Johan. Op.Cit. p.63-71.

¹⁴¹ Ibidem. p. 64.

moderna e uma Europa medieval. Para ele, a Renascença nasce dentro da própria medievalidade e possui um tom obscuro não por ser uma época de atraso, mas sim porque os homens conviviam com um sentimento de crise causado pela fusão da realidade política muito violenta com os ideais sublimes que contornavam a vida aristocrática. Isso servia, em primeiro lugar, para reconstituir a figuração do mundo e da vida de uma forma mais amena, diria mesmo romântica. Daí toda a nostalgia, melancolia, pessimismo e elegia que caracterizam, segundo o autor holandês, as obras e expressões artísticas produzidas no século XV.

Contudo, as problematizações históricas acerca do nascimento do indivíduo continuaram ganhando novos olhares depois das célebres análises de Burckhardt e Huizinga.

Com o tempo, foi possível perceber, principalmente a partir dos trabalhos medievalistas que se especializaram cada vez mais em ver na Idade Média o berço do Ocidente, que a construção da consciência individual começou a ser preparada antes mesmo do fim do medievo, na sua época central, nos séculos ditos “clássicos” da Europa feudal. No entanto, agora não se tratava de analisar a política principesca, e sim de aprofundar a questão tentando perceber o lugar reservado ao indivíduo no campo da escrita, que tomou corpo pouco a pouco para exercer o controle da sociedade ocidental.

Contudo, mais uma vez foi preciso limitar o campo dessa busca e condicionar os estudos em torno do mundo da nobreza. Era no lugar privilegiado da corte que a escrita era praticada no fim da Idade Média. Os escritores, sobretudo os cronistas, eram geralmente cortesãos ligados à alta nobreza. No caso do ducado da Borgonha, é possível perceber que os escritores eram reconhecidos com demasiada importância pelo duque e por toda aristocracia, o que provavelmente contribuiu para motivar La Marche a se dedicar à tarefa da escrita.

Saber escrever era privilégio de poucos, e o que fazia a exaltação dos escritores cortesãos era o fato de que grande parte da própria aristocracia não sabia realizar tal tarefa. Muitos não sabiam mesmo ler.¹⁴² Por essa razão que o conhecimento fixado nos textos produzidos poderia ser manipulado pelos homens de letras, verdadeiros mediadores e intérpretes do saber. Daí a escritura ter sido sinônimo de enobrecimento, porque provocava a distinção entre os cortesãos que dominavam essa prática e os que não sabiam realizá-la.

¹⁴² ZUMTHOR, Paul. Op. Cit. p.105.

Essa manipulação das narrativas se fez presente tanto nas crônicas como, em maior medida, nos “novos” modelos escriturários que surgiam com mais força na época. Os escritores deixavam as marcas das suas personalidades, dos seus desejos e intenções nas páginas que criavam. Assim, durante o fim do medievo, a escrita apresentava os aspectos da relação entre autor e obra, que posteriormente se tornou uma maneira definitiva de perceber o indivíduo.

Por essa razão, analisando uma obra que já foi qualificada no capítulo anterior como particular justamente por se ligar a uma tarefa que deveria, no seu primeiro momento, ser cumprida no nível individual; uma obra que nasceu do exercício introspectivo da rememoração e ganhou nova prática com a expansão da escrita, não poderíamos deixar de problematizar o texto como o espaço da emergência da consciência individual. Mais do que nas crônicas, as *mémoires* escritas são espaços literários apropriados para percebermos a emergência da individualidade.

Quando Georges Duby levantou o problema de como perceber a dimensão da vida privada no período medieval, ele contribuiu para iluminar os caminhos que levaram à discussão sobre a emergência do indivíduo.¹⁴³ A questão era intrigante: como analisar aspectos como intimidade e privacidade, elementos formadores da individualidade, num mundo grandemente marcado pela ausência da consciência individual? Para o historiador francês, o mundo medieval reservou desde cedo ao indivíduo os espaços marginais.¹⁴⁴

Isso se deu porque não podia existir homem que se visse independente, porque as suas vontades e desejos dependiam dos desejos e das vontades dos outros homens, especialmente dos senhores ligados dependentemente entre si pelos laços hierárquicos. A não ser que existissem aqueles capazes de enfrentar a escuridão e a barbárie; a não ser que esses homens ousassem invadir os espaços perigosos e selvagens das florestas e das charnecas. Estes eram solitários, independentes, misteriosos, perigosos, marginais como os espaços que habitavam.

Uma floresta ou uma charneca, durante a Idade Média Central, eram vistos dessa maneira porque desafiavam a integridade e a moralidade dos homens que viviam na sociedade feudal. Eram os espaços habitados pelo imaginário, que abrigaram personagens e identidades, provocando o nascimento dos primeiros aspectos da

¹⁴³ DUBY, Georges. **A Emergência do indivíduo (a Solidão nos séculos XI-XIII)**. In: Op. Cit. pp.503-526.

¹⁴⁴ *Ibidem*. p.504.

individualidade nas realidades criadas pela literatura. Estas eram as dos heróis e dos cavaleiros errantes dos romances que ajudaram a formar parte do imaginário europeu naquela época.¹⁴⁵ Mas se aqui se enxergou algum tipo de afirmação da figura individual, é ainda a de um indivíduo que só existia na ficção dos romances, um verdadeiro personagem que não dominava o espaço do texto ao ponto de fazer dele o lugar do seu nascimento no mundo externo às páginas dos poemas e das canções.

No entanto, existem outras análises que constroem a idéia de uma emergência gradativa do indivíduo no corpo social, preparando o terreno para um nascimento que não estava muito longe dali. Duby nos fala ainda da valorização progressiva da pessoa a partir da idéia do lucro e do enriquecimento pessoal no contexto do renascimento urbano e comercial pelo qual passou a Europa no apogeu do mundo feudal.¹⁴⁶ Decerto, o aumento da circulação monetária nesse período movimentou desejos e produziu realizações individuais de uma pequena parte da população que lidava com transações comerciais mais vantajosas, permitindo o acúmulo de certa riqueza.

A contribuição da arte também foi essencial. A produção crescente de retratos a partir do século XIII levou, pela primeira vez no Ocidente medieval, à contemplação da figura solitária que promoveu a reflexão sobre a exclusividade da pessoa no campo da produção artística valorizada justamente entre os homens possuidores de bens. Era a maneira mais eficaz de expor o orgulho, o mérito ou mesmo uma conquista familiar. Foi também a partir desse século que o Ocidente viu acontecer um verdadeiro processo de individualização no nível das instituições: foi o caso dos mosteiros e especialmente o dos anacoretas.¹⁴⁷

Na busca da ascensão espiritual, o monge anacoreta se recolhia pela obrigação do silêncio e pela experiência do retiro, inaugurando com isso a prática da leitura individual e feita em silêncio. Tratava-se de um exercício introspectivo e do recolhimento absoluto em torno de si mesmo. Ainda é Duby que nos informa de que a famosa e importante abadia de Cluny contribuiu grandemente para essas práticas de recolhimento pessoal quando criou, desde o século XII, lugares para o exercício do anacoretismo.¹⁴⁸

¹⁴⁵ Ibidem. p.504.

¹⁴⁶ Ibidem. p.506.

¹⁴⁷ Ibidem. p.508.

¹⁴⁸ Ibidem. p.509.

Não eram nesses lugares onde se realizava a curiosa arte da memória analisada por Frances Yates? O exercício clerical da mnemotécnica objetivando a construção dos lugares de memória capazes de orientar os clérigos na moralizante busca da prudência se constituía, sem dúvidas, como um exercício pessoal importante que levava à reflexão sobre si e, conseqüentemente, à afirmação da consciência individual.

Paul Zumthor analisa a disseminação da leitura silenciosa, que chegou às bibliotecas das universidades e às cortes reais como condição necessária durante os séculos XIV e XV. Segundo o teórico, o que provocou essa expansão foi o aumento da quantidade de escritos que circulavam na Europa da época, e o contato mais íntimo que a sociedade criou com a escritura e com a prática da leitura apontava para a transformação em direção à modernidade de maneira mais significativa do que mesmo a invenção da imprensa.¹⁴⁹

No campo da produção escrita, difundida alguns séculos antes, se pôde observar o surgimento de outro tipo social que representou, no curso dessa análise, o “*desabrochar do indivíduo no imaginário*”: a figura do cavaleiro.¹⁵⁰ Cada vez mais o mundo das cortes reais que abrigava o cavaleiro e se tornava o promotor dos jogos de cavalaria como os torneios e as justas, valorizava as experiências do sujeito. Tratava-se da retomada épica da figura do herói, construída a partir da glória almejada.

O grande público leitor dos romances de cavalaria que caracterizaram o imaginário ocidental a partir da imagem clássica do mundo dos amores cortesões era aristocrático. É interessante perceber como a fuga de uma coletividade vigilante para o plano individual se deu sobre uma prática profana, porém reconhecida e aceita pela própria nobreza: o amor cortês, a grande busca do sexo oculto e do prazer compartilhado entre dois. As palavras são de Duby: “*Pelo amor cortês, sem dúvida mais do que pela competição esportiva, o desejo de autonomia pessoal foi exaltado no seio da confusão comunitária*”.¹⁵¹ Há nessa exaltação da autonomia pessoal, através do desejo e do sentimento proibido, o surgimento do que nós reconhecemos como “intimidade”. O aparecimento deste elemento determinante pôde configurar mais amplamente o nascimento do indivíduo. Especialmente através da escrita, segundo Philippe Braunstein.

¹⁴⁹ ZUMTHOR, Paul. Op. Cit. pp.105-6.

¹⁵⁰ DUBY, Georges. Op. Cit. p.511.

¹⁵¹ Ibidem. pp.512-514.

Em expansão nos séculos XIV e XV, a escrita ganhou a sua natureza privada, tornando-se uma “escrita privada” ou então um tipo de “escrita sobre o privado”.¹⁵² É claro que essa prática ainda era restrita a uma minoria da população. Não devemos esquecer que nos séculos finais do período medieval a escrita ainda estava inserida no seu processo de laicização iniciado séculos antes. Sem dúvida o que encaminhou tal processo foi o conjunto das práticas que individualizaram a leitura no interior das instituições monásticas desde anteriormente, transmitindo com isso os aspectos de uma cultura literária nascente para parte da população leiga.

Nesse sentido, o que determinou o nascimento do indivíduo nesse momento da história ocidental foi a ruptura deste com os círculos da vida social e coletiva.¹⁵³ O campo propício para a construção da consciência de si foi o espaço do texto de alguns gêneros narrativos que lançaram a figura inovadora do autor em substituição à do personagem. Segundo Braunstein, alguns desses gêneros eram confissões, diários e crônicas. Entretanto, o que possibilitou a afirmação da individualização da consciência foi o encontro da escrita com a memória.¹⁵⁴

Esse encontro deu à escrita a função de organizar o passado em torno da memória dos acontecimentos de várias naturezas. Por ter existido durante toda a Idade Média como elemento importante para a formação do pensamento cristão que aprendeu a se individualizar, a memória se definia, naquela época, por ser uma narrativa da experiência capaz de construir o retrato do seu próprio autor.¹⁵⁵

Desse modo, os autores de *mémoires* se inscreviam no texto de maneira mais perceptível, até porque em certa medida tais textos deveriam cumprir tarefas individuais. Ligados ao mundo da nobreza cortesã, esses homens conhecedores de quase tudo viam na escrita uma grande oportunidade de reconhecimento por parte dos leitores, que deveriam encará-los como sábios prudentes e capazes de transmitir o saber cultivado em seu tempo. Por outro lado, essas manipulações devem ser vistas como meios de auto-afirmação, porque construíam as personalidades dos escritores através da narrativa de suas vivências.

Por essa razão nós devemos entender que o texto é o espaço onde a história se constrói e se desenrola. Em tempos onde a relação da disciplina histórica com a

¹⁵² BRAUNSTEIN, Philippe. Op. Cit. p.527.

¹⁵³ Idem. **A Invenção do Sujeito**. In: Op. Cit. p.529.

¹⁵⁴ Ibidem. pp.533-534.

¹⁵⁵ Ibidem. p.539.

noção de representação espacial procura entender que esta última recebe o significado construído pelas práticas dos sujeitos, o texto é visto como uma espacialidade dessa natureza, resultante das ações dos autores medievais que, pela prática da escrita, puderam se afirmar como sujeitos.

Do mesmo modo que o autorretrato ousa afirmar em um jogo de espelhos a eternidade de um olhar, assim também o livro em que se condensa um destino individual exprime, muitas vezes no declínio de uma vida, a energia criadora da consciência de si.¹⁵⁶

Assim, o que se percebe na narrativa das *Mémoires* é que, ao assumir maior liberdade como autor, La Marche se inscreve no próprio mundo que narrou através da escrita das suas memórias. As suas experiências pessoais se cruzam, de maneira importante, com as dos duques e da alta nobreza com a qual conviveu durante a sua trajetória nas cortes da Borgonha e da Áustria.

Ele se construiu no texto como a testemunha dos acontecimentos e às vezes como personagem das histórias que escolheu contar. A autoridade e a veracidade dos seus relatos foram transmitidas para o leitor através de expressões como “*eu me lembro*”, “*eu sei por ter visto, não por ter ouvido falar*”. Dessa maneira, a sua intenção foi a de exaltar (ou mesmo de recriar) a suposta realidade narrada como sendo a sua própria, se colocando, portanto, nos lugares e nos momentos mais privilegiados da vida na corte. E foi somente através do caráter da escrita da memória que toda essa construção foi possível ao autor das *Mémoires*.

Nos relatos que selecionamos para analisar os discursos através dos quais La Marche pôde revelar aspectos da sua consciência individual, perceberemos que a manipulação da narrativa realizada por ele foi além do que poderíamos inicialmente imaginar. Buscando construir-se no texto como testemunha e participante do próprio passado, inscreveu-se de diversas maneiras no curso dos acontecimentos relatados na obra.

Veremos como em primeiro lugar procurou com a narrativa da memória sobre a entrada de Jacques de Bourbon em Pontarlier, se construir como indivíduo pelo exercício da recordação de uma experiência ligada a uma questão pessoal e moralmente subjetiva. Depois, narrou o seu ingresso na corte da Borgonha, colocando-se a partir

¹⁵⁶ Ibidem. p.546.

daquele momento como a testemunha dos acontecimentos ligados à história da casa dos príncipes Valois, o que confirma o entrecruzamento, do qual falou Paul Zumthor, da sua história pessoal com outra coletiva, assumindo a partir disso o caráter da escrita da memória. Ambos os episódios fazem parte do primeiro livro escrito nos anos borgonheses de La Marche.

Em seguida confrontaremos as interpretações desses relatos com as dos que foram produzidos posteriormente, durante a fase habsburga do autor. Perceberemos como foi realizada a manipulação da narrativa sobre os mesmos acontecimentos a fim de se construir um novo lugar de personagem no espaço do texto. Isso mostrará em grande medida como o sentido da narrativa foi essencialmente alterado quando o autor mudou o lugar da própria fala influenciado por suas novas experiências cortesãs.



OLIVIER DE LA MARCHE
(FROM MS. REPRODUCED IN MÉM. COURONNÉS, ETC., PAR L'ACAD.
ROYALE DE BELGIQUE VOL. XLIX.)

FIGURA 2. *Olivier de La Marche*, autor desconhecido, séc.XV. De acordo com algumas discussões realizadas, a produção de retratos durante o fim da Idade Média simboliza o fenômeno da individualização da pessoa, que pouco a pouco passou a se perceber na arte e na literatura de maneira solitária, como a imagem é capaz de demonstrar.

2.3 – A “PRIMEIRA MEMÓRIA” OU A CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO NO ESPAÇO DO TEXTO

A estratégia da narrativa de Olivier de La Marche foi eficaz durante muito tempo: a de autorizar todas as suas descrições se colocando como testemunha e às vezes como personagem dos acontecimentos narrados. A sua intenção era a de levar o leitor a acreditar no caráter verdadeiro dos escritos e a ver o passado como ele supostamente teria visto. Isso possibilitou a criação de um contrato entre La Marche e o leitor (ou o conjunto de leitores) sempre mencionado nos prefácios da obra.

Com base nas idéias de Catherine Emerson, podemos chamar esse contrato criado nas *Mémoires* de “*pacto autobiográfico*”, uma relação próxima entre autor e leitor produzida pela retórica empregada no texto. A autora, que estudou a fundo a literatura de La Marche e através de quem pudemos conhecer melhor a natureza da obra, acredita que esse pacto é revelador de aspectos autobiográficos presentes na narrativa.¹⁵⁷

Contudo, se há tais elementos que nos permitem ler as memórias de La Marche entendendo o seu universo particular, isso se dá pela própria natureza da obra que já discutimos anteriormente. Era nesse tipo de modelo escriturário que se procurava narrar um conjunto de experiências pessoais que deveriam ser lembradas e selecionadas a partir de um quadro de intenções e motivações do autor, o que resultava na afirmação deste último como sujeito.

Nesse sentido, a primeira memória narrada por La Marche é emblemática e parece anunciar essa construção do plano individual no texto. O ano de 1435 na pequena cidade de Pontarlier sediou, segundo o autor das *Mémoires*, um grande acontecimento que ele chamou de “*minha primeira grande aventura*”: a entrada de Jacques de Bourbon na cidade.¹⁵⁸

Na época, La Marche era um escolar com cerca de oito ou nove anos de idade e a movimentação que ocorreu na cidade para receber aquele que fora rei de Nápoles, aparece como a primeira experiência digna de ser lembrada e relatada pelo cortesão escritor.

¹⁵⁷ EMERSON, Catherine. Op. Cit. pp.35-7.

¹⁵⁸ LA MARCHE, Olivier de. **Comment messire Jaques de Bourbon, comte de La Marche, mari de la dernière royne Jehanne de Naples , se rendit cordelier à Besançon.** In: Op. Cit. pp.237-244.

A cidade de Pontarlier e a vida escolar tinham se tornado realidade desde que o seu pai, servidor da casa de Saint-George, fora enviado junto com outros servidores para um conflito na porção norte dos domínios borgonheses do duque Filipe *O Bom*. O senhor de Saint-George, a quem La Marche não poupou elogios iniciais por uma questão quase familiar (ele abrigava o seu pai e o restante da família como servidores), era cavaleiro da ordem de Filipe e servidor leal do ducado da Borgonha, tendo direcionado uma grande expedição para os domínios do norte que provocou uma mudança definitiva na vida do jovem Olivier.¹⁵⁹

Antes de partir junto do seu senhor em 1434, Filipe de La Marche deixou o seu filho sob os cuidados de Pierre de Saint-Moris da cidade de Pontarlier, que o fez ir para a escola junto com os seus vários filhos e sobrinhos. No ano seguinte, Jacques de Bourbon, conde de La Marche, chegara à cidade de maneira memorável segundo as *Mémoires*.

Antigo rei de Nápoles por ter se casado com a rainha Joana II, Jacques de Bourbon teria renunciado ao reino e às coisas materiais do mundo para se dedicar à vida franciscana como *cordelier*.¹⁶⁰ Isso é visto com grande entusiasmo pelo autor, que constantemente faz uma apologia à humildade e à vida religiosa.

A impressão transmitida ao leitor é a de que houve uma grande movimentação local para receber com louvor Jacques de Bourbon. Se colocando como testemunha daquele acontecimento, La Marche não hesitou em falar em primeira pessoa e com frequência afirmou: “*eu me lembro*”. Segundo as suas supostas lembranças, homens da igreja, nobres, burgueses e mercadores se reuniram numa espécie de congregação para caminhar, em forma de procissão, à frente do ex-monarca durante a sua entrada na cidade.¹⁶¹

Estando entre os escolares levados ao local da cena pelo chefe da escola, La Marche surpreendentemente foi capaz de “recordar”, no mínimo quatro décadas depois do evento, de detalhes da vestimenta, expressões e atos do dito Jacques de Bourbon e dos outros nobres e clérigos que o acompanharam naquela entrada triunfal.

¹⁵⁹ Ibidem. pp.238-9.

¹⁶⁰ O termo parece estranho ao vocabulário moderno da língua francesa. De todo modo, o sentido dado à expressão está associado à participação na ordem franciscana, onde muitos dos integrantes utilizavam uma corda presa na cintura (depois La Marche usará a expressão *corde nouée*, que significa “corda presa”), criando um símbolo e um hábito característico daquela manifestação religiosa.

¹⁶¹ Ibidem. p.242.

A descrição da pessoa de Jacques de Bourbon é agradável e transmite muita devoção. A humildade dos gestos e a simplicidade das vestimentas funcionam como exemplos morais para La Marche. Usando um vestido grisalho com uma corda presa na cintura “à maneira de um cordelier” e mantendo uma postura meio curvada, o conde de La Marche não passava a imagem de um nobre arrogante de acordo com as descrições. Mesmo afirmando que ele estava acompanhado de senhores e cavaleiros importantes da aristocracia local, o autor fez questão de dizer que se tratava de uma “*pompa humilde*” e de uma “*organização devota*”.¹⁶²

Para La Marche, o fato de Jacques de Bourbon ter renunciado ao reino para se dedicar à vida religiosa é o aspecto mais importante a ser considerado. Longe de ter apresentado os motivos políticos ou outras implicações mais específicas para que ele tenha se separado da rainha Joana e renunciado à coroa, o mais importante era construir uma cena em torno dessa idéia; era preciso “pintar” uma imagem ou edificar um lugar de memória capaz de transmitir uma mensagem moral que se moldasse perfeitamente ao caráter da sua obra.

Vale a pena lembrar aqui que essa passagem está ligada ao caráter devoto e moral que a noção de *mémoire* possuía na época em que La Marche escreveu. Os princípios cristãos que estão sendo passados para o leitor na descrição daquele acontecimento orientam o discurso do escritor borgonhês. A entrada do ex-monarca pode não ter sido tão marcante para a maioria daqueles que testemunharam o acontecimento, mas La Marche recordar-se-ia décadas depois desse evento e o tomaria como uma grande experiência, algo exemplar, capaz de ensinar aos leitores da sua obra os princípios básicos do cristianismo e de guiar o sujeito na busca da prudência. Certamente, as descrições formam uma imagem “clássica” produzida pelo exercício da rememoração recriado na escrita da memória.

Nesse sentido, escolher a primeira memória tinha uma função crucial para o autor das *Mémoires*. Era preciso dotá-la de um sentido que anunciasse o caráter dos episódios que viriam depois dela. Também se fazia necessário revelar o começo da trajetória de um futuro cortesão sempre atento aos assuntos da nobreza.

Na época, La Marche não era integrado à corte de Filipe. As descrições nos levam a visualizar um observador ainda pequenino, quase perdido em meio à multidão curiosa, se esforçando o máximo para tentar ver e entender o que estava acontecendo. A

¹⁶² Ibidem. p.243.

sagacidade em perceber, ainda tão jovem, a importância daquele evento revelaria para o leitor a personalidade prudente do autor que, através dessa construção narrativa, ensaiou os primeiros passos da individualidade.

A primeira memória tinha mesmo que ser a confirmação daquilo que havia sido anunciado no prefácio de 1472: de que o objetivo principal do trabalho era cumprir a tarefa pessoal de encontrar para si a redenção particular para os vícios, a prudência e os princípios básicos da fé cristã. Sem deixar, é claro, de transmitir para o leitor a mensagem moral que revestiu toda a situação narrada.¹⁶³

Contudo, é mais importante percebermos que o episódio da entrada de Jacques de Bourbon anunciava uma experiência particular e algumas perguntas se fazem necessárias: por que La Marche resolveu começar a narrativa das suas memórias escrevendo sobre um evento que precede à sua entrada na corte? Por que a entrada de Jacques de Bourbon é a sua única “memória não-cortesã” de toda a obra?

Essa passagem curiosa está afirmando, segundo nossas próprias análises, a construção de La Marche como participante daquilo que narrou, o que de outra forma afirma-o também como indivíduo. O evento de 1435 é, talvez, o mais pessoal e emblemático de todos os que foram narrados nas *Mémoires*. Nele podemos perceber amplamente a atividade autoral promovendo a construção do sujeito, bem como a motivação particular e a intenção do autor em criar uma cena capaz de transmitir o ensinamento moral que deveria contribuir, em primeiro lugar, com a formação da sua própria personalidade.

Repleta de significados, a memória da entrada de Jacques de Bourbon tem o objetivo muito claro de revelar o caráter pessoal da obra que prepara o leitor para uma narrativa que mantém essa natureza nas páginas posteriores. A relação com o leitor anunciada no primeiro prefácio está sendo estabelecida quando La Marche parece estar dialogando com aquele, conduzindo-o para uma maneira de entendimento do passado que é a sua própria. Em um dado momento da descrição da cena, o autor das *Mémoires* conduz o leitor a visualizá-la da maneira como ele intencionou criá-la:

¹⁶³ Catherine Emerson também discutiu a natureza desse episódio, que naturalmente chama atenção do leitor mais crítico por ser uma descrição de caráter diferente das demais, daí considerarmos ela como emblemática. A percepção do valor moral do relato também é percebido pela autora, que, diferente daquilo que procuramos fazer, não associa tal valor ao significado da memória medieval da maneira como apresentamos no nosso trabalho.

(...) não é de se maravilhar ver um rei, nascido e originado de sangue real, fugitivo de seu reino, e saído (...) da prisão da sua mulher, e da servidão daquela que, pela razão do sermão do casamento, lhe devia estar sujeitado? No tocante à estima, quando eu pensei e coloquei diante dos meus olhos a autoridade real, as pompas senhoriais, os deleites e as vontades corporais e mundanas, as quais em pouco tempo foram por aquele Rei colocadas em esquecimento(...), certamente, segundo o meu pequeno senso, eu fiz disso uma estima cheia de maravilha.¹⁶⁴

“Estima” e “maravilha” são os termos usados por La Marche para qualificar aquela ocasião. Isso é suficiente para percebermos a subjetivação do episódio pelo autor, autorizando a narrativa através do relato de um episódio do qual tinha participado. A partir dessa cena memorável construída por La Marche, o leitor começa a entrar em contato com o universo moral criado por ele e em certa medida passa a entender o caráter particular da obra: narrar as experiências pessoais do autor utilizando o método da recordação pela escrita.

Com isso, a primeira memória da obra funciona como o prelúdio de uma história pessoal que pouco a pouco informa o leitor acerca do mundo cujo La Marche criou para dar destaque à sua figura individual como modelo de homem moral e cristão.

Os relatos seguintes ao da entrada de Jacques de Bourbon também servem para enxergarmos a intenção do autor das *Mémoires* em se afirmar no texto como participante dos acontecimentos narrados na sua obra. Entretanto, o mais surpreendente é que são descritos, entre o evento de 1435 e o da entrada na corte de Filipe, episódios importantes da história da Borgonha que não foram vividos pelo autor. Como já anunciamos no capítulo anterior, tais episódios marcaram a época de João Sem Medo, o segundo duque da dinastia Valois e pai de Filipe *O Bom*, primeiro senhor de La Marche.

Mas por que La Marche quebraria a proposta que define as *Mémoires*? Por qual motivo ele resolveu narrar episódios que não tinha testemunhado?

A sua intenção era se apropriar das narrativas desses acontecimentos que definiam o caráter da política borgonhesa promovida pelos dois senhores que serviu. Recuando até o ano de 1419, quando o duque João foi assassinado em Montereau por membros da comitiva real do delfim Carlos da França, procurou dar as suas próprias

¹⁶⁴ Tradução do original: “(...) ne fait-il pas à émerveiller de veoir un roy, né et issu de royal sang, fugitif de son royaume, et issant (...) de la prison de as femme, et de la servitude de celle qui, par raison du serment de mariage, luy devoit estre sugette? Touchant l’estime, quand depuis j’ay pensé et mis devant mès yeux l’autorité royale, les pompes seigneurieuses, les delices et aises corporéles et mondaines, lesquelles en si-peu de temps furent par cestuy Roy mises en oubli (...), certes, selon mon petit sens, j’en fay une extime pleine de merveille”. LA MARCHE, Olivier de. Op. Cit. p. 244.

interpretações colocando-se como uma espécie de partidário das causas políticas borgonhesas. Antes de continuarmos com a análise, é importante apresentar a narrativa sobre o episódio...

João Sem Medo estava envolvido em um contexto político bastante conturbado, ligado ao atual estado do reino da França e à Guerra dos Cem Anos contra os ingleses. Em 1407, foi responsabilizado pelo assassinato do duque Luís de Orleães, o seu principal inimigo, que tentava impedir sua atuação como regente da França. O episódio, comentado superficialmente no primeiro capítulo, dividiu em dois grupos políticos, borgonheses e *armagnacs*, partidários do duque da Borgonha e da casa de Orleães, respectivamente. O duque João ganhou muitos inimigos, sendo obrigado a conviver com muitos deles que, por sua vez, eram ligados à casa de Paris e aos negócios da coroa.

Em 1419, uma jornada para Montereau foi promovida contando com a presença de João Sem Medo e com a liderança do delfim, que segundo La Marche deveria ter cerca de quatorze anos de idade na época.¹⁶⁵ No grupo de nobres que formava a corte francesa naquela ocasião, estavam muitos inimigos do duque borgonhês e no momento em que o mesmo ajoelhou-se diante do delfim para cumprir as suas obrigações vassálicas, fora violentamente assassinado, com o consentimento real, pelos representantes e partidários da casa de Orleães.

La Marche descreve um ato covarde que golpeou o duque com machados e espadas bem na frente do delfim sem dar-lhe chance alguma de defesa. As justificativas que ele apresenta são atribuídas em primeiro lugar a um ato de vingança tramado pelos *armagnacs* em concordância com o delfim. Depois ele aponta justificativas dadas pelo herdeiro da coroa francesa, que teria dito que possuía provas de que o duque estava envolvido secretamente com os ingleses.¹⁶⁶

De qualquer maneira, La Marche sai em defesa do duque da Borgonha (não poderíamos esperar outra coisa de um bom partidário daquela casa) recordando os grandes feitos realizados por João em favor da Cristandade e do reino, como as suas

¹⁶⁵ Idem. **Briève narration de la mort du duc Jehan de Bourgogne; et des guerres continuees à cette occasion jusques à la paix d'Arras, faicte entre le Roy Charles septième et le bon duc Philippe de Bourgogne.** Op. Cit. p.246.

¹⁶⁶ Ibidem. p.248.

famosas iniciativas de partir em cruzada contra o avanço dos turcos que ameaçavam as monarquias cristãs.¹⁶⁷

A defesa do duque João por La Marche pode parecer algo óbvio, mas a intenção de ressaltarmos esse aspecto aqui é a de perceber mais uma maneira que o autor encontrou de se colocar como participante da história contada por ele próprio. Antes de encerrar o capítulo sobre o assassinio de Montereau, ele enfatizou que o herdeiro da Borgonha, Filipe *O Bom*, vestiu a sua política com um sentimento de vingança pela morte do pai, o que explicaria em grande medida as tensões que existiram entre Filipe e Carlos VII, já naquela altura investido da coroa francesa.¹⁶⁸

O que se segue após essa descrição é a apresentação do Tratado de Arras de 1435 que nós também já mencionamos brevemente. Recordando um pouco, ele constituiu a tentativa de estabelecer a paz entre os grupos políticos rivais que ameaçavam a unidade interna do reino da França. Logo após esse relato, o autor das *Mémoires* retomou o sentido da narrativa dos acontecimentos por ele testemunhados.

Ora, a intenção de La Marche em provocar uma descontinuidade na narrativa seqüencial das suas memórias foi a de se ligar com as causas e os objetivos da política borgonhesa.¹⁶⁹ Lamentar e sentir a morte de João Sem Medo mesmo sem ter podido presenciar aquela época foi uma maneira encontrada de se colocar como partidário da política adotada pelos próximos duques que ele conheceu e serviu, bem como uma maneira de se inscrever no curso da própria história da Borgonha contada nas mais famosas crônicas do período.

Por essa razão não é mera coincidência que os capítulos sobre o episódio de Montereau e o Tratado de Arras estejam justamente entre a primeira experiência pessoal e a entrada dele na corte. Era preciso conectar as memórias do seu tempo com a história que já existia antes da sua chegada na casa de Filipe. Com isso criar-se-ia todo o sentido borgonhês que comumente caracteriza a sua narrativa produzida durante a fase Valois da obra. Mais ainda, transformaria La Marche em participante de alguns dos maiores acontecimentos políticos da época.

¹⁶⁷ Ibidem. p. 248.

¹⁶⁸ Ibidem. p.250.

¹⁶⁹ Essa constatação fica bastante evidente após percebermos, como leitores atentos, as declarações do próprio autor sobre suas posições políticas. Como C. Emerson é a única autora dentre os outros lidos por nós que tomaram a obra de La Marche como único objeto de estudo, ela pôde analisar várias passagens da obra com profundidade, de modo que essa constatação que fazemos também foi realizada por ela. Com isso queremos dizer que estamos de pleno acordo com a autora.

As declarações pessoais encontradas no fim do capítulo sobre o Tratado de Arras são reveladoras dessa intenção do autor de se colocar como personagem dos acontecimentos políticos da casa onde foi servidor:

(...) e se outras coisas são algumas vezes mostradas contra aquele artigo (o Tratado de Arras), eu respondo que elas vieram para obedecer às empresas dos malfeitores e odiosos, que, sob a sombra do poder real, quiseram e maquinaram a destruição da casa de Borgonha.¹⁷⁰ (grifo nosso)

O próximo relato do autor inaugurou a sua fala como homem da corte, colocando-o como a testemunha comprometida com as causas políticas das quais se apropriou nos escritos que trabalhamos por último. Assim, a memória de La Marche sobre a sua entrada no ducado da Borgonha além de afirmá-lo como indivíduo, transforma-o na testemunha que conquistou um lugar privilegiado de observação: o universo da corte.

2.4 – O INGRESSO NA CORTE DA BORGONHA: o lugar da fala da “testemunha privilegiada” dos acontecimentos

Após ter apresentado ao leitor os importantes episódios que prepararam o governo de Filipe *O Bom*, La Marche narrou como ele foi levado até o duque e principalmente como iniciou a sua vida na corte como pajem. O episódio sobre a entrada na corte poderia ser a primeira memória da obra e não o episódio da entrada de Jacques de Bourbon, mas como já dissemos anteriormente, as *Mémoires* foram escritas sob uma motivação pessoal e era preciso começar descrevendo uma cena que pudesse ser interpretada como experiência vivida pelo autor quando ele ainda não estivesse ligado às causas do ducado.

A descrição da apresentação à corte de Filipe não apresenta grandes construções narrativas, entusiasmos ou exaltações. A maneira como La Marche descreve é simples e breve, o que dá a impressão de naturalidade do episódio, como se tudo já estivesse, de certa forma, planejado. Não é possível enxergarmos todo aquele conjunto de emoções, de surpresa ou de grande estima e maravilha como foi visto na

¹⁷⁰ Tradução do original: “(...) et si autres choses se sont aucunesfois moonstrees et apparues à l’encontre de cestuy article, je respon qu’il est avenu pour obvier aux entreprises des malveuillans et haineux, qui, sous ombre du pouvoir royal, queroyent et machinoyent la destruction de la maison de Bourgongne”. Ibidem. p.287.

recordação da entrada de Jacques de Bourbon em Pontarlier. A narrativa que descreve a maneira como La Marche iniciou os serviços na casa borgonhesa cumprem outra função no sentido geral da obra, o que pode explicar a sua brevidade e objetividade no trabalho de um autor que optou muitas vezes pela prolixidade na forma da narrativa.

Sempre se preocupando em explicar as origens de todos os assuntos que selecionou nas *Mémoires*, La Marche apresentou a trajetória de Filipe *O Bom* desde a sua partida da região de Flandres, em 1438, até a sua chegada em Dijon e Chalon-sur-Saône, cidade onde fora apresentado à corte borgonhesa. Retornando para o seu “*país de Borgonha*”, Filipe intencionava, de acordo com o escritor cortesão, festejar o Natal junto da nobreza, na sua casa. La Marche insiste em enfatizar que ele, o duque, se esforçara bastante e se expôs ao risco só para estar junto dos seus familiares e servidores, dado o momento conturbado pelo qual passava o ducado depois do agravamento das tensões com a Inglaterra.¹⁷¹

A narrativa prioriza um habitual detalhamento dos aspectos da vida da corte, como os encontros entre o duque e membros da alta nobreza francesa, festividades e outros tipos de cerimônias às quais o próprio La Marche estava acostumado por ter sido encarregado de organizá-las e supervisioná-las como *maître d’hôtel*.

Para contextualizarmos o que está descrito nas *Mémoires* com o momento político que chegamos a mencionar anteriormente, será preciso explicar um pouco o caráter da política adotada por Filipe *O Bom* no desenrolar da Guerra dos Cem Anos.

O governo de Filipe foi marcado em grande medida por uma série de acordos e relações com os reinos da França e da Inglaterra. Desde a morte do seu pai, ele procurou manter as relações que tinham sido iniciadas com a corte inglesa, na época sob o comando de Henrique V. Era uma tentativa de construir uma “política de vingança” contra a França, que teria tramado de maneira covarde (segundo a ótica de La Marche) o assassinato do seu pai e duque da Borgonha. Por outro lado, não poderia abrir mão de certa aproximação com a própria França, posto que o reino ao qual pertencia pela história dinástica poderia lhe proporcionar muitos benefícios.

Essas boas relações franco-borgonhesas, apesar de naturais por razões óbvias, foram reafirmadas oficialmente com a assinatura do Tratado de Arras, em 1435, acordado entre Filipe e o rei francês, Carlos VII. Este último prometera na ocasião punir

¹⁷¹ LA MARCHE, Olivier de. **Comment la guerre continua entre les François et Anglois: et comment l’auteur de ces presens Memoires fut mis page en la maison du bon duc Philippe de Bourgogne.** In: Op. Cit. pp.287-292.

os verdadeiros culpados pelo assassinio de Montereau, reconhecendo todos os territórios borgonheses conquistados com a ajuda dos ingleses.¹⁷² No entanto, a paz acordada naquele ano provocou forte tensão nas relações entre o ducado da Borgonha e a Inglaterra, sua antiga aliada, que desaprovou completamente a assinatura do tratado.

O duque da Borgonha tentou notificar o rei inglês, na época Henrique VI, de que a paz feita com a França não deveria provocar uma guerra entre borgonheses e ingleses, mas a reação de fúria e violência em Londres após a notícia do episódio de Arras, que resultou em centenas de mortes de mercadores flamengos (considerados borgonheses), confirmava o clima de hostilidade que se previu. Além disso, terras pertencentes à Borgonha foram confiscadas pela administração inglesa.

Desse modo, a única saída de Filipe para buscar a reaproximação com os antigos aliados sem por outro lado romper com o reino francês, foi tentar reconquistar Calais, cidade de interesse comercial da Inglaterra que formou uma resistência contra a entrada dos ingleses. De acordo com Calmette, Calais, a cidade francesa mais próxima da Inglaterra, se constituía como um dos principais entrepostos comerciais para a entrada dos tecidos britânicos na região, e caso Filipe conseguisse recuperá-la, liberando a livre circulação de tais produtos, talvez fosse possível forçar nova relação através de um rico jogo de interesses.¹⁷³

Todavia, o cerco borgonhês contra Calais não teve o êxito esperado e a situação entre o ducado da Borgonha e a Inglaterra continuou delicada. Sendo assim, seria uma interpretação equivocada se pensássemos que os esforços de Filipe em reconquistar a cidade fossem apenas a tentativa de reconciliação com os ingleses, que tinham interesses comerciais na região. Na verdade, toda a política de Filipe se constituiu em torno dos interesses próprios do ducado, daí as freqüentes alianças e rupturas ora com a França, ora com a Inglaterra no contexto do conflito entre os dois reinos. No caso, o interesse em conquistar Calais se constituía na possibilidade de converter e anexar grande parte da riqueza que circularia na região, após a entrada dos ingleses, aos seus próprios domínios.¹⁷⁴

A viagem de volta dos domínios do norte a Dijon narrada por La Marche era o retorno de Filipe daquela tentativa de conquista. De acordo com as descrições, por onde ele passava havia celebração entre a alta nobreza francesa, que vivia um momento

¹⁷² CALMETTE, Joseph. **Philippe le Bon**. In: *Op.Cit.* p.185.

¹⁷³ *Ibidem.* pp.213-216.

¹⁷⁴ *Ibidem.* p.216.

de harmonia mantido, no nível das aparências, pelas alianças confirmadas no Tratado de Arras.

As *Mémoires* privilegiam o marcante momento de um encontro entre Filipe e o seu parente Carlos de Valois, duque da Casa de Orleães, antiga inimiga do ducado e protagonista das desavenças entre este último e o reino. La Marche conta que Filipe, em uma demonstração de amizade e lealdade, ofereceu em casamento ao senhor de Orleães a sua sobrinha, Joana de Clèves, o que foi muito bem visto por todos os presentes na ocasião.¹⁷⁵

Outro momento importante citado é o que apresenta o encontro entre o duque borgonhês e Carlos VII numa grande reunião de nobres do reino realizada na cidade de Nevers no mesmo ano de 1438. As conversações entre o duque e o rei, embora parecessem muito diplomáticas aos olhos dos outros, para La Marche eram repletas de desconfiança devido aos fatos ocorridos no passado. Sem dúvida nenhuma, ele se referia ao episódio de Montereau, o qual não pôde viver, mas pôde apropriar-se de todo o teor político do ocorrido se inscrevendo no rumo de uma história que ele alcançou em pleno movimento.¹⁷⁶

Foi apenas no ano seguinte, em 1439, que La Marche conheceria o seu novo mundo. Com a chegada do duque na cidade onde vivia desde 1437, quando da morte do seu pai, Chalon-sur-Saône, fora levado ao lugar onde se encontrava a corte borgonhesa pelo homem que o acolheu na cidade, Guilherme de Lurieu.¹⁷⁷ Lá ele teria sido entregue a Antônio de Croy, um importante servidor borgonhês que o recomendou a Filipe em memória à fidelidade dos seus antecessores às causas do ducado.

De acordo com as *Mémoires*, o duque o acolheu imediatamente como pajem da corte, ou seja, um aprendiz que iria se dedicar a ser serviçal da nobreza, sendo a maior recompensa para isso a educação e a formação centrada nos hábitos da vida privilegiada que receberia dali por diante. A primeira etapa da formação de La Marche ficou sob responsabilidade de Guilherme de Sercy, primeiro escudeiro do ducado.¹⁷⁸

Como já dissemos, curiosamente não há maiores entusiasmos pela parte do autor ao narrar o episódio que inaugurou a etapa mais importante da sua vida.

¹⁷⁵ Ibidem. p.292.

¹⁷⁶ LA MARCHE, Olivier de. Op. Cit. p.293.

¹⁷⁷ Não esqueçamos o fato de que a família de La Marche foi ligada (especialmente o seu pai) a alguns grupos de servidores do ducado da Borgonha, o que provavelmente possibilitou a sua sobrevivência entre a gente que tinha um acesso mínimo ao duque quando este se encontrava na cidade.

¹⁷⁸ Ibidem. p.293.

Acreditamos que isso se deu porque La Marche pensou a descrição desse episódio para cumprir certa função na obra, ao invés de tentar afetar o leitor com uma narrativa empolgada e elaborada.

Tal função é a de anunciar a natureza cortesã dos próximos relatos das suas experiências, assumindo o lugar do homem integrado à grande corte da época. O episódio de 1439 serve em grande medida para inaugurar uma nova maneira de narrar, transmitindo para o leitor a idéia de que, como testemunha dos acontecimentos, La Marche ocupou um lugar distinto e privilegiado de onde pôde observar todos os episódios que passou a narrar a partir daquele capítulo.

(...) eu pude relatar e escrever coisas acontecidas tanto diante dos meus olhos, como em inúmeras outras aparências, as quais, ainda que eu fosse jovem de idade sem grande senso e experiência, tive todas as vezes recitadas e escritas em verdade e sem fábula; (...) e prestarei contas (se Deus me der tempo e vida) do que Deus me deu a graça de ver e incorporar, *eu estando na corte*, e no lugar certo para ver e conhecer muitos dos grandes bens, se eu os pude reter e aprender.¹⁷⁹ (grifo nosso)

O mais importante aqui é perceber na citação que La Marche procurou fazer da corte o lugar privilegiado para a observação dos acontecimentos. Nessa passagem ele se inscreve no mundo da nobreza, assumindo para si a excelência da condição de estar inserido na sociedade aristocrática.

Contudo, é sempre bom lembrar que ele não escreveu como pajem em nenhum momento, apenas se reportou à sua época de aprendiz. Quando iniciou com a atividade da escrita, já podemos pensar em um La Marche mestre (diríamos *maître*), o responsável pela casa do príncipe. Isso pode nos fazer lançar dúvidas sobre a visão privilegiada que ele pôde ter enquanto pajem como disse na citação acima; questionamos até se ele pôde mesmo testemunhar alguns eventos narrados nas *Mémoires*.

Muito provavelmente ele buscou legitimar o seu lugar de fala como escritor a partir do relato sobre a entrada na corte, como se este pudesse apresentar para o leitor da obra a natureza distinta da sociedade que havia lhe formado e da qual ele tinha se

¹⁷⁹ Traduzido do original: “(...) j’ay sceu ramentevoir et escrire des choses advenues tant devant mes yeux qu’en maintes autres apparences, lesquelles, encores , que je fusse jeune d’aage sans grand sens et experiment, ay toutesfois récitées et escriptes à la verité et sans fable; (...) rendray compte (si Dieu me donne temps et vie) de ce que Dieu m’a donné grâce de veoir et incorporer, moy estant à court, et en lieu pour voir et congnoistre beaucoup de grans biens, si je les ay sceu retenir et apprendre. Ibidem. pp. 293-4.

tornado um verdadeiro apologista. Afinal de contas, como escritor ele era também *maître d'hôtel* e os seus discursos buscavam justificar a sua “visão cortesã” do mundo.

Percebemos de várias maneiras manipulações da narrativa realizadas pelo autor das *Mémoires*. Se no primeiro livro dos anos borgonheses ele as realizou para afirmar-se como testemunha e personagem dos acontecimentos que envolviam a corte da qual passou a fazer parte a partir de 1439, nos escritos da fase habsburga ele recriou o curso dos eventos que já tinha narrado anteriormente.

Na leitura dos novos escritos da segunda fase (ou da *Introduction* da edição que utilizamos) é bastante notória certa confusão na declaração da data sobre sua própria entrada na corte. Ele antecipou-a em quatro anos, marcando o episódio com o ano de 1435. Sendo assim, uma pergunta se faz inevitável: e o que aconteceu com a “grande aventura” sobre a entrada de Jacques de Bourbon?

Somos reticentes à idéia de que La Marche tenha simplesmente “esquecido” a entrada do ex-rei de Nápoles ou confundido a data da sua entrada na corte. Logo ele, dono de uma memória fora do comum! Afinal de contas, se tratavam de dois momentos bastante importantes da sua vida, e se fosse o caso de precisar recordar uma data bastaria consultar os escritos que já tinham sido produzidos anteriormente.

Acreditamos que a tentativa de se oficializar como cortesão borgonhês já em 1435 estava relacionada à importância dos acontecimentos políticos deste ano, os quais já haviam sido retratados no primeiro livro. A alteração da data do episódio talvez tenha tentado solucionar o choque inicial da obra que contradizia o objetivo de narrar apenas as experiências vividas pelo autor. Colocando-se como contemporâneo às questões da época de João Sem Medo, La Marche não precisava mais se preocupar em ter que se reportar sempre a esses grandes acontecimentos não testemunhados em uma obra que construiu os seus limites em torno do passado vivido por ele.

Essa confusão cronológica gera sempre perguntas intrigantes, que questionam o caráter verdadeiro das informações fornecidas na obra. Mas diante da clareza com que ele apresenta a metodologia empregada, o que mostra a consciência autoral impondo-se na escritura do texto, acreditamos mesmo que as manipulações das informações realizadas tenham sido intencionais, a fim de afirmá-lo como participante dos acontecimentos narrados.

No prefácio escrito durante a fase habsburga quando foi destinado à educação de Filipe *O Belo*, deu a entender que os acontecimentos de 1435 foram

testemunhados por ele, contrariando o que havia sido dito anteriormente nos escritos do período Valois, ou seja, que ele só tinha iniciado os serviços na casa borgonhesa em 1439. Analisemos as palavras do autor:

Porque por esta Introdução eu tenho a intenção de vos mostrar de quais casas você descendeu, e pelo mesmo meio como você sucedeu várias senhorias daquelas, vos contando sumariamente, e como por abreviação, os casos mais memoráveis que aconteceram naquelas casas, e principalmente naquela de Borgonha.

Depois, no primeiro livro de minhas Memórias, eu espero vos fazer ver amplamente, de ponto em ponto, o que eu vi nesta vossa casa de Borgonha, desde o ano 1435 até sessenta e sete: ano no qual morreu o bom duque Filipe vosso bisavô maternal, lhe sucedendo Carlos vosso avô, sobre a sucessão do qual começará o segundo livro de minhas Memórias, continuando até o vosso tempo.¹⁸⁰ (grifo nosso)

Se no primeiro livro *La Marche* se apropriou do passado borgonhês ao interpretar acontecimentos que ele não tinha testemunhado, nos escritos de 1488 ele fez disso uma herança a ser transmitida para o seu pupilo. E é bem verdade que era preciso explicar primeiramente aqueles acontecimentos não-testemunhados de 1435; era necessário fazer de Filipe *O Belo* o herdeiro de todo o aprendizado do grande *maître d'hôtel*, inclusive aquele supostamente obtido em acontecimentos de primeira grandeza para a época, principalmente a assinatura do Tratado de Arras.

Desse modo, transmitindo os eventos de 1435 como experiências vividas, *La Marche* estaria informando a Filipe com mais propriedade sobre a herança política que participaria do seu governo assim como ainda estava bem viva nos projetos políticos de Maximiliano. Vendo na casa austríaca a continuidade direta da linhagem Valois, o velho e experiente cortesão não poderia registrar uma memória que não tinha sido vivida... E como escrever em forma de memória algo não vivido?

Atenta aos “problemas cronológicos” provocados entre os relatos da obra, Catherine Emerson acredita que o autor procurou sempre associar datas consideradas

¹⁸⁰ Traduzido do original: “Car par cette Introduction j’ay intention de vous monstrier de quelles maisons vous estes descendu, et par mesme moyen comment vous avez succedé en plusieurs seigneuries d’icelles, en vous racomptant somairement, et comme par abregé , les cas les plus memorables qui soient avenus en icelles maisons, et principalement en celle de Bourgongne.

Puis, au premier livre de mes Memoires, j’espere vous faire veoir amplement, et de point en point, ce que j’ay veu en cette vostre maison de Bourgongne, depuis l’an 1435 jusques au soixante septième: auquel an mourut le bon duc Philippe vostre bisayeul maternel, luy succedant Charles vostre ayeul, sur la succession duquel commencera le second livre de mes Memoires, continuant jusques à vostre temps. LA MARCHE, Olivier de. Op. Cit. p.89.

por ele importantes à sua experiência nas cortes por onde passou.¹⁸¹ No caso que apresentamos aqui, somamos a isso a idéia de que La Marche alterou suas próprias memórias na busca de certa exaltação pessoal, colocando-se como participante do passado por ele narrado.

A análise das primeiras cenas das *Mémoires* significa para este trabalho o desenvolvimento da consciência autoral de La Marche e, conseqüentemente, o seu nascimento como indivíduo no espaço do texto. Num primeiro momento, a sua construção como personagem do passado vivido revela a natureza pessoal da tarefa de escrever memórias. Os episódios da entrada de Jacques de Bourbon e da entrada na corte inscreveram o sujeito num universo pessoal criado na escrita. Sobretudo no relato do episódio de 1439, percebemos o nascimento do homem da corte e da testemunha qualificada a narrar acontecimentos capazes de ensinar.

O desencontro cronológico que apresentamos, localizado entre os escritos produzidos em momentos diferentes da vida de La Marche revelam a sua consciência como autor, capaz de criar associações entre datas e acontecimentos para assumir um determinado lugar de fala na narrativa. Decerto, essa liberdade para a realização de manipulações como a que se constatou se deu, vale à pena repetir, pela natureza da escrita da memória, capaz de lançar no espaço do texto os traços da consciência individual do escritor a partir de motivações pessoais.

Ter percebido o nascimento do indivíduo através da escrita da memória nos leva a outra problematização: a de que o sujeito que se afirmou no espaço do texto procurou criar, através da ação dos discursos produzidos, outro espaço, capaz de abrigá-lo identificando sua personalidade. A partir dessa idéia analisaremos no próximo capítulo a função espacializante do discurso das *Mémoires*, observando a partir disso a criação do espaço cortesão.

Trata-se de perceber que enquanto um *maître d'hôtel* escritor, La Marche idealizou o espaço da corte da Borgonha procurando construir em torno do significado da cortesia, a corte perfeita. Veremos no curso dessa análise que foi exatamente a prática da cortesia que definiu os limites da sociedade aristocrática de corte e a reorganizou sob novas formas de conduta a partir do século XV.

¹⁸¹ EMERSON, Catherine. Op. Cit. p.54.

III

O ESPAÇO CORTESÃO:

a espacialização da cortesia na escrita do *maître d'hôtel*

Os discursos das *Mémoires*, além de formarem o espaço de nascimento do indivíduo também criaram a imagem da grandeza e do esplendor que caracterizou a corte da Borgonha na época de La Marche. Essa imagem adquiriu as suas formas em outro espaço que chamaremos neste capítulo de *espaço cortesão*.

O espaço cortesão é especializado, ele foi construído a partir da visão de quem fora, por ofício, mestre em sua organização. Esse mestre dos espaços interiores da corte quando se dedicou a outro ofício, o da escrita, não hesitou em transferir para o texto a sua visão particular acerca de um espaço que deveria estar à altura da nobreza que se relacionava com ele. O *maître d'hôtel* da corte da Borgonha criou na sua narrativa uma espacialidade construída em torno do significado da cortesia, prática que identificava de maneira distinta a nobreza do fim do medievo.

Nesse sentido, ele privilegiou em suas memórias longas narrativas que descreveram cerimônias tornadas célebres pelo seu discurso. Foram nessas descrições que encontramos mais notoriamente os aspectos que caracterizam a natureza do espaço da corte. Especialmente a de Borgonha, que ficou conhecida na história européia do período por ter sido a mais cortesã de todas as casas, afirmação provavelmente fortalecida pelos relatos das *Mémoires*, sobretudo através dos escritos sobre festas espetaculares, como o Banquete do Faisão (1454) e o casamento de Carlos O *Temerário* e Margarida de York (1468).

Cerimônias como essas eram capazes de revelar os traços da sociedade aristocrática, que rotineiramente convivia com banquetes, casamentos, passos de armas (grandes eventos que envolviam os jogos da cavalaria) etc. A vida numa corte como a borgonhesa, bem como em outras grandes casas do período, era feita desses espetáculos encenados pelos membros de uma sociedade que se reconhecia distinta e privilegiada pelo seu estilo de vida teatralizado.

Na leitura das *Mémoires* vemos a importância das cerimônias para o seu autor. Em primeiro lugar, porque a função que ele desempenhava na corte era justamente organizá-las e prepará-las, de modo que toda a conduta nobre pudesse ser

exaltada e percebida nesses espaços festivos que exibiam para os participantes de um mesmo mundo o jeito refinado e cortês de se socializar. Depois, porque via nesses eventos razões morais e certa função pedagógica a serem transmitidas para os futuros leitores da sua obra. Elas (as festas) eram as vitrines que exibiam os melhores homens e a melhor sociedade que deveriam inspirar o futuro.

Desse modo, a visão de um mestre das funções cortesãs está inscrita nas páginas da sua obra, o que provocou a expansão da prática da cortesia também para a escrita, que na época já começava a ser vista como uma das qualidades essenciais do bom cortesão.

As descrições memoráveis das festas borgonhesas são as que mais chamam a atenção do leitor, justamente porque são os temas mais caprichosos e as narrativas mais “pomposas”. Preocupando-se com os detalhes e as minúcias desses eventos, La Marche transmitiu a imagem de um espaço sublime, extremamente luxuoso e organizado com perfeição. O cuidado com esses espaços narrados parece ter sido o mesmo tido com aqueles organizados por ele no dia-a-dia da corte. Melhor ainda, as espacialidades construídas no espaço do texto foram motivadas por algum tipo de “ideal cortesão” não apresentado sistematicamente na obra, mas que pode ser percebido com certa clareza.

Existiram, de acordo com a nossa análise, duas grandes motivações para a realização dessa construção discursiva que anunciamos. A começar, podemos somar ao fato do autor ter sido o mais famoso cortesão da casa de Carlos *O Temerário*, a necessidade de construir a “corte perfeita” para assegurar a condição e o reconhecimento nobre que tinha alcançado. A escolha pelo ofício de escritor justamente quando alcançou posição de destaque naquela corte não foi mera coincidência, mas uma maneira de garantir através da tarefa de escrever o posto conquistado. O seu objetivo, como o da grande parte dos cortesãos borgonheses, era estar cada vez mais próximo do duque, obtendo confiança e reconhecimento; e para isso teria que se esforçar o máximo possível para realizar com perfeição as funções que lhe eram dadas. Sendo assim, também vemos ambição por trás da adulação e da subserviência.

Se ele não conseguiu realizar isso praticamente em algum momento da sua trajetória no ducado da Borgonha, não poderemos saber pelos seus escritos. Contudo, estes transmitem a prática da cortesia ideal, o que contribuiu para a construção da sua

figura como famoso e reconhecido cortesão das mais poderosas casas de príncipes do século XV.

A partir disso pensamos a segunda grande motivação: associamos a construção desse espaço sem defeitos com a exaltação da personalidade cortesã do autor. Se as descrições são perfeitas também os são os serviços de quem se encarregava em preparar o palco da nobreza. Vemos aqui outra maneira de afirmação do indivíduo através da escrita, procurando inscrever na obra traços da sua figura individual. Em uma palavra, é a construção do melhor cortesão através da descrição do seu próprio espaço de atuação.

A condição que definia a personalidade do homem da corte, ou seja, a sua subordinação ao príncipe, orientou a sua visão sobre o espaço que descreveu, atribuindo-lhe a função de servir pela prática da cortesia. Curiosamente, o cortesão se afirmava na submissão, e essa foi uma realidade que durou na essência da sociedade nobre até o fim do Antigo Regime.

Emmanuel Le Roy Ladurie escreveu um livro sobre o mundo aristocrático francês durante os séculos XVII e XVIII e ajuda a corroborar a idéia que acabamos de expressar. Analisando as *Mémoires* de Louis de Rouvroy, ou o famoso duque de Saint-Simon que viveu na corte de Versalhes entre o fim do reinado de Luis XIV e a Regência, o historiador francês realizou uma excelente análise sobre a sociedade de corte daquele período (o que podemos chamar de “configuração clássica” da sociedade de corte) e de como os cortesãos se movimentavam no seu interior.¹⁸²

Em Versalhes, a competição entre os grupos ligados ao rei era bem mais acirrada, dado o aumento significativo de nobres vivendo na casa do príncipe, a maior complexidade da própria sociedade aristocrática e o acúmulo de cargos importantes e de riquezas por parte da burguesia que dominava cada vez mais os espaços urbanos. E é nesse contexto de disputa que surge a interessante figura de Saint-Simon. Ele contribuiu para a sistematização da sociedade de corte, que deveria ser representada por uma nobreza não mais absoluta, mas dividida em camadas determinadas por privilégios e benefícios justificados pelo estamento. Desse modo, aqui também há a idealização da natureza de uma sociedade justificada pela aceitação da superioridade dos que eram

¹⁸² Faremos a discussão sobre a “sociedade de corte” na seqüência deste capítulo, mas optando mais pelas teorizações de Norbert Elias, que acreditamos se enquadrar melhor na temporalidade abordada pelo nosso trabalho. A referência completa para o livro de Ladurie é a seguinte: LADURIE, Emmanuel Le Roy. **Saint-Simon ou o Sistema da Corte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

dignos de governá-la, e nem por isso deixa de existir a construção do plano individual através, principalmente, da escrita da memória. Saint-Simon não questionava a ordem natural da sociedade, só acreditava que o poder deveria ser distribuído entre alguns grupos existentes, os quais deveriam ocupar lugares hierarquizados no mundo inquestionável da nobreza.¹⁸³

La Marche e Saint-Simon estão separados por mais de dois séculos e ocupam as duas pontas do processo que levou ao desenvolvimento da sociedade de corte. E em ambos os casos podemos perceber que os dois cortesãos procuraram justificar os seus lugares no mundo aristocrático, atribuindo-lhes graus de importância na sociedade da qual faziam parte. Se o borgonhês fez isso procurando realçar a importância do lugar que ocupava no ducado, Saint-Simon, que possuía titulação nobiliárquica, fez ao sistematizar outro tipo de sociedade que deveria distribuir o poder entre as categorias existentes no interior da nobreza, universo do qual fazia parte.

A motivação de La Marche que o levou a exaltar a sua posição social na corte da Borgonha, o transformou no arquiteto desta última. As descrições das festas procuraram organizar o espaço da corte, enfatizando a sua decoração e a distribuição dos lugares que constituíam as cerimônias que narrou. Há nessas passagens o trabalho especializado do mestre da cortesia, que desejou ser reconhecido pela perfeição da sua prática e da sua conduta. Os espaços que foram narrados exaltam e servem (e servir aparece aqui como o principal aspecto da prática cortesã) o príncipe e a alta nobreza ligada a ele do mesmo modo que o *maître d'hôtel*, preocupado em encontrar a maneira perfeita de servir, se colocava à total disposição do seu senhor.

A sua dedicação gerou repercussão em outras casas reais, como a dos York da Inglaterra de Eduardo IV. Este rei inglês, cunhado do duque da Borgonha por ser irmão da duquesa Margarida, encomendou ao maior nome da cortesia borgonhesa um tratado contendo os padrões de organização da casa de Carlos. Esse texto foi escrito por La Marche em 1474 e recebeu o título de *État de la Maison de Charles Le Téméraire*.¹⁸⁴

¹⁸³ Sobre essa questão específica, ler a boa introdução escrita por Ladurie: Ibidem. pp. 11-37.

¹⁸⁴ O título original, ou seja, mantido na formatação arcaica da língua francesa, é *État de la Maison du Duc Charles de Bourgogne*. Entretanto, apesar de conhecer os escritos originais, nos valem também de uma importante adaptação feita para a configuração atual da língua francesa que está presente em uma coletânea de fontes produzidas no ducado. A referência para o texto escrito em francês arcaico que se encontra anexado à edição das *Mémoires* presente no acervo digitalizado da Biblioteca Nacional da França (BnF) é: LA MARCHE, Olivier de. **L'État de la Maison du Duc Charles de Bourgogne**. In: **Collection Complète des Mémoires relatifs a l'Histoire de France**. Paris: Foucault, 1825. PP. 479-556. E para ver a versão adaptada para o francês moderno, ler: LA MARCHE, Olivier de. **État de la Maison**

O interessante escrito descreve os lugares e as funções das quais deve se valer uma boa casa de príncipes, tudo pensado e organizado com rigor pelo mestre borgonhês. Nesse caso, ele se dedicou plenamente a construir um modelo de corte que deveria ser reproduzido em outras casas européias. Acreditamos que com essa produção ele inaugurou o que poderia ser considerado uma novidade para a época, uma espécie de literatura especializada nesse tipo de organização.

Certamente as *Mémoires* se dedicaram a outros objetivos, como já discutimos neste trabalho. Mas também é verdade que nas suas descrições, La Marche criou certa função espacializante, capaz de criar as imagens memoráveis que tornaram célebre a corte dos duques Valois. Nas entrelinhas da obra, vemos a construção de todo o esplendor atribuído ao ducado desses senhores com “mania de grandeza”.

Para cada banquete, cerimônia ou alguma importante festa, um novo cenário era criado para que fossem abordadas as principais questões que inspiravam os eventos. Dotados de cortesia, esses espaços eram tão súditos quanto o seu idealizador. Nos escritos do tratado sobre a organização da casa de Carlos, La Marche procurou construir uma hierarquia dos servidores da corte tentando se colocar como o líder ou o mais importante deles, exaltando a sua aproximação com o duque. Ele distribuiu as funções cabíveis aos *maîtres d’hôtel* pensando o seu próprio lugar no ducado.

O duque tem um *grand maître d’hôtel* que pode assisti-lo em todos os conselhos, de justiça como de guerra. As receitas e coletas dos príncipes e embaixadores lhes devem ser endereçadas. Ele pode servir às quatro grandes festas do ano e quando o príncipe tiver uma audiência solene. Ele deve preceder as refeições do príncipe, (...) Mas ele não deve fazer os ensaios na cozinha: é o *premier maître d’hôtel* quem os deve fazer ou, em sua ausência, um dos outros *maîtres d’hôtel*. Uma vez as refeições dispostas diante do príncipe, o *grand maître d’hôtel* tem todas as tampas de todos os pratos dos quais o príncipe é servido, tanto do primeiro quanto do segundo serviço e em geral de todo o jantar (...)¹⁸⁵

de Charles Le Téméraire. In: *Splendeurs de la Cour de Bourgogne: récits et chroniques*. Paris: Robert Laffont, 1995. PP. 1109-1122.

¹⁸⁵ Texto traduzido do original: “Le duc a un grand maître d’hôtel qui peut assister à tous les conseils, de justice comme de guerre. Les recettes et collectes des princes et ambassadeurs doivent lui être adressées. Il peut servir aux quatre grandes fêtes de l’année et lorsque le prince tient une audience solennelle. Il doit précéder les mets du prince, (...) Mais Il ne doit point faire les essais en cuisine: c’est le premier maître d’hôtel qui doit les faire ou, en son absence, l’un des autres maîtres d’hôtel. Une fois les mets disposés devant le prince, le grand maître d’hôtel a tous le couvercles de tous les plat dont le prince est servi, tant du premier que du second service et en general de tout le dîner (...)” LA MARCHÉ, Olivier de. *Op. Cit.* p. 1109.

Ora, La Marche faz dele próprio o *grand maître d'hôtel* borgonhês. Na altura em que escreveu as palavras acima, já era conselheiro do príncipe e chefe da sua guarda, em suma um dos homens mais próximos de Carlos. A sua visão de como deveria funcionar uma casa principesca constitui a tentativa de elevar a sua própria condição com relação aos demais servidores, de modo que a corte borgonhesa, observada por ele de maneira particular, deveria ser o modelo a ser imitado por outras casas principescas.

Assim, fica cada vez mais evidente que ele foi uma espécie de idealizador da corte dos duques da Borgonha. Dificilmente algum outro escritor hierarquizou e distribuiu tão bem os serviços e os lugares do ducado antes dele. Esse modelo ajudou logo depois a construir a tradição borgonhesa de organização de cerimônias que ficou famosa em toda a Europa, principalmente depois que o cortesão se tornou o principal mestre de cerimônias da casa dos príncipes da dinastia Habsburgo.¹⁸⁶

A narrativa das *Mémoires* é completamente interessada nos aspectos refinados e luxuosos do interior da corte. Ao contrário do cronista, que geralmente direcionava os seus olhos para o exterior a fim de narrar histórias de grandes dinastias ou de guerras memoráveis que marcaram as épocas, o nosso escritor de memórias descreveu mais os bastidores do que o palco dos grandes acontecimentos. Para ele, estes últimos eram as próprias cerimônias, tão interessantes para ele como uma grande guerra poderia ser para um cronista de ofício. Desse modo, banquetes, casamentos e festas da cavalaria são narrados com todos os detalhes possíveis e de maneira quase litúrgica nas páginas da obra.

O refinamento da escrita desses relatos reflete em grande medida a intensa formação do autor obtida na corte. Podemos afirmar que ele estudou para ser *maître d'hôtel*, passando a valorizar grandemente os aspectos estéticos e formais da vida cortesã. Os seus assuntos preferidos eram as vestimentas, as toalhas das mesas, a decoração dos salões, os tipos de pratos que eram servidos nos banquetes, a divisão e organização dos serviços da cozinha, a diversidade de vinhos servidos em cada ocasião e as encenações que animavam os dias de festa. A sua escrita aborda os assuntos correspondentes à sua função e que eram a sua especialidade, ou seja, aqueles que se ligavam à prática da cortesia.

¹⁸⁶ Reservamos às nossas Considerações Finais uma breve e incipiente discussão sobre a tradição borgonhesa no espaço cortesão Habsburgo. Embora não tenhamos desenvolvido a questão aqui, desejamos explorá-la em outro trabalho que venhamos a desenvolver.

O significado da cortesia foi o eixo principal em torno do qual se construiu a sociedade aristocrática da qual La Marche foi integrante. Discutiremos a seguir o seu desenvolvimento desde o nascimento dos primeiros tipos de corte até o sentido que dotou as casas principescas do fim da Idade Média, que, por sua vez, construíram as bases do Antigo Regime. Durante a análise, estaremos sempre apresentando e identificando as características da sociedade cortesã borgonhesa. Realizar uma pequena pausa para dar espaço a essa análise é fundamental para que possamos compreender melhor a natureza do espaço cortesão.

3.1 – CORTESIA E CIVILIDADE NO SÉCULO XV: aspectos da sociedade de corte da Borgonha

O termo *courtoisie* começou a ganhar sentido no Ocidente medieval desde pelo menos o século XI. De acordo com as idéias de Bernard Guenée, as primeiras formas da cortesia – desenvolvidas no cotidiano de corte – foram surgidas com o desaparecimento das estruturas gerais da sociedade carolíngia exatamente neste período. Das formas mais simples de uma vida no *palatium*, onde alguns oficiais leigos prezavam pela vida curial; onde os eclesiásticos se responsabilizavam pela sacralização do lugar e onde alguns senhores possuíam conselheiros que tratavam de questões administrativas, passou-se para a intensificação de um estilo de vida nobre e cortesão que só se instalou no Ocidente após a feudalização da sociedade européia.¹⁸⁷

Com a fragmentação do poder que caracterizou o mundo feudal, os senhores leigos, constituintes das relações hierárquicas da sociedade e governantes autônomos de terras e pessoas, reivindicaram para si as suas próprias casas senhoriais, abandonando assim o velho modelo carolíngio e a vida na corte imperial por volta do século XII. Surgiu nesse movimento uma pequena nobreza que exercia as funções laicas da corte, conscientes de que optaram por condições mais modestas de vida ao requererem para si seus próprios domínios e a sua própria casa. Reportamo-nos, nesse contexto, à época das construções dos castelos medievais, que com toda a sua rusticidade, não deixavam de abrigar um estilo de vida privilegiada durante a Idade Média Central. Essa formação

¹⁸⁷ GUENÉE, Bernard. **Corte**. In: LE GOFF, Jacques. SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: EDUSC, 2006. v.1. p. 272

aristocrática foi o que provocou a transição entre a velha noção carolíngia de *palatium* para a *curia* (ou corte) feudal.¹⁸⁸

No decorrer dos séculos, a corte passou a ser o lugar da nobreza por excelência e toda a formação nobre só podia ser desenvolvida tendo-a como suporte. Nas palavras de Guenée, “A corte era o centro de formação pedagógica da nobreza”.¹⁸⁹ O termo *courtoisie* difundido na época se associava diretamente à noção de *civilité* ou civilidade, e a vida cortesã proporcionava a formação da pessoa nobre que passou a se perceber socialmente distinta das demais. E o que elaboraria posteriormente a identidade do homem da corte seria o conjunto de regras e normas de conduta criados em torno da noção de cortesia que ganhou uma força impressionante a partir do século XIV.

Durante o fim do medievo, instituiu-se gradativamente uma maneira adequada de se comportar nesses lugares privilegiados que eram as casas principescas. Ainda é Guenée quem nos informa que nos séculos XIV e XV era “*preciso saber conduzir-se bem, não simplesmente demonstrar virtude e piedade, mas estar de acordo com as boas maneiras, ‘saber dizer e fazer’, saber portar-se de acordo com os usos e modos da corte*”.¹⁹⁰

Foi exatamente nesse período (especialmente no século XV), que houve o fortalecimento da ligação entre os termos *courtoisie* e *civilité*. Se a cortesia fixou os novos padrões de comportamento aristocrático, a civilidade era a imagem desse mundo que domesticou a si próprio, bem como o significado maior de uma nova cultura que se tornou posteriormente a marca do Ocidente. A relação entre cortesia e civilidade nasceu durante o movimento que transformou as relações sociais que sustentavam a aristocracia no fim da Idade Média. Na visão de Norbert Elias, houve uma transição de uma aristocracia decadente para outro tipo de nobreza que preparou novas relações de poder que se afirmariam na época moderna.¹⁹¹

Esse movimento teve a sua origem no contexto adverso à manutenção dos velhos modos da aristocracia feudal ligada à terra, devido a maior organização da burguesia como categoria social economicamente poderosa. Ameaçada por esse “grupo

¹⁸⁸ Ibidem. p. 272.

¹⁸⁹ Ibidem. p. 275.

¹⁹⁰ Ibidem. p. 273.

¹⁹¹ O principal estudo do sociólogo alemão sobre a sistematização da sociedade de corte está no livro: ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

da cidade” em ascensão, a nobreza senhorial foi “empurrada” para a casa do príncipe como a condição necessária para a manutenção do *status* de grupo dominante.

Elias enxergou nisso a origem da formação do que ele chamou de “sociedade de corte”, mantida por um verdadeiro jogo de relações de poder equilibrado entre grupos rivais em torno da figura do soberano. Por um lado, havia a *noblesse d’épée* (literalmente, “nobreza de espada”), que mantinha a sua posição elevada com a afirmação do *ethos estamental*, afirmando-se através dos novos comportamentos forjados para caracterizar o estilo de vida da corte. Por outro, havia a “nobreza de toga”, burgueses privilegiados que alcançaram o *status* nobre através do poder econômico. Estes últimos passaram a ocupar, na configuração típica da sociedade de corte, as funções burocráticas do reino.¹⁹²

O soberano, ocupando o lugar central nessa configuração, não se mantinha exatamente entre os dois grupos. Embora ele controlasse todo o esquema social jogando com as situações que envolviam os nobres e os burgueses ligados ao reino, se via e se sentia, evidentemente, pertencente à nobreza, posto que a condição estamental não era ameaçada com a ascensão burguesa. Em outras palavras, não se tratava de ceder o lugar à burguesia, que apesar de fortalecida em alguns setores, não poderia se afirmar como grupo social dominante. A afirmação do *ethos econômico* desses “aspirantes a nobres” não possuía, nem no fim da Idade Média e nem durante o Antigo Regime, forças suficientes para solapar o esquema da sociedade de corte.

Ao invés disso, muitos burgueses empregavam as suas riquezas na compra de títulos honoríficos e na constituição de concessões para participar dos círculos da corte, sendo vistos pela maioria dos nobres, reconhecidos geralmente pela ancestralidade da linhagem, como verdadeiros “imitadores da nobreza”. Desse modo, se aproximar do soberano representava afirmações distintas de acordo com o grupo social: para os burgueses, significava a conquista de certos privilégios; para a nobreza, mais importante, a condição indispensável para se manter no topo da hierarquia social.

O melhor exemplo de sociedade de corte do fim da Idade Média foi, para Norbert Elias, o ducado da Borgonha. A organização e a normatização do seu espaço a partir de códigos de conduta forjados para criar um tipo de comportamento nobre indicam, para o sociólogo alemão, a afirmação da nobreza cortesã que caracterizou o mundo aristocrático na Idade Moderna.

¹⁹² Idem. **Particularidades da figuração aristocrática de corte.** In: _____. Op. Cit. pp. 85-96.

Lentamente, as poucas grandes cortes da feudalidade principesca se destacaram sobre as demais, e só os membros de Casas Reais se viram em condições de competir livremente entre si. E acima de todas, a mais rica e brilhante corte desse período de príncipes feudais concorrentes, a de Borgonha, dá uma idéia de como progredia, lentamente, a transformação de guerreiros em cortesãos.¹⁹³

A mesma corte fora, segundo Renato Janine Ribeiro, o “berço da etiqueta” da nobreza européia durante o Antigo Regime.¹⁹⁴ No sentido da discussão proposta por este autor, devemos fazer aqui uma breve distinção entre “etiqueta” e “cortesia” para evitar qualquer confusão conceitual.

A etiqueta deve ser entendida como parte da prática da cortesia, que compreendia um universo mais amplo onde se inscreveram os padrões comportamentais de uma maneira geral. Mais precisamente, caracterizava a execução das boas maneiras (adequadas ao padrão aristocrático da corte) nas formas de se vestir, na fala, na maneira de se comportar a mesa e nos gestos. Essas boas maneiras, que estavam instituídas nos códigos de conduta da corte, faziam parte do significado mais amplo da cortesia, que se ligava ao bom serviço dedicado ao príncipe. Para Elias, foi a etiqueta que permitiu às cortes européias do fim da Idade Média construir as suas identidades principescas.¹⁹⁵

Também para o historiador argentino José Luis Romero, a corte da Borgonha foi o espaço onde se desenvolveram os modelos de sociedade que inspiraram as grandes casas de príncipes do século XV europeu.¹⁹⁶

As novas formas de conduta que surgiram nessas sociedades, ainda para Romero, eram tentativas da antiga nobreza tradicional de defender os seus privilégios diante do mundo “feudoburguês” que pouco a pouco arruinava as estruturas que mantinham no topo a velha aristocracia feudal. Foi preciso, sobretudo, enrijecer a conduta cortesã ao ponto de tornar-se, muitas vezes, uma nobreza anacrônica que embelezava o seu modo de vida com ideais sublimes forjados no passado, nos tempos da cavalaria clássica. Em uma palavra, o estilo de vida nobre surgido nas grandes casas

¹⁹³ Idem. **O Processo Civilizador: formação do Estado e civilização.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, v.2, p. 220.

¹⁹⁴ RIBEIRO, Renato Janine. **A Etiqueta no Antigo Regime.** São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 24.

¹⁹⁵ As maiores discussões realizadas por Norbert Elias sobre o assunto estão no segundo volume do seu *Processo Civilizador*, notadamente no capítulo que ele trata do que chamou de *Transformação de Guerreiros em Cortesãos*. ELIAS, Norbert. **A Transformação de Guerreiros em Cortesãos.** In: _____. Op.Cit. pp. 215-225.

¹⁹⁶ Vale a pena conferir o excelente livro desse historiador argentino: ROMERO, José Luis. **A Nova Sociedade e a Preeminência do Patriciado Urbano.** In: **Crise e Ordem no Mundo Feudoburguês.** São Paulo: Editora Palíndromo, 2005. pp. 48-86.

de príncipes dos séculos XIV e XV foi uma tentativa de reafirmar, pela imposição de um comportamento distinto e excludente, a superioridade social.¹⁹⁷

Com outras palavras, Norbert Elias enxergou o nascimento dessa nobreza de corte durante o processo que ele chamou de “*trasformação de guerreiros em cortesãos*”, ou seja, a mudança de caráter de uma velha aristocracia feudal que perdia o seu lugar privilegiado num mundo que se transformava mais velozmente para uma nobreza que foi domesticada e adestrada no espaço da corte principesca a partir da imposição de novas formas de comportamento.¹⁹⁸ A duração do processo pensado por Elias é bastante longa, compreendendo o período que vai do século XV ao XVIII, o que implica falar em uma lenta construção das maneiras e condutas dessa nobreza que passou a viver na casa de um único e grande senhor.

As duas pontas desse processo foram ocupadas por grandes cortes que representaram as suas épocas respectivas. No início (ou no século XV), estava o ducado da Borgonha, considerado por muitos autores o precursor e o criador dos modelos sociais de cortesia que foram transmitidos à época moderna; no final, durante os séculos XVII e XVIII, estava a corte de Versalhes de Luis XIV formando a configuração clássica da sociedade de corte na França e na Europa de uma maneira mais ampla.

Assim, foi a partir do século XV mais precisamente que se configurou o sentido do “ser cortesão” dentro dessa nova sociedade aristocrática. Os membros da nova nobreza que se instalaram na casa do príncipe foram forçados, para assegurar a permanência no topo da sociedade, a se submeter às novas maneiras de se comportar nos espaços criados para abrigá-los. A tradicional aristocracia perdera as terras e a condição senhorial, de modo que todos deveriam se tornar súditos de um grande príncipe para manter ou recuperar o *status* nobre.

O surgimento da nova nobreza que habitava o espaço da corte provocou o nascimento de uma “cultura civilizada” (no sentido derivado da *civilité*) que posteriormente passou a caracterizar e definir todo o Ocidente. Estamos falando das fundações da ampla noção de *civilisation*, que durante muito tempo se definiu através dos padrões polidos e refinados de comportamento. O Ocidente se viu primeiramente como uma civilização dos costumes que conseguia se explicar pela estética e pelas formas do seu jeito de se comportar.

¹⁹⁷ Para mais detalhes, ver o seguinte capítulo: Idem. **A Nova Sociedade e a Preeminência do Patriciado Urbano**. (Antiga e Nova Nobreza). In: _____. Op. Cit. pp. 56-65.

¹⁹⁸ ELIAS, Norbert. Op. Cit. pp. 215-225.

As convenções de estilo, as formas de intercâmbio social, o controle das emoções, a estima pela cortesia, a importância da boa fala e da conversa, a eloquência da linguagem e muito mais – tudo isto é inicialmente formado na França dentro da sociedade de corte, e depois, gradualmente, passa de caráter social para nacional.¹⁹⁹

Como já mencionamos anteriormente, o ducado da Borgonha geralmente é apontado pelos teóricos da sociedade de corte como precursor na construção dessa cultura civilizada e ocidental. Certamente isso se deu porque a corte Valois apresentava mais fortemente as características da sociedade de corte em comparação às outras casas que eram suas contemporâneas. Talvez a principal justificativa para essa afirmação gire em torno da emergência da figura do soberano, que ao se destacar cada vez mais na ocupação do centro controlador de todas as relações de poder, provocou o efeito generalizado da submissão de um grande número de nobres à figura do duque.

“Ambiciosos” é o termo comumente utilizado para definir as personalidades dos duques da Borgonha (principalmente os dois últimos). Para muitos historiadores, eles romperam pouco a pouco as relações feudo-vassálicas que lhes davam a condição de vassallos poderosos na antiga tradição hierárquica do feudalismo. O fenômeno da “centralização do poder” que resultou na constituição das cortes modernas e das monarquias nacionais já era desenhado no ducado da Borgonha, provocando em torno do duque a transição da figura do suserano para a do soberano.

O duque que mais representou essa ambição foi Carlos *O Temerário*. A sua imagem principesca procurou ostentar através de uma política exibicionista e espetaculosa, a riqueza e o poder que o ducado possuía sob o seu governo. Utilizou toda essa força senhorial para criar forte rivalidade com seu próprio senhor, a quem devia as tradicionais “obrigações vassálicas”, Luis XI da França. Na história europeia do século XV, a rivalidade entre o duque da Borgonha e o rei da França constitui para os historiadores o maior exemplo de “disputa principesca” na transição da Idade Média para a época moderna.

Mas as ambições de Carlos chegaram a surpreender, indo além do que uma rivalidade entre um rei e um poderoso vassallo poderia naturalmente alcançar. As aproximações do duque borgonhês com o imperador do Sacro Império, Frederico III Habsburgo (imperador desde 1452), despertou no senhor da Borgonha o sonho de

¹⁹⁹ Idem. **Sociogênese do conceito de *civilisation* na França**. In: _____. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. v.1, p.52.

constituir o seu próprio reino ou mesmo de se colocar como sucessor da coroa imperial. Historiadores como Joseph Calmette acreditam que a vassalagem de Carlos era meramente formal, existindo na prática uma política que pretendia tomar a dianteira de toda a Cristandade ocidental.

Alguns encontros foram realizados entre o duque e o imperador, nos quais foram discutidos assuntos que confirmam os planos reais da constituição da realeza de Carlos e a elevação do ducado à categoria de reino. Sob efeito apenas de título e de reconhecimento, o que já é suficiente para ilustrar as ambições que estavam em jogo, fora concedido a Carlos o título de “rei dos romanos”, o que só veio a contribuir para o fortalecimento dos seus maiores desejos políticos.²⁰⁰

Analisando o cenário político europeu do século XV, Lucien Febvre viu na política audaz do último duque borgonhês mais do que o motivo de uma disputa entre o rei e um príncipe rival poderoso, acontecimento que por muito tempo vinha sendo minimizado no curso de uma história universal. Para ele, isso representou o deslocamento do fenômeno imperialista da Itália para a França, que não ocorria nessa direção desde a formação do império de Carlos Magno.²⁰¹

O alcance do poder borgonhês, sem dúvidas, advinha da riqueza dos Países Baixos, seus domínios mais importantes. Palco da renascença do norte, a região proporcionou a riqueza cultural e material do ducado, se tornando o sustentáculo que permitiu aos duques borgonheses a realização de empreendimentos políticos que construíram a imagem da grandeza da corte Valois. As palavras do próprio Febvre ilustram bem a importância dos Países Baixos para a manutenção da política dos duques da Borgonha:

Ora, é o momento em que se reencarna, longe da Itália, essa quimera da qual eu falava, a dominação universal. Onde, como? Já o disse aqui. Ela nasce de um episódio ao qual a história universal não dá muita atenção. Os franceses o reduzem a um episódio da luta entre o rei e os príncipes, um episódio da conquista monárquica. Os belgas vêem nele um episódio de suas lutas pela independência e apenas isso. Ele teve lugar no século 14, no século 15, quando uma linhagem de descendentes ocidentais da casa de França,

²⁰⁰ É interessante lembrar que o próprio Frederico de Habsburgo possuía, antes de se tornar imperador, o título de “rei dos romanos”, como pode confirmar o episódio do seu encontro com Filipe *O Bom* comentado no nosso primeiro capítulo. Posteriormente esse título passou de Carlos, seu mais forte aliado, para Maximiliano, filho do próprio Frederico, que só se tornou imperador em 1508. Para ler mais detalhes sobre o encontro de Carlos e Frederico, consultar a seguinte referência: CALMETTE, Joseph. **Charles le Téméraire**: l’apogée. In: _____. Op. Cit. pp. 257-262.

²⁰¹ FEBVRE, Lucien. **Os Textos de Sully**: a dominação universal. In: _____. **Europa**: gênese de uma civilização. Bauru, SP: EDUSC, 2004. pp. 187-193

investida do ducado da Borgonha, adquiriu por casamento os Países Baixos, os Países Baixos, suas atividades, suas multidões agitadas, suas cidades orgulhosas e turbulentas; os Países Baixos, um amontoado de produtos, de gêneros, de riquezas; os Países Baixos, um manancial de ouro. E na fonte, encontra-se Bruges, Bruges, a transbordante de vida e de atividade. E assim, senhores dos Países Baixos, esses duques de Borgonha ficam poderosamente ricos, os mais ricos príncipes do Ocidente, (...) ²⁰²

Essa riqueza retirada dos ricos centros comerciais do norte submetidos ao ducado contribuiu diretamente para que o governo dos duques Valois fortalecesse os aspectos da sociedade de corte, dando forma ao mais elaborado modelo aristocrático que se afirmou na Idade Moderna.

Também foi essa riqueza que permitiu a existência de um cotidiano de corte recheado de eventos e cerimônias que se empenhavam em ostentar o luxo e a pompa patrocinados pelos duques. A política de espetáculos praticada pelo ducado só foi possível devido a essa condição bastante material que os duques da Borgonha reuniram desde a época do primeiro representante Valois, Filipe *O Audaz*.

Esse tipo de política adotava formas diferentes de acordo com o nível no qual operava. A nossa principal questão aborda o nível interno, ou seja, o espaço da corte onde a nobreza realizava as suas formas de socialização; trata-se, neste caso, do mundo cortesão no que ele possuía de mais espetacular: a realização das cerimônias da corte. Entretanto, não podemos deixar de comentar (mesmo que brevemente) a existência e o funcionamento de uma política de espetáculos que abordava o lado de fora da corte, o mundo mais popular das cidades e dos aglomerados urbanos do norte; aqui os espetáculos ganhavam outros contornos, eram preparados para multidões maiores e mais rústicas, acostumadas mais à vida aberta e simples das cidades comerciais do que ao mundo fechado e cheio de requinte da nobreza cortesã.

Os domínios borgonheses do norte (Países Baixos) eram os mais importantes para o ducado. Os duques precisavam elaborar uma política mais flexível que se adaptasse às multidões de cidades como Bruges para impor uma figura autoritária e central, bem como evitar levantes e rebeliões de vastos setores que freqüentemente se colocavam contra a administração borgonhesa. Na análise de Andrew Brown, essa necessidade gerou uma política interessante e eficaz promovida pelo “Teatro-Estado Borgonhês”.

²⁰² Ibidem. pp. 192-3.

Segundo este autor, o “Teatro-Estado” definia o conjunto das práticas políticas do ducado da Borgonha na época, principalmente, dos dois últimos duques. O sentido utilizado é o de que a política de espetáculos promovida pelos senhores da Borgonha em seus domínios urbanos impunha um tipo de esplendor que reafirmava suas imagens de poder no centro da vida cívica a partir da realização de vários tipos de cerimônias.²⁰³

As análises de Brown tomam como exemplo a prática da “política devota” de Carlos *O Temerário*, realizada em Bruges. A partir do ano de 1469, Carlos teria revitalizado uma importante guilda que funcionava em torno do culto a Nossa Senhora das Neves, padroeira da cidade.²⁰⁴ Com isso, o duque promovia a centralização da sua figura através da inserção de uma política autoritária no espírito cívico das tradições locais.

Decerto, é importante repetir, os espetáculos executados nas cidades ganharam contornos diferentes daqueles exibidos nas cerimônias cortesãs fechadas em torno da nobreza. Como bem lembra Brown, o “Teatro-Estado” deve ser visto como um fenômeno urbano que não reproduzia os polidos rituais da corte em ambientes mais populares.²⁰⁵

Desse modo, analisando o interior da corte, as cerimônias narradas por La Marche apresentam a construção de um espaço cortesão delimitado pela prática da cortesia que se fechava em torno da nobreza, grupo que se destacava por adotar um estilo de vida que definia sua posição elevada. Trata-se de uma teatralização habitual e primordial que tinha origem na própria vida na corte, mantendo-se distante daqueles espetáculos cívicos realizados nas cidades do norte a fim de melhor administrá-los. O espaço cortesão aqui estabelece o limite entre a *civilité* e o mundo rústico, considerado naturalmente inferior pelos membros da aristocracia.

Entre o fim da Idade Média e o começo da Idade Moderna, esses limites entre o rústico e o cortês (ou o “civilizado”) foram delimitados mais precisamente no campo da literatura. A escrita, prática nobre por excelência, ergueu os muros ao redor da corte e procurou construir uma identificação particular para a figura do cortesão. No

²⁰³ BROWN, Andrew. **Bruges and the Burgundian ‘theatre-state’**: Charles the Bold and Our Lady of the Snow. *History*, vol.84, n° 276, 1999. pp 573-575.

²⁰⁴ Uma guilda também pode ser entendida como uma corporação de ofício, ou seja, uma reunião de pessoas que realizavam a mesma atividade profissional, procurando assegurar melhores benefícios para o grupo social.

²⁰⁵ *Ibidem*. p. 587.

tópico a seguir, discutiremos rapidamente como a obra de La Marche apresentou os primeiros aspectos da cortesia que se afirmaria logo depois na Europa moderna, a partir da primeira metade do século XVI. Faremos outra rápida pausa para mostrar ao leitor do nosso trabalho como as *Mémoires* estiveram próximas do nascimento de gêneros literários modernos como os tratados de cortesia e os livros de civilidade.

Somente após esse curto tópico é que poderemos prosseguir com a análise do espaço cortesão construído na narrativa de La Marche sempre motivada por suas memórias espetaculares que rememoraram célebres festas que o Ocidente jamais esqueceu.



FIGURA 3. *Retrato do duque Carlos “O Temerário”, Rogier van der Weyden, óleo sobre madeira, 1480, Museu de Berlim.* Grande senhor que chegou a sonhar com o posto de Imperador do Sacro Império e possuiu o título de “rei dos romanos”, Carlos foi retratado pelo consagrado pintor holandês que foi servidor da corte. Aqui ele aparece com as tradicionais vestes negras dos duques da Borgonha e está portando no pescoço o colar da famosa ordem do Tosão de Ouro.

3.2 – A ESCRITA DA CORTESIA: as *Mémoires* entre os tratados de cortesia e os livros de civilidade

Não só o espaço cortesão, mas a própria narrativa das *Mémoires* foi construída em torno do significado da cortesia. As páginas dos escritos de La Marche traziam consigo os germes de um gênero literário que se afirmaria brevemente entre as cortes européias da época moderna: os tratados de cortesia. Estes afirmaram a imagem do cortesão como um profissional, e a cortesia como um conhecimento especializado e indispensável para o funcionamento da vida interna nas grandes casas principescas da Idade Moderna.

O precursor desses tratados e o mais famoso deles é *Il Libro del Cortegiano*, escrito em 1514 por Baldassare Castiglione, sendo publicado somente em 1528.²⁰⁶ Com esse belo rebento do Renascimento Cultural italiano, Castiglione procurou construir a imagem do perfeito cortesão, dando-lhe atributos e funções que estivessem de acordo com as normas da cortesia, isto é, que executasse e colocasse em prática as normas de conduta feitas para identificar distintamente certo modelo de nobreza.

O Livro do Cortesão, escrito treze anos depois de La Marche ter encerrado o trabalho com as *Mémoires*, apresenta as qualidades necessárias à prática da cortesia através de uma história criada por Castiglione que teria se passado na casa onde era servidor, a corte de Urbino. Conta-nos o cortesão italiano que a duquesa Elisabetta Gonzaga, por quem nutria grande admiração, propôs um “jogo de retórica” praticado entre certo grupo de nobres que vivia na corte. O objetivo era fazer com que cada um dos jogadores argumentasse, com eloquência, o que eles pensavam ser digno do cortesão ideal. Desse modo, bons costumes, vocabulário, comportamento religioso, cuidado com o corpo, zelo pela boa vestimenta, serviço de armas e subserviência fizeram parte dos discursos dos nobres que inspiraram a história contada por Castiglione.

Decerto, *Il Libro* não inaugurou os aspectos mais importantes da prática da cortesia, pois é possível encontrá-los em obras anteriores como a escrita por Olivier de La Marche. A originalidade do servidor de Urbino foi justamente ter procurado definir a

²⁰⁶ Uma boa tradução da obra de Castiglione para o português está na seguinte referência: CASTIGLIONE, Baldassare. **O Cortesão**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

cortesias como ofício a partir de uma série de práticas específicas direcionadas ao serviço do príncipe que já podiam ser percebidas nos capítulos das *Mémoires*.

Vale a pena ressaltar aqui que para além da distinção entre as naturezas das obras, o mundo cortesão de La Marche também era substancialmente diferente do de Castiglione. De acordo com as análises de José Luis Romero, o ducado da Borgonha foi uma corte senhorial exemplar, caracterizada por manter a tradição feudal e as razões da ancestralidade dinástica como condições principais para o sustento da vida aristocrática. Já a corte de Urbino, para o historiador argentino, foi o principal modelo do que ele chamou de “corte feudoburguesa” que abrigou a aristocracia formada nas cidades italianas durante o fim da Idade Média. Esta se parecia em tudo com as cortes senhoriais, mas a sua principal motivação era o poder do dinheiro, o que elevava significativamente o grau de competitividade entre os cortesãos, que a todo o momento procuravam se distinguir dos demais obtendo privilégios e benefícios não pela linhagem, mas pelo acúmulo de riquezas que poderia lhes proporcionar a compra de títulos e bens valiosos.²⁰⁷

Entretanto, podemos perceber certa aproximação no “ideal de cortesias” cultuado em La Marche e Castiglione. De início podemos afirmar que ambos recorreram à técnica da rememoração para darem motivação às suas obras, o que sugere que a memória se manteve no século XVI ainda como uma maneira eficaz de evocar valores que os homens julgavam necessários para a formação da “boa sociedade”. Depois, o tipo de cortesão que inspirou Castiglione se liga à cortesias do tipo cavalheiresca que está presente em toda a obra de La Marche. Nesse sentido, esse homem da corte do qual Castiglione parece sentir saudades era, para utilizar um termo que tem suas origens na própria época, quixotesco.

Il libro clama pela volta de certos valores e virtudes que já não eram encontrados na Itália, que estava mergulhada em intrigas e corrupções. O poder do dinheiro provocado pelo precoce desenvolvimento da manufatura e do comércio nas cidades italianas tinha elevado a ambição pela riqueza material a níveis tão altos, que muitos escritores reclamariam dos mercenários, dos políticos e dos príncipes corruptos sempre dispostos a “vender” as suas virtudes.

²⁰⁷ Para mais detalhes, ver: ROMERO, José Luis. **A Vida Cortesã** (As Cortes Feudoburguesas). In: Op.Cit. pp. 326-341.

Dentro da corte, espaço de rivalidades e competições, isso se refletia nas frequentes oscilações de privilégios concedidos à gente nobre. Assim, eram frequentes os casos de pessoas que ascendiam socialmente com muita rapidez, mas, com a mesma velocidade, chegavam ao fundo do poço. A fama e o reconhecimento de um cortesão feudoburguês, ao contrário daquele das casas senhoriais de tradição feudal, terminavam quando ele perdia o dinheiro que possuía.

Foi o acaso o que normalmente conferiu a cada um sua posição nas cortes feudoburguesas. Por isso, à insegurança das cortes agregava-se a insegurança de cada um dos seus membros. Enquanto o cortesão senhorial continuava sendo quem era, mesmo depois de ter perdido o favor real; o das cortes burguesas voltava a ser pouca coisa se alguma circunstância o fizesse cair da posição que havia alcançado; só o que o seu dinheiro significava, se é que a sua desgraça não fosse tão grande que não pudesse conservá-lo.²⁰⁸

Essa discussão leva-nos a crer na idéia de que o cortesão que vemos em La Marche ainda guardava certos aspectos daquele com o qual Castiglione sonhava.²⁰⁹ Principalmente no que diz respeito aos valores e virtudes retirados da cavalaria e ao serviço das armas, temas recorrentes em *Il Libro del Cortegiano*. Desse modo, mesmo que La Marche não tenha sido um cortesão perfeito, e mesmo que a corte da Borgonha não tenha sido de fato o berço das virtudes que inspirou o autor italiano, não podemos negar a aproximação entre o ideal cortesão construído nas *Mémoires* e aquele buscado na obra do servidor de Urbino. Estabelecer tal aproximação entre as duas obras contribui para a afirmação da visão que toma as memórias de La Marche como parte de um possível conjunto de textos que foram precursores na construção do ideal cortesão difundido entre os grupos aristocráticos da Europa moderna.

E se isso pode ajudar a perceber qualquer aproximação mais direta entre o mundo de La Marche e o de Castiglione, é interessante ver no texto do cortesão italiano como a ordem do Tosão de Ouro é mencionada como uma instituição formadora de bons cavaleiros e príncipes, modelos que possuíam as virtudes das quais um bom homem da corte deveria se valer. Procurando relatar quais eram os conhecimentos que o cortesão perfeito deveria possuir, afirmou:

²⁰⁸ Ibidem. p. 333.

²⁰⁹ É tentador pensarmos que o “perfeito cortesão” de Castiglione tenha sido uma tentativa da consagração de si mesmo, assim como acreditamos que La Marche procurou autoafirmar-se por trás da sua súdita narrativa.

(...) ilustrar as origens dessas companhias e ordens de cavaleiros criadas por grandes príncipes sob diversas insígnias: como é a de São Miguel na casa de França; a da Jarreteira, que se acha sob o nome de São Jorge, na casa da Inglaterra; o *Tosão de Ouro, na da Borgonha*; de que modo são concedidas tais dignidades e como delas são privados aqueles que o merecem; onde nasceram, quem foram seus autores e com que finalidades as instituíram, porque mesmo nas grandes cortes esses cavaleiros são sempre venerados.²¹⁰ (grifo nosso)

Outra produção do século XVI que também tratou dos assuntos cortesês foi *A Civilidade Pueril (De Civilitate Morum Puerilium)*, escrita em 1530 por Erasmo.²¹¹ Essa obra foi a primeira a assumir largamente o caráter pedagógico da civilidade, possível somente a partir da prática da cortesia. Ela objetivava ensinar as formas de comportamento capazes de educar os “bons homens” pertencentes à nobreza.

Direcionando o livro para a educação das crianças, Erasmo, que também foi educador de príncipes na corte Habsburgo como La Marche fora anos antes, fundou a tradição escrita dos ensinamentos dos modos polidos ou civilizados. No entanto, antes de tais ensinamentos serem reunidos e qualificados em uma obra destinada a um fim específico, tal prática já existia oralmente antes mesmo das tradições escritas que se difundiram nos séculos XV e XVI.

Através da oralidade, a boa conduta era ensinada entre a maioria da população. Como disse Philippe Ariès, o que o livro de Erasmo fundou realmente foi o caráter escolar da civilidade que a Europa conservou até o final do século XIX.²¹² Mas no seu tempo, devido à natureza ainda bastante seletiva da escrita, a pedagogia da civilidade se restringiu à parcela dominante e mais erudita da sociedade. Foi nesse momento que a *civilité* passou a ser praticamente sinônimo da cortesia. Os costumes da nobreza se civilizaram submetendo-se às sutis e refinadas imposições do jeito cortês de ser.

Ela (a cortesia) abrangia simultaneamente regras de boas maneiras e uma moral comum: não mentir, não se endividar, falar “com honestidade”, e também: servir bem o seu senhor à mesa, na intimidade, no trabalho, na corte, na guerra e na caça, saber guardar segredos. (...) No século XV estes manuscritos de cortesia são o equivalente, para o modo como se conduzir, das relações de costume de direito (...)²¹³ (grifo nosso)

²¹⁰ CASTIGLIONE, Baldassare. Op. Cit. p. 189.

²¹¹ ERASMO. *A Civilidade Pueril*. Trad. Fernando Guerreiro. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

²¹² ARIÈS, Philippe. **Prefácio**. In: ERASMO. Op. Cit. pp. 11-17.

²¹³ *Ibidem*. p. 13

O manual de Erasmo ensinava como o homem de bons modos, o nobre, deveria se apresentar diante dos outros; como ele deveria se vestir adequadamente em certas situações, como se comportar em uma igreja, como sentar-se à mesa para comer corretamente, como jogar e até como ele deveria preparar-se para dormir. É um verdadeiro processo de domesticação do corpo e de formação dos gestos que reconhecemos hoje como “comportamento civilizado”.

O ponto em comum entre La Marche, Castiglione e Erasmo, três cortesãos preocupados com o comportamento da nobreza, é justamente procurar fundar através da escrita, cada um da sua maneira e movidos por diferentes intenções, modelos de cortesia e civilidade a serem seguidos pelos demais. Vemos também aqui a escrita figurando como uma tarefa nobre essencial, e o próprio Castiglione a considerava requisito obrigatório na formação do completo homem da corte. Já a opinião humanista de Erasmo exalta a tarefa de escrever ao ponto de considerá-la enobrecedora do espírito humano: “(...) *ora há que considerar nobres todos aqueles que cultivam o espírito graças à prática das belas-letas.*”²¹⁴

E foi com essa intenção enobrecedora que La Marche esboçou na sua época os traços da cortesia que logo depois seria reconhecida como o principal fator para a formação da cultura ocidental. Preocupado em ser o melhor servidor do príncipe, ajudou a planejar o espaço social da alta nobreza das cortes que depois seriam lembradas por todas as outras casas principescas da Europa.

A sua cortesia parecia ser mais espontânea do que a dos escritores do século XVI. Talvez porque estando no ducado da Borgonha e durante a velhice na casa que herdara todas as tradições cavaleirescas daquela, ainda fosse possível acreditar, mesmo que anacronicamente (o que nem assim foi possível à Itália de Castiglione), que os duques eram cavaleiros dispostos a consagrar às histórias dos seus reinos, as sagas heróicas que ambicionavam empreender. Não foi exatamente esse sonho do príncipe-herói que Huizinga disse ter promovido o nascimento do indivíduo no campo da política dinástica?²¹⁵

Como pudemos perceber, a cortesia era o alicerce da vida aristocrática durante a transição da Idade Média para a Idade Moderna. O seu significado

²¹⁴ ERASMO. Op. Cit., p. 70

²¹⁵ Para ver a discussão de Huizinga, consultar o seguinte capítulo da sua obra: HUIZINGA, Johan. **O sonho do heroísmo e do amor**. In: _____. Op. Cit. pp. 73-79.

proporcionou à nobreza que se instalou nas casas principescas, novos modelos de comportamento que definiram o caráter da sociedade cortesã, da qual a da Borgonha foi um exemplo notável no século XV. O sentido da cortesia que foi discutido aqui ajuda a construir a natureza do espaço cortesão, criado nas descrições memoráveis de Olivier de La Marche.

Assim, sem mais demoras, analisaremos a seguir a espacialização da cortesia praticada pelos discursos presentes nas *Mémoires*. Para isso, selecionamos relatos de algumas cerimônias borgonhesas que se tornaram célebres na sua própria época. Durante a nossa análise, iremos discutir o sentido que a festa possuía ao ocupar o centro da sociabilidade nobre e cortesã. As festividades da corte, entre banquetes, casamentos e eventos da cavalaria, maximizavam o estilo de vida aristocrático, ostentando-o para afirmá-lo através da idealização de um mundo particular e restrito a um grupo que se reconhecia digno de privilégios naturais. É justamente nessa grande exibição promovida pelas páginas das *Mémoires* que perceberemos a ação da escrita cortesã do *maître d'hôtel* organizando e construindo o esplendor que se tornou a maior característica da corte da Borgonha.

3.3 – AS FESTAS DA CORTE: a criação do espaço cortesão pelas memórias de um *maître d'hôtel*

As festas eram parte do cotidiano de grandes cortes como a do ducado da Borgonha. Eram as vitrines que exibiam o estilo de vida da alta nobreza, consciente de que a sua sociabilidade polida e refinada se tratava de uma encenação importante para a definição da hierarquia e da política principesca. Essa é a imagem de um espaço que não conhecia a distinção entre o público e o privado, o político e o cotidiano. Constituía, nos dizeres dos escritores, os palcos de belíssimos espetáculos que definiam os limites da sociedade aristocrática e o caráter da política.

As *Mémoires* constroem a imagem e o significado dos que foram, talvez, os melhores exemplos desses espetáculos que reuniu em certas ocasiões uma das mais destacadas nobrezas da Europa, a da casa de Borgonha durante os governos de Filipe *O Bom* e Carlos *O Temerário*. Na escrita de La Marche, percebemos a construção do espaço da corte borgonhesa através dos relatos de grandiosas festas como o *Banquete do Faisão* (1454) e o *Casamento de Carlos O Temerário e Margarida de York* (1468). As

memórias dessas festividades transmitem para o leitor a composição de uma sociedade nobre que se construiu rigorosamente em torno da conduta cortesã, esforçando-se o máximo para exibir essa condição que lhe qualificava como “grande” e “magnífica”.²¹⁶

Os banquetes borgonheses eram os palcos onde o duque “jogava” com todos os cortesãos, e estes com aquele. A prática da cortesia e da etiqueta revelava a perfeita sincronia das formas e dos gestos, que ao contrário do que poderíamos pensar sobre as convenções sociais da nossa época, não eram apenas aparência. As danças de salão, as roupas elegantes, as palavras rebuscadas dos jogos de retórica, o galanteio cavalheiresco lançado às donzelas e os gestos executados à mesa maravilhavam a vida e criavam uma redoma formada em torno da aristocracia borgonhesa, impenetrável para aqueles que se mantinham do lado fora.

Lendo as memórias de La Marche, logo pensamos que os duques da Borgonha não economizaram na realização dessas festas. Mesmo acreditando que ele tenha exaltado e dado uma interpretação particular aos eventos descritos, sabemos que esses senhores, movidos pela ambição, tinham todos os motivos para realmente não hesitarem em dar as maiores festividades. Empregar a riqueza de poucos na realização de grandes acontecimentos do mundo nobre também era buscar construir o poder e a grandeza de quem sempre desejava possuir mais.

Através da realização dessas cerimônias, os duques da Borgonha fixavam cada vez mais as próprias imagens de poderosos soberanos capazes de realizar o inimaginável. Os surpreendentes relatos de La Marche confirmam essa idéia. As festas sempre causavam impacto nos convidados, como se elas pudessem revelar o alcance do poder dos senhores que as promoviam. Sem falar que a organização espacial da festa procurava sempre posicionar o duque no centro das atenções. Todos, estando onde estivessem, veriam o duque em uma posição de destaque, mais elevado do que os demais e no centro do espaço cortesão. Dessa maneira, um banquete serviria para

²¹⁶ As leituras que realizamos sobre essas passagens das *Mémoires* foi auxiliada por uma coletânea de fontes borgonhesas que trouxe alguns relatos de La Marche adaptados para a configuração moderna da língua francesa. Essa obra já foi citada em outros momentos deste trabalho, todavia, faremos novamente a referência completa: RÉGNIER-BOHLER, Danielle. (Org.) **Splendeurs de la Cour de Bourgogne: récits et chroniques**. Paris: Éditions Robert Laffont S.A., 1995.

celebrar o *status* da nobreza, bem como para edificar a hierarquia da sociedade de corte.²¹⁷

O espaço cortesão era ciosamente preparado pelo conjunto de *maîtres d'hôtel*, esses arquitetos da corte, para servir em primeiro lugar ao príncipe. As extensas mesas onde eram servidos os banquetes apresentavam um verdadeiro jogo de relações de poder determinadas pelos lugares onde os convivas se sentavam, mantendo-se próximos ou distantes do duque. Sentar perto do príncipe era um privilégio que podia ser alcançado através do esforço em ser cada vez mais um melhor cortesão. Em outras palavras, devia-se ser dedicado na prática da cortesia a fim de se tornar melhor súdito do que os demais. Sem dúvidas, essas festas nobres eram oportunidades únicas para se alcançar uma melhor posição na intrincada rede de poderes da corte, o que provocava concorrências e rivalidades constantes entre os membros de uma mesma casa.

De acordo com Joseph Calmette, a corte borgonhesa era um ótimo lugar para se fazer carreira. Para ele, os exemplos mais notáveis são Georges Chastellain e o próprio Olivier de La Marche, que passaram (e puderam escrever sobre isso) por uma verdadeira ascensão, ganhando cada vez mais fama e reconhecimento através da dedicação com que procuraram executar os serviços que lhes cabiam.²¹⁸

No jogo da política interna da corte, o príncipe buscava com frequência trazer para próximo de si os melhores homens da nobreza ligada a ele, o que geralmente era determinado pela fama que aquele possuía entre os demais cortesãos. Todos os duques Valois da Borgonha sempre estiveram acompanhados de nomes que se tornaram, pela aproximação e pela prática da adulação, também importantes. Em especial, eram geralmente conselheiros, chanceleres e cavaleiros consagrados da ordem do Tosão de Ouro. Aparecer ao lado do duque e sentar-se próximo dele em um banquete, era a representação do apogeu da carreira cortesã de um nobre que procurava ascender socialmente. A emergência desses exímios aduladores era medida pela qualidade da sua subserviência, ou seja, pela habilidade com que praticavam a cortesia.

As festas das grandes cortes do fim da Idade Média, para José Luis Romero, eram passatempos despreocupados que serviam para superar o ócio e gozar um modo de vida que se justificava nos espetáculos das cerimônias realizadas. Analisando com profundidade a vida aristocrática das cortes senhoriais (dentre as quais ele dá destaque a

²¹⁷ Para ver outra discussão sobre o assunto, ver: LAURIOUX, Bruno. **Banquets, Entremets et Cuisine à la cour de Bourgogne. (Introduction)**. In: Op. Cit. p. 1029.

²¹⁸ CALMETTE, Joseph. **La Vie de Cour**. In: Op. Cit. p. 315-6.

de Borgonha), ele atribui aos eventos festivos a função de afirmar, através de códigos de conduta, a natureza superior da nobreza com relação aos grupos sociais concorrentes no desfecho do período medieval, notadamente a burguesia.²¹⁹

Ora, isso não é outra coisa senão confirmar o caráter político mais amplo que o espaço da corte, domesticado por uma maneira distinta de ser, assumia com mais ênfase durante a realização das festividades. Frente a um mundo em transformação, onde o poder do dinheiro começava a comprar privilégios e benefícios, ameaçando a justificativa da ancestralidade da linhagem e da dinastia, a nobreza reagia impondo um modo de vida idealizado e fundado nos modelos recuperados do passado, como a figura do cavaleiro e os exemplos heróicos que começavam a virar temática das festas promovidas pelas grandes casas da época.

O principal elemento das cerimônias borgonhesas era, sem dúvidas, a cavalaria. Essa temática clássica, segundo Huizinga, era a motivação central da vida na corte. Existente como um ideal cultuado nas grandes casas de príncipes, ela funcionava como forte justificativa para a vida aristocrática que sentia a necessidade de se distinguir completamente dos grupos burgueses que a ameaçavam com a compra de títulos e favores do senhor.²²⁰

Sem dúvidas, as descrições de Olivier de La Marche, a quem o mesmo Huizinga chamou de “*o perfeito cortesão*”, corroboram com essa idéia. Mais ainda, todos os escritores borgonheses dos séculos XIV e XV pareciam exaltar a cavalaria para justificar as políticas empregadas pelos seus senhores, bem como para explicar o mundo, assumindo a corte como o lugar privilegiado de observação da história.

Desde que a ordem do Tosão de Ouro se tornou a principal instituição borgonhesa, a cavalaria passou a ser o epicentro da política dos duques, refletindo diretamente nos aspectos da vida cortesã. Ela (a cavalaria) era a temática dos banquetes e casamentos; a razão para a realização de memoráveis torneios; e os seus membros ganharam destaque nas cerimônias, recebendo assentos especiais com direito a rituais de entrada.

O duque era naturalmente o chefe da Ordem e se via como o melhor dos cavaleiros, dotado de todos os valores clássicos, como glória, honra e bravura. As próprias festas da ordem do Tosão de Ouro, fechadas para parte do corpo de cortesãos,

²¹⁹ ROMERO, José Luis. **A Vida Cortesã**. In: Op. Cit. pp. 320-326.

²²⁰ Para maiores detalhes, ver: HUIZINGA, Johan. **A Idéia da Cavalaria**. Op. Cit. pp. 63-71.

realçam, nos escritos, a importância do ideal cavaleiresco numa corte de forte tradição feudal como a borgonhesa.

Em vários momentos vemos La Marche, que participou diretamente da organização das mais famosas festas do ducado, exaltando tais aspectos do espaço cortesão que ele próprio ajudou a construir com a sua narrativa. Como já dissemos no primeiro capítulo, ele recebera o título de cavaleiro em uma batalha liderada por Carlos, de quem foi também conselheiro e chefe da guarda ducal. Exigia-se dos cortesãos e servidores importantes, uma educação cavaleiresca que logo se tornou a essência do “ser cortês”, incluindo, para além do serviço de armas, elementos como a fala polida, as roupas apropriadas para as ocasiões propostas e a postura adotada durante as refeições, que eram verdadeiros rituais de exibição de cortesia e etiqueta.

Nas páginas das *Mémoires* todo esse mundo cavaleiresco é grandemente exaltado, tornando-se sublime e quase sagrado, de modo que percebemos aí a construção discursiva realizada por La Marche a fim de impor sobre o texto a imagem do espaço ideal da nobreza. Pelos motivos que já apresentamos no início do capítulo, ele agiu mais no sentido de atribuir um significado particular a esses acontecimentos festivos, que resultam na idealização do espaço da corte. Em uma palavra, nos colocamos diante das descrições que mostram um *maître d’hôtel* à procura da corte perfeita.

A narrativa se preocupa a todo o momento em transmitir para o leitor o impecável funcionamento da corte e o comportamento dos nobres durante as cerimônias. Enxergamos nisso a idealização realizada pelo autor, que escreveu motivado pelas funções que desempenhava oficialmente. Isso se liga, sem dúvidas, ao caráter pessoal que a escrita da memória possuía.

Nos relatos sobre o Banquete do Faisão, La Marche procurou “rememorar” o evento ocorrido em 1454 de uma maneira particular. A festa que já era famosa entre a nobreza européia na altura em que produziu o relato, ganhou uma interpretação própria do autor, que procurou redesenhar o acontecimento como ele concebia no seu presente, ou seja, como *maître d’hôtel*.

Uma das passagens do relato que foi escrito durante a primeira fase das *Mémoires*, ou seja, durante o período Valois do autor, revela sua consciência sobre o tipo de narrativa que produzia:

Eu sei bem que muitos descreveram esta festa, mas ninguém pode ter todo o visto; dizem que eu falei disso excessivamente. Para que se saiba que meu relato é verdadeiro, eu o fiz verificar pelo senhor de Lannoy e Jean Boudault, principais organizadores dessas festas, e também pelos ‘maîtres d’hôtel’ do meu Senhor o duque.²²¹

Ora, o relato sobre o famoso banquete dado na corte de Filipe já fazia parte de outras obras, como as *Chroniques* de Mathieu de Coussy. E La Marche não só sabia disso, como muito provavelmente o leu. Mas o mais importante a ser percebido na citação acima é a clareza do autor em informar para o leitor que ele estava lançando a sua própria interpretação. Já que a diferença é clara entre as narrativas de um cronista e as memórias de um *maître d’hôtel*, as interpretações dos acontecimentos também deveriam ser.

Vale lembrar neste momento que por fazer parte da primeira fase da obra, o relato do Banquete do Faisão estava ligado ao objetivo inicial, o que nos leva a acreditar que o episódio deveria possuir um significado pessoal importante para o autor, algum valor contido no acontecimento que justificasse o seu registro nesse tipo de literatura.

E se a memória recuperava à lembrança do escritor apenas aquilo considerado por ele digno de ser registrado, então vemos ele anunciar o capítulo sobre a festa de Lille:

Porque as obras grandes e honoráveis merecem um longo renome e uma memória perpétua, sobretudo quando elas emanam de uma boa intenção, eu empreendi escrever e registrar por ordem, o mais perto da verdade, segundo minhas possibilidades, a festa dada em Lille pelo mui excelente e poderoso príncipe o senhor de Borgonha.²²² (grifo nosso)

Um valor de ordem moral presente no episódio logo pode ser notado na seqüência das descrições. O Banquete do Faisão foi uma festa oferecida à Cristandade, um evento realizado pelo duque em benefício da igreja. O seu conteúdo, portanto, era devoto e por essa razão capaz de transmitir importantes ensinamentos para os leitores da

²²¹ Tradução feita do original: “Je sais bien que beaucoup ont décrit cette fête, mais nul ne peut avoir tout vu; on pourrait dire que j’en parlé trop longuement. Pour que l’on sache que mon récit est vrai, je l’ai fait vérifier par monseigneur de Lannoy et Jean Boudault, principaux orgnisateurs de ces fêtes, et aussi par les maîtres d’hôtel de Monseigneur le duc.” LA MARCHE, Olivier de. **Les Voeux du Faisan**. In: Op.Cit. p. 1156.

²²² “Parce que les ouvres grandes et honorables méritent une longue renommée et une perpétuelle mémoire, surtout quand elles émanent d’une bonne intention, j’ai entrepris d’écrire et enregistrer par ordre, au plus près de la vérité, selon mes possibilités, la fête donnée à Lille le 17 février 1453 par le très excellent et puissant prince monseigneur de Bourgonne.” LA MARCHE, Olivier de. Op. Cit. p. 1135.

obra. Sem contar com o fato de que rememorar um evento de tamanha nobreza cumpria, para La Marche, a exaltação da virtude e o combate ao vício.

Como se sabe, a tradição da memória que alcançou o fim da Idade Média era totalmente dotada do significado e da moral do cristianismo, mesmo em obras leigas como as *Mémoires*. E se a festa fora realizada em nome do mundo cristão, já havia motivo suficiente para selecioná-la e inscrevê-la em um rol de acontecimentos considerados “dignos” de rememoração por parte do autor.

Retomando a questão da interpretação particular lançada sobre o acontecimento, esta também se ligava à sua visão especializada de mestre de cerimônias. A preocupação central do autor é com a organização espacial da festa, se dedicando a descrever longamente os principais lugares da corte, como a cozinha e os salões onde a nobreza se reunia para comer, celebrar e dançar.

Na época do próprio Banquete, La Marche ainda não tinha alcançado o cargo que possuía quando produziu o relato. Naquele ano, exercia muito provavelmente os serviços na *paneterie* e na *bouche*, lugares mais importantes da cozinha da corte. E como bem enfatizou Bruno Larioux, a cozinha, por sua vez, era muito importante para a manutenção de toda a casa principesca. Ela dividia-se em várias zonas de serviços específicos e tinha a função de alimentar não só o príncipe, mas todos os seus hóspedes que durante a época de Filipe já contava com aproximadamente 350 cortesãos vivendo no palácio ducal, número que aumentou na época de Carlos.²²³ Entretanto, ao escrever sobre o episódio cerca de vinte anos depois do ocorrido, narrou como o chefe de cerimônias responsável pela festividade.

Dessa maneira, nos deparamos com uma narrativa detalhista, beirando o perfeccionismo. São descrições e mais descrições dos pratos, das mesas, dos serviços das carnes, das sobremesas etc. Estas últimas, particularmente, possuíam um significado original diferente do que reconhecemos hoje. Tratava-se de verdadeiras “surpresas” preparadas para os convidados entre as principais refeições. Essas *entremets* assumiam formas humanas, animais ou paisagísticas para decorar os salões onde os convidados se reuniam; algumas delas podiam se mover e ganhar vida, realizando encenações que freqüentemente surpreendiam o público.

Como a intenção do autor foi privilegiar os aspectos da festa que mais lhe interessavam ao se colocar como o organizador, parece apressado em chegar aos

²²³ LARIOUX, Bruno. Op. Cit. p. 1031.

momentos considerados por ele como os mais importantes. As descrições das justas de cavaleiros que abriram a festa, mesmo envolvendo membros importantes da nobreza borgonhesa e de outras casas, logo foram interrompidas pelo autor das *Mémoires*, que anunciou com certo desinteresse: “*Do resto da justa, eu não direi nada. Cada um fez o seu melhor e quando ela terminou, cada um voltou para suas casas*”.²²⁴

Seu objetivo era chegar ao momento que mais lhe identificava: a descrição do anúncio do grande salão onde o banquete fora servido. E se colocando como o mestre de cerimônias que não tinha sido em 1454, ele convida o leitor a conhecer o espaço que ele mesmo preparou no texto:

Depois (das justas), eles se reencontraram na hora combinada em uma sala onde meu Senhor tinha preparado um muito rico banquete. Meu Senhor veio acompanhado de príncipes e cavaleiros, de damas e senhoritas. Eles encontraram o banquete pronto e se colocaram a observar as sobremesas que estavam edificadas na sala. Esta era grande, coberta de uma tapeçaria que contava a vida de Hércules. Para entrar nela, tinham cinco portas guardadas pelos arqueiros vestidos com roupas em tecidos grisalho e negro; dentro da sala, muitos cavaleiros e escudeiros encarregados de organizar o dito banquete estavam vestidos também com tais cores, os cavaleiros em damasco, os escudeiros em cetim.²²⁵ (grifo nosso)

A imagem do espaço cortesão é construída com detalhes. A entrada do duque, acompanhado de mulheres da nobreza, e toda a ornamentação do salão com as sobremesas e a tapeçaria dos doze trabalhos de Hércules dão vida à narrativa, levando o leitor a visualizar a maravilha do lugar. De todos os escritores, La Marche foi quem prestigiou a ostentação dos detalhes que se ligavam aos assuntos da cortesia e da etiqueta. Por essa razão percebemos nos seus discursos a função espacializante que descreve a corte, atribuindo-lhe um significado que foi capaz de construir em torno dela o esplendor que a caracterizou. Desse modo, ele não é apenas aquele que descreve o espaço cortesão, mas também o seu criador.

²²⁴ No original: “Du reste de la joute, je ne dirai rien. Chacun fit de son mieux et quand elle fut finie, chacun rentra chez soi.” Ibidem. p.1139.

²²⁵ Texto no original: “Puis, ils se retrouvèrent à l’heure convenue dans une salle où Monseigneur avait fait préparer un très riche banquet. Monseigneur y vint accompagné de princes et chevaliers, de dames et demoiselles. Ils trouvèrent le banquet prêt et se mirent à regarder les entremets qu’on avait édifîés dans la sale. Celle-ci était grande, tendue d’une tapisserie racontant la vie d’Hercules. Pour y entrer, il y avait cinq portes gardées par des archers vêtus de robes de drap gris et noir; dans la salle, plusieurs chevaliers et écuyers chargés d’ordonner ledit banquet étaient vêtus aussi desdites couleurs, les chevaliers en damas, les écuyers en satin.” Ibidem. p.1139.

A espacialização da corte prossegue na seqüência do texto com as descrições dos posicionamentos das mesas postas na *grande salle*, de modo que cada uma das três descritas inicialmente apresentava sobremesas curiosas, como a luta entre um tigre e uma serpente em pleno “*deserto inabitado*”; a representação de um homem selvagem em um camelo; uma floresta repleta de bestas exóticas que lembrava as Índias e outras construções que transmitiam para os convivas aspectos do estereótipo construído sobre o Oriente infiel, principal tema das conversas à mesa entre as grandes cortes da Cristandade ocidental naquela época.²²⁶

Neste momento é importante apresentarmos o contexto político que motivou a “orientalização” da temática da festa borgonhesa.

O Banquete do Faisão foi uma festa que pretendeu reunir importantes membros e instituições da Cristandade em torno do duque da Borgonha, reconhecido como um dos mais poderosos entre as grandes cortes européias. Devido à ameaça turca contra o mundo cristão e a tomada de Constantinopla em 1453, um ano antes da realização da festa, cristalizou-se uma política cruzadística promovida por poderosos senhores, que ambicionavam projetar suas personalidades principescas anunciando a realização de cruzadas contra os “infiéis”.

A festa borgonhesa dada na cidade de Lille por Filipe *O Bom* teve essa mesma intenção. O duque se colocava, ao promover a festa, como senhor da Cristandade. A cada passo dos convivas pelos lugares da festividade, poderiam dar de cara com mensagens claras que construíam em larga escala o significado maior do evento cortesão: a exaltação do mundo cristão e a convocação da sua defesa.

Dessas mensagens, a mais notável de todas elas foi dada pela presença de uma estátua postada no meio do salão, em frente à mesa central. La Marche descreve a imagem de uma mulher nua, com longos cabelos estendidos até a altura dos rins. A estátua da mulher estava coberta “*para esconder o que era preciso esconder*” e do seu seio direito jorrava *hypocras* (antigo tipo de vinho doce feito à base de mel e aromatizantes, bastante apreciado entre a nobreza). Perto dela, um alto pilar prendia por uma corrente de ferro um leão verdadeiro, que La Marche diz ser o guardião e defensor da estátua. E contra o pilar, todos podiam ler uma mensagem escrita em letras douradas: “*Não toques a minha dama*”.²²⁷ Certamente a estátua representava a Igreja, símbolo

²²⁶ Ibidem. p. 1140-1.

²²⁷ Ibidem. p. 1141.

maior da Cristandade ameaçada, enquanto a mensagem era direcionada para aqueles que desejavam enfrentá-la.

As encenações também anunciaram o ideal cruzadístico da festa. De todas elas, o autor declara afeição particular por uma em especial: a encenação da “*Santa Igreja*”.

Ele narra a entrada de um gigante vestido “*à maneira dos sarracenos de Granada*” que arrastava um elefante coberto de seda sobre o qual se encontrava montada uma dama vestida como uma mulher religiosa, “*com um vestido de cetim branco com um manto negro*”. Como o melhor dos espectadores, conta em suas memórias que ao entrar na sala e se deparar com a presença da alta nobreza borgonhesa, a dama iniciou uma ladainha implorando para que o gigante parasse a caminhada por um instante e a deixasse falar com a nobre companhia que avistava.

Sem surpresa, tal companhia era Filipe e os altos nobres que o acompanhavam. O duque, segundo o autor, “espantado como os demais” se pôs a ouvir com atenção a pobre dama que entoou, em um longo lamento, algumas das seguintes palavras:

Ai de mim! Ai de mim! Que eu estou dolorida
Triste, desagradada, cheia de tédio
Desolada, ai de mim, pouco feliz
Ninguém pode estar mais do que eu.
Cada um me olha e me vê
Mas não me reconhece
E se me deixa dessa maneira
É que jamais homem algum teve tal dor.
Eu tenho o coração apertado de amargura e de rancor
(...)
Escutem meus prantos, todos vocês a quem eu falo
Socorrei-me sem fazer de conta,
Chorem os meus males, porque eu sou a Santa Igreja
Vossa mãe.²²⁸

Certamente La Marche reuniu documentos e se apropriou de relatos anteriores sobre o evento para reproduzir as falas executadas em várias encenações. A situação se repetiu na descrição da encenação da *Graça de Deus* e das *Doze Virtudes*.

²²⁸ “Hélas ! Hélas ! que je suis douloureuse / Triste, déplaisante, pleine d’ennuis / Désolée, hélas, peu d heureuse / Nul ne peut l’être plus que moi. Chacun me regarde et me voit / Mais nul ne me reconnaît / Et on me laisse à cet endroit / (...) / Que jamais homme n’eut telle douleur. J’ai le coeur serré d’amertume et de rigueur (...) Ecoutez-moi sans faire semblant, Pleurez mes maux, car je suis Sainte-Église Votre mère”. Para ver o texto completo da fala da Santa Igreja, ver as páginas: Ibidem. pp.1145-1148.

Ele preocupou-se em transcrever as falas, que provavelmente estiveram à sua disposição em registros para que pudesse escrever as suas memórias. Essa encenação apresentou a Graça de Deus, a representante dos dons divinos que foram apresentados um a um ao duque da Borgonha, que deveria figurar como o bravo cavaleiro a adotar as virtudes e cumprir o seu dever para com a igreja. As virtudes apresentadas na ordem por La Marche eram: fé, caridade, justiça, razão, prudência, moderação, força, verdade, largura, diligência, esperança e valentia.

Essas encenações personificaram a igreja e os valores cristãos, se tornando as preferidas do autor, que dotou a sua escrita com o sentido moralizante do cristianismo. Sobre o fato dele ter prolongado as descrições das encenações, alguns estudiosos acreditam que além dele ter participado de certo modo da organização da festa (embora não como o chefe de cerimônias), provavelmente ele também atuou como um dos atores dos espetáculos.²²⁹

As motivações cruzadísticas foi uma realidade constante nos dois últimos governos do ducado da Borgonha. Geralmente é a política de Filipe que é caracterizada dessa forma por muitos historiadores que trataram da questão. No entanto, como lembra Colette Beaune, Carlos *O Temerário* também deu continuidade a essa prática que foi expandida durante o seu breve, porém intenso governo.²³⁰

Aproveitando-se da longa tradição cruzadística já existente na história do ducado, inaugurada principalmente no governo de João Sem Medo, os dois últimos senhores borgonheses procuraram rivalizar contra casas principescas poderosas, especialmente contra a coroa francesa sob Carlos VII e Luis XI, valendo-se dessa intenção de empreender e liderar uma luta contra o Oriente, lançando-se com isso na dianteira do mundo ocidental.

De uma maneira geral, o heroísmo que recobria a figura dos grandes príncipes do século XV pouco a pouco se constituiu em um trunfo poderoso para projetar verdadeiras imagens de poder no cenário político europeu. O caso mais notório foi o de Carlos *O Temerário*, bem analisado por Richard J. Walsh em um interessante artigo publicado no *Journal of Medieval History*. Contrariando a opinião de vários historiadores, Walsh observou que mais do que o seu pai, Carlos tentou diversas vezes

²²⁹ Para mais detalhes, ver: LARIOUX, Bruno. Op.Cit. pp. 1033-4.

²³⁰ BEAUNE, Colette. *Les Voeux du Faisan*. In: Op.Cit. pp.1131-33.

se colocar como o chefe da Cristandade a partir da intenção de realizar cruzadas contra a ameaça oriental.²³¹

Para Walsh, o forte sistema de alianças formado pelo último duque Valois com a casa imperial dos Habsburgo e com as cidades italianas, proporcionaram por diversas vezes tentativas de cruzadas que nunca chegaram a acontecer. Para o autor, essa política adotada largamente por Carlos possuía mais a intenção de fortalecer a imagem do duque borgonhês no confronto contra o rei da França e seu principal rival, Luis XI.²³²

O caso do Banquete que teve o seu desfecho com os *Votos do Faisão* ilustra bem, durante a época de Filipe, as grandes ambições políticas “escondidas” por trás da ostentação das festas da nobreza borgonhesa. Após as várias insinuações (ou propriamente chamados) que puderam ser percebidas desde a decoração do salão até a encenação das sobremesas vivas da festa, Filipe, a certa altura do banquete como já devia estar previsto, pronunciou publicamente o seu voto de partir em cruzada contra os turcos, lançando-se como o defensor da Igreja que clamava por ajuda. Após o voto do senhor, nobres e importantes cavaleiros do Tosão de Ouro deveriam pronunciar-se oficialmente no dia seguinte, realizando cada um também o seu juramento diante da idéia de empreender aquela aventura em benefício do mundo cristão.

Analisando o texto dos votos que estão registrados nas *Mémoires*, o que se pôde perceber foi uma diversidade em seus conteúdos, divididos entre os mais empolgados e alguns condicionados, quase desinteressados no empreendimento.²³³ O do próprio duque apresentou certo caráter “duvidoso”: no primeiro momento percebeu-se empolgação e heroísmo; no desfecho, a condição de só partir, segundo o discurso do duque reproduzido na obra de La Marche, “*caso os países que Deus me deu o direito de governar estejam em paz e seguros*”.²³⁴

Logo em seguida foi feito o voto do conde de Charolais e herdeiro da Borgonha, Carlos, que foi seco e objetivo: partiria para onde o pai desejasse; logo em seguida vieram os dos nobres importantes e cavaleiros do ducado, que para Huizinga construíram, naquela ocasião, o quadro de “*uma aristocracia que ria do próprio ideal*”;

²³¹ WALSH, Richard J. **Charles the Bold and the crusade**: politics and propaganda. *Journal of Medieval History* 3 (1977). pp. 53-86.

²³² *Ibidem*. pp. 60-1.

²³³ Para ver todos os votos registrados integralmente por La Marche (e só pequena parte dos votos foi registrada), ver: LA MARCHE, Olivier de. *Op. Cit.* pp. 1157-1163.

²³⁴ *Ibidem*. p.1157.

uma nobreza indecisa e fingida, porque segundo o historiador holandês, todos eles, inclusive o duque, já sabiam desde sempre que ninguém partiria em cruzada alguma, que tudo não passava de parte do jogo político bastante conhecido da alta aristocracia européia do século XV.²³⁵

Voltemos à refrega!

O espaço construído na narrativa acerca do evento recebeu o significado da cortesia do seu idealizador. Foi um espaço preparado para servir, constituindo um movimento próprio que o transforma mais em peça ativa do que no simples cenário dos acontecimentos. As ações dos indivíduos que se relacionaram com ele significaram-no com os aspectos da sociedade submetida às estratégias e imposições da conduta nobre. Vemos nas páginas das *Mémoires* a espacialização desses aspectos cortesões que orientam e atribuem forma e vida a uma corte reconhecida por possuir esplendor.

Desse modo, esse espaço cortesão é mais simbólico do que físico. Na prática era itinerante, o que já impede a atribuição de sua natureza fixa e imóvel.²³⁶ Ele tomava forma no deslocamento do duque e da alta nobreza que o seguia de cidade em cidade e de região em região. Mesmo que houvesse uma sede principal (como a cidade de Dijon era a do ducado da Borgonha), a prática cortesã realizada nesses espaços da nobreza acontecia, durante o fim do período medieval, no curso do movimento da sociedade de corte.

E La Marche realizou essa prática ao inscrever na narrativa sua visão e interesse. Essas cerimônias onde a nobreza se esforçava para exhibir seus ideais e a estética que lhe atribuía distinção social, foram vistas pelo mestre borgonhês como os mais importantes acontecimentos, porque as festividades apresentavam com mais intensidade os valores e as formas que definiam a aparência da sociedade de corte.

E além dos limites, formava e selecionava os vários tipos de pessoas que viviam nela. Assim, para os aprendizes, as festividades eram verdadeiras aulas práticas de cortesia e etiqueta; para os cortesãos locais, uma oportunidade única de promoção social através da adulação e também uma maneira da obtenção de fama e

²³⁵ HUIZINGA, Johan. **Ordem de cavalaria e votos**. In: Op. Cit. pp. 87-8. Outra leitura que contribui para o sentido dessa discussão é a de um texto de Jacques Le Goff: **Expansão da Cristandade: cristianização no norte e no leste. Reconquista espanhola, Cruzadas**. In: **A Civilização do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: 2005. p.68.

²³⁶ Sobre o assunto, ler: ROMERO, José Luis. Op. Cit. pp. 305-310.

reconhecimento; para os cavaleiros, um momento de glorificação das suas virtudes; para os visitantes, uma exibição de grandeza e poder. Enfim, para o duque, era hora de mais uma coroação, diferente da que havia ocorrido na semana anterior. Ele era exatamente aquilo que parecia ser: um príncipe a ser reverenciado e coroado cotidianamente. Essas festividades serviam em grande medida para lhe garantir a condição da majestade. Nos banquetes, ninguém se sentava à mesa antes dele e, como lembra Guenée, “na segunda metade do século XV, não se podia abordar o duque da Borgonha sem ter os joelhos flexionados”.²³⁷

Outra festividade tornada célebre pelo discurso cortesão de La Marche foi a cerimônia do terceiro casamento de Carlos *O Temerário*, que se casou, em 1468, com Margarida de York, irmã do rei inglês Eduardo IV. O relato é bem mais longo do que o do Banquete do Faisão, o que reflete a importância dada a essa festa pelo autor, presente no segundo livro das *Mémoires* escrito ainda durante o período Valois da obra.

Diferentemente do relato do Banquete de Filipe, na época da cerimônia La Marche já era *maître d'hôtel* e conselheiro de Carlos, que tinha assumido o trono borgonhês há um ano, logo após a morte do pai, em 1467. Somando a esse fator a preferência que o autor possuía pela corte que tinha lhe dado maior reconhecimento e fama como servidor do príncipe, podemos dizer que houve aqui maior dedicação em exaltar o espaço da corte de Carlos descrita com mais cuidado e maior riqueza de detalhes.

No caso, o autor não escrevia como um aspirante à *maître d'hôtel*, mas procurou escrever como o melhor dos chefes de cerimônias, como o maior conhecedor dos assuntos de cortesia, assumindo no texto a responsabilidade sobre toda a casa do duque. As longas descrições do *hôtel* ducal, os detalhamentos sobre os lugares e serviços da cozinha, das várias salas, a hierarquia dos assentos na hora dos banquetes e em geral das encenações ocorridas durante os nove dias de festa, confirmam essa idéia.

Na descrição da cozinha, ele foi muito mais detalhista e rigoroso. Mencionou e apresentou os quatro serviços que compunham a *bouche* do duque. Havia, segundo o cortesão, uma “casa de molhos” (*saucerie*); uma *échansonnerie*, ou seja, o lugar onde se preparava os serviços dos vários tipos de vinhos; uma padaria (*paneterie*) e uma mercearia (*épicerie*), que preparava e servia as mais diversas especiarias e

²³⁷ GUENÉE, Bernard. *Corte*. In: *Op. Cit.* p.279.

iguarias da corte.²³⁸ Contabilizando os números declarados por La Marche, no geral só os serviços da cozinha contaram com aproximadamente 455 servidores treinados para servir toda a corte reunida para a festa.

Seguindo uma seqüência narrativa semelhante à do relato da festa da corte de Filipe, foram relatados os lugares reservados para o casamento, buscando transmitir para o leitor certa habilidade em organizar os espaços cerimoniais. Dessa vez ele não se dedicou a descrever apenas a *grande salle* que reunia os numerosos grupos de convidados, mas parecia possuir mais propriedade e segurança para apresentar uma completa espacialização do *hôtel* ducal:

Dentro do *hôtel*, havia uma pequena sala localizada diante da capela, onde comia somente o meu senhor de Borgonha e, depois dela, uma grande sala, onde comiam todos os camareiros. Mais a frente, encontrava-se uma outra sala, maior, onde comiam os maîtres d'hôtel e todos os comuns que se revezavam várias vezes durante o dia, devido o grande número de gentishomens, arqueiros, pajens, oficiais de armas, trompetistas, menestrais e tocadores de instrumentos que estavam presentes nesta festa.

Em outra, sete quartos da casa estavam prontos para receber os estrangeiros. Um estava dirigido pelo meu senhor o bastardo, que acompanhava o senhor de la Roche, bem como o senhor Jacques de Saint-Pol, os senhores d'Arcis, de Créquy, de Gruthuse e de Bergues e vários outros que os acompanhavam. Dentro de cada quarto havia um maître d'hôtel e homens preparados para servir.

Para acolher a grande multidão, foi construída nas pressas, sobre um grande lugar chamado o jogo de palmas da corte, uma sala de madeira muito grande, muito alta e muito espaçosa, como também iluminada de vidraças e tão bem conhecida que era, no dizer de todos, como uma das mais belas salas que jamais foi vista. Ela estava coberta pelo alto por tecidos de lã azul e branco, e pelos lados por uma rica tapeçaria representando a história de Jasão, onde era narrado o mistério do Tosão de Ouro. Esta tapeçaria era toda de ouro, de prata e de seda, e eu não acredito que foi vista uma assim grande e também rica na ocasião.²³⁹

²³⁸ LA MARCHE, Olivier de. **Noces de Charles le Teméraire et Marguerite d'York (1468)**. In: Op. Cit. p.1069.

²³⁹ Texto no original: "Dans l'hôtel, Il y avait une petite salle placée devant la chapelle, où mangeait seulement monseigneur de Bourgogne et, près de celle-ci, une grande salle, où mangeait tous les chambellans. Plus bas, on trouvait une autre salle, plus grande, où mangeait les maîtres d'hôtel et tout le commun et qui se remplissait plusieurs fois dans la journée, à cause du grand nombre de gentilshommes, archers, pages, officiers d'armes, trompettes, ménestriers et joueurs d'instruments que étaient présents à cette fête.

En outre, sept chambres de la maison étaient prêtes pour festoyer les étrangers. L'une était dirigée par monseigneur le bâtard, qu'accompagnaient monseigneur de la Roche, ainsi que monseigneur Jacques de Saint-Pol, messeigneurs d'Arcis, de Créquy, de la Gruthuse et de Bergues et plusieurs autres qui les accompagnaient. Dans chaque chambre il y avait un maître d'hôtel et des gens assignés pour y servir.

Pour accueillir la grande foule, on construisit en hâte, sur une grande place appelée le jeu de paume de la cour, une salle en bois très grande, très haute et très spacieuse, si bien éclairée de verrières et si bien conçue que c'était, au dire de tous, une des plus belles salles que se fût jamais vue. Elle était tendue par en haut de drap de laine bleu et blanc, et par les côtés tapissée et tendue d'une riche tapisserie représentant l'histoire de Jason, où étaient narrés les mystères de la Toison d'or. Cette tapisserie était toute

A visão do *maître d'hôtel* aqui é mais ampla, oferece ao leitor a imagem de um espaço esquadrihado, dividido e pensado sistematicamente para receber todos os convidados da festa. No trecho acima, o autor se coloca definitivamente como o chefe das cerimônias da casa borgonhesa: ele arquitetou e procurou controlar no texto todo o espaço da corte, atribuindo a cada um dos seus lugares a função essencial do significado da cortesia, ou seja, a de servir.

A seqüência do texto apresenta a decoração do salão principal, todo ornamentado com candelabros e castiçais que causavam espanto no público por adotar as formas de figuras humanas e animais, bem como pela escultura de “*dragões que lançavam fogo*”.²⁴⁰

E existia também uma sala reservada às mulheres, localizada no início do grande salão e preparada de uma maneira que elas pudessem ver toda a festa sem serem reconhecidas, mantendo-se à distância, mas em boa posição de observação. Para essa sala também foram direcionados alguns servidores particulares, treinados para servir as damas da corte.²⁴¹

Como o diretor de uma peça teatral, La Marche era extremamente preocupado com o funcionamento do palco; e o momento da encenação de uma das protagonistas do espetáculo deveria criar uma relação com o espaço criado para o perfeito desenrolar da cena. É o que vemos quando ele anuncia a entrada de Margarida de York, a nova duquesa.

Acompanhada de Isabel de Portugal, a duquesa-mãe, Margarida entrou durante o anúncio do ritual da lavagem das mãos e sentou-se no “*meio da mesa*” e próxima dela, a senhora de Borgonha. No início da mesa se encontrava a senhorita do ducado (tratava-se de Maria, filha de Carlos) acompanhada de outras mulheres da nobreza.²⁴²

O primeiro serviço prestado à duquesa naquela cerimônia foi simbolicamente especial: ela foi servida por homens da corte inglesa, ritual que pretendeu demonstrar a cortesia trazida da casa dos York para a da Borgonha. O autor afirmou que a nova duquesa foi servida por um *échanson* (aquele que servia o vinho),

d’or, d’argent et de soie, et je ne crois pas que l’on en ait vu une aussi grande et aussi riche à la fois.”
Ibidem. pp. 1069-70.

²⁴⁰ Ibidem. p.1070.

²⁴¹ Ibidem. p.1070.

²⁴² Ibidem. p.1071.

um *écuyer-tranchant* ou um trinchante (especialista em cortar carnes), e um *panetier* (servidor de pães), “*todos cavaleiros e gentis-homens da grande casa*”. E depois desse serviço, o oficial do salão anunciou para todos os convivas: “*Cavaleiros, à carne!*”. Nessa hora o *buffet* foi oferecido três vezes em cada sala da festa. E o autor foi bastante insistente no texto em enfatizar que em todas elas, e em todas as salas e quartos, as refeições foram servidas em louça de prata.²⁴³

O relato do casamento de Carlos e Margarida é muito extenso para tocarmos em todos os momentos só neste capítulo, que analisa como a escrita da memória de La Marche provocou certa espacialização da cortesia ao descrever com riqueza de detalhes o espaço da corte preparado para o evento.

Todas as descrições das encenações das sobremesas vivas da festa, a exemplo das do Banquete do Faisão, trazem, segundo os relatos, uma mensagem a ser transmitida para a nobreza convidada. A encenação do leão e da anã dava as boas-vindas à nova duquesa; a cena da domesticação do dromedário pelo sarraceno apresentou o tema oriental fortemente presente no imaginário ocidental; e os doze trabalhos de Hércules encenados do segundo até o último dia de festa apresentaram para os convidados as virtudes que todos deveriam possuir para a manutenção da condição nobre e cavalheiresca pela qual eram reconhecidos e prestigiados.

E uma das mais extraordinárias encenações para La Marche foi a entrada de uma baleia no salão, arrastada por dois gigantes. Essa baleia possuía sessenta longos pés e se colocou a dar uma volta na grande sala, parando diante da mesa do duque e abrindo a sua enorme garganta de onde saiu o som de duas sirenes e em seguida doze “cavaleiros do mar” (possivelmente La Marche estava se referindo a cavaleiros cruzados) armados cada um com um escudo e um bastão. Em meio a uma dança que o autor chamou de “*estranha*”, um torneio iniciara, sendo interrompido pelos gigantes que voltaram para buscar a baleia e levaram-na para o lugar de onde ela tinha surgido. “*Certamente foi uma bela sobremesa, porque havia dentro dela mais de quarenta pessoas. Pelas quais as mesas foram levadas e todos começaram a dançar*”.²⁴⁴

A visão de La Marche sobre os acontecimentos que ele descreveu não devem ser vistos como recordação exata, como já chamamos atenção anteriormente. A precisão nos detalhes e a exaltação de certas cenas provavelmente não são produtos de

²⁴³ Ibidem. p.1071.

²⁴⁴ Ibidem. p.1090.

uma memória fora do comum, capaz de recordar tantas minúcias dos eventos que aconteceram há 20 ou 30 anos antes da época em que os relatos foram produzidos.

O trabalho feito a partir de uma documentação reunida pelo autor fica evidente na leitura das suas memórias, o que não significa, por outro lado, afirmar que o exercício da rememoração não tenha sido colocado em prática. Acreditamos ter havido certa fusão entre esses dois trabalhos, um auxiliando o outro na intenção de construir a imagem perfeita da corte na realização desses verdadeiros espetáculos que colocavam na vitrine aquela que se tornou uma das mais notáveis nobrezas do século XV.

Desse modo, também se tornou notável o responsável pela organização da casa do príncipe. As *Mémoires* serviram, para além de exaltar e construir a imagem do passado de uma casa cheia de grandeza e esplendor, para consagrar a personalidade do seu autor como um extraordinário cortesão.



FIGURA 4. “Os Votos do Faisão”, óleo sobre tela, século XVI, autor desconhecido, RijksMuseum de Amsterdã. A imagem está representando a famosa festa do Banquete do Faisão, dada pelo duque da Borgonha Filipe O Bom, em 1454. Podem ser identificadas, através das inscrições, as figuras dos mais importantes nobres que estiveram reunidos na ocasião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa leitura das memórias cortesãs de Olivier de La Marche foi extremamente proveitosa do ponto de vista do historiador. Diante de uma obra cuja natureza literária assumiu traços particulares durante o fim do período medieval, nos encontramos com os aspectos nascentes da individualidade do autor e percebemos como ele desenvolveu meios eficazes para se auto-afirmar, procurando a partir disso, edificar o seu próprio espaço de atuação no texto.

Pensar o problema da emergência do indivíduo não foi tarefa fácil, principalmente tomando como recorte temporal o século XV. A história desse nascimento do sujeito que decidimos fazer pode continuar gerando questionamentos, sobretudo por estar situada em uma das mais polêmicas transições da história: a passagem do medievo para a época moderna, marcada pelo Renascimento Cultural, quando vemos nascer historicamente a valorização crescente do plano individual.

Contudo, acreditamos ter mostrado de forma clara e objetiva como as *Mémoires* podem ser caracterizadas como uma obra que esteve justamente na transição entre esses dois períodos da história. Nascida das motivações particulares do seu autor, diferentemente do que se fazia habitualmente na literatura em prosa da época, essa obra abrigou as memórias de uma “história pessoal” completamente envolvida pelo movimento de outra história, coletiva e mais ampla.

Mas não se tratou em nenhum momento de perceber as expressões demasiadamente modernas do “eu” consciente da sua subjetividade e autonomia, elementos que formam a natureza do sujeito já acostumado com a modernidade. Tratou-se, ao invés disso, de observar o nascimento do indivíduo, suas expressões e passos primordiais em direção ao que reconheceríamos mais tarde como “homem moderno”. Sendo assim, La Marche assumiu o papel, na nossa análise, do homem situado na transição, escrevendo o seu próprio passado e experimentando com isso o nascimento da individualidade.

O espaço onde ele realizou essa experiência foi o do texto. Como homem da corte subordinado a um grande senhor e imerso numa ordem social naturalizada, não poderia encontrar, no mundo objetivo das relações sociais, meios de afirmar a sua consciência individual. Desse modo, foi no campo da escrita, possível à reflexão e às

vezes até à introspecção, que criou o seu espaço, permitindo a si próprio mais liberdade para lançar sobre o mundo no qual vivia, sua visão particular.

O espaço do texto como abordamos aqui abrigou o nascimento do indivíduo na transição entre a Idade Média e a Idade Moderna. Com isso mostramos para o leitor do nosso trabalho qual foi o campo de atuação do homem medieval que possibilitou o exercício da reflexão pessoal que, por sua vez, levou ao surgimento da consciência de si no século XV: o da escrita.

Fomos inspirados pela concepção mais ampla do “espaço literário” de Maurice Blanchot, mas, todavia, nos mantemos distantes da sua realidade. Se o teórico francês pensou o espaço literário como o campo de atuação do indivíduo que já procura conhecer uma suposta pós-modernidade, o nosso espaço do texto funcionou como o berço do homem que nascia para descobrir a sua face moderna, e que, nas proximidades do Renascimento, passou a lançar sobre si os reflexos da sua própria consciência.

Nesse sentido, várias passagens da obra de La Marche apontaram os traços dessa consciência do indivíduo. Para além dos dois prefácios, narrados em primeira pessoa e sempre declarando os objetivos pessoais dados por ele próprio, algumas das suas memórias se mostraram reveladoras para esta discussão. Especialmente no episódio sobre a entrada de Jacques de Bourbon em Pontarlier, pudemos perceber o autor reportou-se à sua infância em uma época quando ainda não era integrante da corte da Borgonha. Esse fato somado às lições morais que ele retirou do acontecimento para transmitir aos leitores da obra, indicou a reflexão pessoal presente na sua narrativa.

De outra maneira, a consciência individual nascida no espaço do texto o levou a construir o seu próprio lugar de fala, a fim de autorizar com valores de verdade a escrita das suas memórias. Sobretudo, na análise do episódio que narrou o seu ingresso na corte da Borgonha pôde-se perceber tal construção. Colocando-se como privilegiado por ter entrado no mundo da alta nobreza borgonhesa e com isso “observado melhor” os eventos “dignos de serem relatados”, assumiu o papel da testemunha dos acontecimentos, capaz de narrar a verdade por estar autorizado a falar a partir do lugar onde se encontravam reunidos os letrados e eruditos e, conseqüentemente, onde se construía o saber sobre o homem e a sociedade.

Aprofundando essa discussão, procuramos pelos valores próprios da sociedade medieval que reservou ao século XV a configuração da consciência de si na prática da escrita. Com efeito, nos colocamos frente a frente com os significados da

tradição da memória medieval, e foi inevitável caracterizarmos a partir destes o tipo de escrita produzida por La Marche. Herdada da Antiguidade clássica, essa tradição, que consistia numa verdadeira “arte da memória”, sofreu forte processo de cristianização durante o medievo, que produziu entre os séculos XII e XIII, um conceito e exercício moral da recordação, sobre o qual os homens deveriam edificar as suas razões pessoais e, a partir disso, iniciarem a busca da prudência.

O significado moral da memória medieval foi amplamente percebido em várias passagens selecionadas para essa análise. Principalmente os prólogos produzidos nas duas fases do processo de escritura da obra, revelaram as intenções particulares do autor em escrever memórias. Todas elas se ligavam à sua personalidade como indivíduo, preocupado com a busca da prudência e com a construção de uma razão moralizante capaz de ensinar aos leitores, bem como de exaltar a si próprio como modelo de “homem moral” e cristão. Estas motivações são, como vimos através das discussões propostas por Frances Yates e Jacques Le Goff, semelhantes às dos homens da Igreja que praticavam a arte da memória desde séculos anteriores.

A partir dessas idéias, tratamos as *Mémoires* como uma obra que herdou os valores dessa tradição antiga que, entre a Idade Média Central e o século XV, iniciou um amplo processo de laicização das suas técnicas e exercícios de rememoração. Dessa maneira, como um homem leigo, porém devoto e formado com os princípios morais da sociedade aristocrática e cristã, La Marche encontrou no exercício da escrita o cumprimento de uma tarefa pessoal. Ele procurou recordar o seu próprio passado criando cenas e lugares de memória a fim de guiá-lo sabiamente na busca da prudência. Por outro lado, desejou transmitir para os seus leitores as mensagens morais que podem ser percebidas nos escritos que produziu.

Desconhecemos os trabalhos que analisaram as *Mémoires* sob essa perspectiva. Geralmente sendo visto como um cronista ou, na melhor das hipóteses, um memorialista (termo que, quando aparece, não vem acompanhado de maiores discussões, podendo até, sob certo ponto de vista, indicar sinais de anacronismo), o cortesão e escritor de memórias foi abordado aqui como o autor de uma narrativa particular que logo influenciaria a criação de certos gêneros narrativos conhecidos por promoverem a afirmação do indivíduo durante o já moderno século XVI.

Os relatos das suas memórias, se tomados como crônicas, informam ao historiador sobre aspectos do passado por eles narrado. Porque a crônica, diferente das

mémoires escritas, cumpria a função historiográfica e, geralmente produzida sob patrocínio dos príncipes, davam atenção aos grandes acontecimentos e personagens que formavam a história das dinastias e reinos. A constituição dessa espécie de saber produzido pelos homens de letras criava explicações que justificavam a ordem cristalizada da sociedade.

Todavia, encarando esses mesmos relatos como produtos de um tipo de escrita ligada às motivações pessoais do autor, imediatamente chegaremos à outra interpretação, entendendo o conteúdo dos escritos como um meio criado para significar particularmente o mundo no qual se vivia. Tal construção discursiva apontou os traços da individualidade de La Marche, homem da corte preocupado em justificar a sua personalidade exaltando o passado do qual foi testemunha e, às vezes, personagem.

Essa compreensão nos levou a uma conclusão importante para este trabalho: o conteúdo das *Mémoires* deve ser visto como resultado de uma escrita influenciada pela tarefa moralizante e pessoal da tradição da memória medieval realizada no século XV. Isso foi o que nos levou a perceber as intenções do autor que promoveram o nascimento dessa individualidade sobre a qual falamos.

Sendo assim, ter percebido a obra como o espaço do texto onde o indivíduo pôde aparecer, nos fez observar que os seus escritos prepararam a criação de outro tipo de espacialidade, desta vez resultante da ação praticada pelos discursos. Esse espaço o qual qualificamos como cortesão foi idealizado pelo indivíduo que buscava se afirmar, tentando inscrever-se na realidade aristocrática apresentada na narrativa.

O espaço cortesão foi idealizado nas páginas das *Mémoires* pela visão especializada de quem era bem reconhecido como *mâitre d'hôtel*, ou seja, mestre de cerimônias da casa do príncipe. A especialidade em organizar as cerimônias e festas da nobreza influenciou a escrita das suas memórias, que procuraram relatar em várias passagens, célebres eventos que se tornaram famosos devido a esses registros. Vimos nesses relatos toda a grandeza e o esplendor que geralmente é atribuído pelos historiadores à corte da Borgonha dos duques Valois.

La Marche procurou construir o modelo ideal da corte através das descrições de suntuosas festas e banquetes espetaculares. Para isso dotou a sua escrita com o significado da cortesia, definindo assim a natureza cortesã das suas memórias. Nos relatos, agiu como um verdadeiro “agente da cortesia”, espacializando seus principais aspectos, construindo a natureza nobre da casa do príncipe. Pudemos

perceber essa construção nas descrições de duas das mais famosas festas do ducado da Borgonha, o Banquete do Faisão (1454) e o Casamento de Carlos *O Temerário* e Margarida de York (1468).

Fizemos questão de particularizar a escrita que chamamos de “especializada” por ter sido produzida por um *maître d’hôtel*, porque esta função foi a que deu lugar de maior destaque a La Marche como cortesão durante a sua trajetória em meio a nobreza. No período em que escreveu as *Mémoires*, de 1472 a 1501, era a função que desempenhava e que lhe rendeu fama em outras casas senhoriais. Portanto, podemos afirmar que as suas “recordações” sobre os eventos relatados foram, em grande medida, influenciadas pela posição destacada que ocupava.

Ele procurou recriar através dos seus discursos, as memórias das cerimônias, exaltando-as e idealizando-as como se pudesse voltar ao seu próprio passado e reorganizá-las como ele desejava no presente. Isso nos levou à constatação de que os relatos contribuíram significativamente para a construção da grandeza, do luxo e do esplendor da corte Valois da Borgonha.

E se concebemos o discurso como prática ou ação efetivada pelo indivíduo no campo da escrita pode-se reforçar ainda mais essa idéia. Sobretudo porque reconhecemos a função que ele possui de produzir realidades, não necessariamente de traduzi-las ou informá-las de maneiras direta e absoluta. Foi preciso, a partir dessa concepção, ligar essa força criadora às intenções do autor em produzir, pela escrita da memória, o espaço da corte ideal capaz de justificar a sua própria condição como excelente cortesão.

Ao se tornar servidor da corte dos Habsburgo, também se dedicou a espacializar, na futura casa imperial, a cortesia. A fase habsburga não produziu relatos de cerimônias célebres a exemplo daquelas dos anos borgonheses. Entretanto, procurou recriar o espaço da corte dos senhores austríacos a partir da tradição cerimonial que ele tinha ajudado a desenvolver na casa Valois e da qual ele era o maior representante.

O mestre de cerimônias chegara à corte austríaca como uma das mais valiosas peças da herança da última herdeira do ducado da Borgonha, Maria, que se casou com o sucessor da coroa imperial, Maximiliano Habsburgo. A sua essência borgonhesa nunca foi perdida, mesmo servindo com lealdade os novos senhores, que pouco a pouco passaram a se enxergar como os continuadores da política dinástica promovida em larga escala pelos duques da Borgonha. O “espírito Valois” continuou na

Áustria Habsburgo e La Marche recordava-se muito bem que Carlos desejou isso desde o início do seu governo, tentando lançar-se como herdeiro do Império de Frederico III.

Dentre outras funções importantes que assumira na casa de Maximiliano, como a de educar Filipe *O Belo* e a de embaixador, tornou-se o *grand maître d'hôtel* e instaurou um padrão de organização espacial “à borgonhesa”. Na fase final da vida, o seu trabalho foi o de fixar, na nova casa, a “marca” da especialidade que o havia consagrado como grande cortesão.

Nos anos austríacos fora dada atenção especial às festas da ordem do Tosão de Ouro, a mais importante instituição borgonhesa que contribuiu grandemente com a política dos novos senhores de La Marche. Em um sentido mais amplo, essas festas que aconteciam em torno da Ordem faziam renascer todos os símbolos borgonheses, como lemas, emblemas heráldicos etc. Além de colocar a tradicional política cavaleiresca na dianteira das ações realizadas pelo governo daquela casa, que como os duques Valois passaram cada vez mais a se sentirem cavaleiros destinados a alcançar a fama e a reputação através dos valores clássicos de uma cavalaria idealizada. O grande príncipe Habsburgo caracterizado pela apropriação e exaltação desses valores borgonheses foi, para Federico Chabod, Carlos V, o “*verdadeiro herdeiro, (...), da tradição borgonhesa*”.²⁴⁵

Nesse sentido, Olivier de La Marche foi um dos principais criadores da tradição cavaleiresca da ordem do Tosão de Ouro, que recebeu destaque nas épocas magníficas de Carlos V e Filipe II. A produção de um texto intitulado *Épître pour tenir et célébrer la noble fête de la Toison d'Or* foi, provavelmente, o fundador desse espaço cortesão que passou a ser cada vez mais praticado naquela casa de príncipes.

Esse texto foi durante algum tempo visto como parte das *Mémoires*, produzido nos momentos finais do trabalho e da vida do autor, entre 1500 e 1501. A produção foi destinada a fixar um padrão de organização das cerimônias da Ordem, principalmente quando o velho cortesão estivesse ausente. Contudo, podemos pensar que o texto não era necessariamente parte das suas memórias, sendo provavelmente um escrito à parte, destinado a um fim diferente. Por outro lado, mantém sua ligação com aquelas, sobretudo porque o seu objetivo foi reproduzir o modelo já conhecido na casa borgonhesa. Podemos perceber que os assuntos iniciais são os mesmos do relato do

²⁴⁵ Para uma ótima leitura sobre o assunto, ver: CHABOD, Federico. **La personalidad de Carlos V**. In: Op.Cit. pp. 12-26.

casamento de Carlos e Margarida. Esse tipo de organização do espaço interno da corte parece ter sido mesmo uma marca do trabalho de La Marche, que sempre demonstrou a preocupação com a organização das salas, dos lugares das refeições (os da cozinha) e a disposição dos convivas nos ambientes por ele organizados e supervisionados.

Devido às limitações de uma dissertação de mestrado, não dedicamos um capítulo ou uma longa discussão acerca do espaço cortesão Habsburgo. No entanto, perceber como foi desenvolvido um modelo de organização espacial a partir do que já tinha sido escrito nas *Mémoires*, complementa a visão que temos de La Marche como um cortesão não apenas borgonhês (embora seja grandemente reconhecido por isso até na casa austríaca), mas também integrante do grupo de servidores da corte austríaca.

A semelhança percebida entre esse modelo e as festas da corte da Borgonha não é mera coincidência, significa que o cortesão procurou estabelecer um padrão para a realização dessas cerimônias através das quais ele desejava ser reconhecido e lembrado como o seu maior responsável.

Essa idéia nos leva a afirmar que essas memórias cortesãs não foram produzidas para promover a imagem da pessoa do príncipe, mais do que promoveu a do seu próprio autor. Elas continuaram servindo aos seus propósitos individuais mesmo quando dedicou a obra à educação de Filipe *O Belo*. Os objetivos moralizantes da busca da prudência nunca foram abandonados, de modo que sempre persistiu a tarefa de escrever certa história pessoal na tentativa de destacar sua figura como participante de uma época importante, repleta de príncipes, dinastias, guerras e reinos que já faziam parte das mais célebres histórias do seu tempo.

E para realizar tal exaltação, edificou o espaço cortesão ideal para que fosse através dele valorizado. Os discursos dessas memórias ornamentaram e organizaram com perfeição as casas principescas onde La Marche viveu e serviu. Não é que ele tenha inventado tudo o que narrou, mas estando motivado por questões pessoais e mostrando-se preocupado com os assuntos da alçada de um *maître d'hôtel*, todas as possibilidades de olharmos para ele como um homem que foi alheio à sua condição enquanto escreveu, foram eliminadas.

Sendo assim, dando um caráter pessoal à sua obra, La Marche fez da escrita das suas memórias o espaço do seu nascimento como indivíduo para, a partir dele, construir outro espaço, nascido como produto da sua ação discursiva. Este último, ao qual demos o nome de “espaço cortesão”, sustentou duas verdades ainda reproduzidas

na história: a de que a corte da Borgonha foi a mais luxuosa e magnífica casa de príncipes do século XV; e a de que Olivier de La Marche foi o seu maior cortesão.

Não desejamos, contudo, negar tais afirmações, mas apenas procuramos analisar como essas verdades foram construídas entre as tramas discursivas de uma obra que informou sobre esse passado. E foi um grande aprendizado ter analisado as motivações e intenções que produziram essas memórias apoderadas violentamente pela história.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

LA MARCHE, Olivier de. **Les Voeux du Faisan; Épître pour tenir et célébrer la noble fête de la Toison d'or; Noces de Charles le Téméraire et Marguerite d'York (1468)**; In: BOHLER, Danielle (org.). **Splendeurs de la cour de Bourgogne**. Paris: Editions Robert Laffont, 1995. pp. 1193-1409; 1062-1067; 1068-1090;

_____. **Mémoires de messire Olivier de La Marche**. In: PETITOT, Claude Bernard. (ed.) **Collection Complète des mémoires relatifs a l'histoire de France depuis de le règne de Philippe-Auguste, jusqu'au commencement du dix-septième siècle. Avec des notices sur chaque auteur et des observations sur chaque ouvrage**. Paris: Foucault Libraire, 1825. Tomos IX e X.

_____. **Estat de la Maison du Duc Charles de Bourgogne**. In: PETITOT, Claude Bernard. (ed.) **Collection Complète des mémoires relatifs a l'histoire de France depuis de le règne de Philippe-Auguste, jusqu'au commencement du dix-septième siècle. Avec des notices sur chaque auteur et des observations sur chaque ouvrage**. Paris: Foucault Libraire, 1825.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (livros, capítulos de livros, dissertações e teses)

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru,SP: EDUSC, 2007.

ARIÈS, Philippe. **O Tempo da História**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

BASCHET, Jérôme. **A Igreja, Instituição dominante do feudalismo**. In: **A Civilização Feudal: do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006. pp. 167-246.

BEAUNE, Colette. **Les Voeux du Faisan**. In: **Splendeurs de la cour de Bourgogne**. Paris: Editions Robert Laffont, 1995. Pp .1131-1133.

BLANCHOT, Maurice. **Abordagem do Espaço Literário**. In: _____. **O Espaço Literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. pp. 27-42.

BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. Edições 70: Lisboa, 1982.

BRAUDEL, Fernand. **A Gramática das Civilizações**. In: _____. **Gramática das Civilizações**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BROWN, Andrew. **Bruges and the Burgundian ‘theatre-state’**: Charles the Bold and Our Lady of the Snow. *History*, vol.84, n ° 276, 1999. pp 573-587.

BUCKHARDT, Jacob. **A Cultura do Renascimento na Itália**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BURKE, Peter. **O Que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CALMETTE, Joseph. **Les Grands Ducs de Bourgogne**. Paris: Éditions Albin Michel, 1949.

_____. **The Golden Age of Burgundy: the magnificent dukes and their courts**. London: Phoenix Press, 2001.

CASTIGLIONE, Baldassare. **O Cortesão**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **Relatos de Espaço (Práticas de Espaço)**. In: _____. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. pp. 199-217.

CHABOD, Federico. **Carlos V y su imperio**. Mexico: Madrid: Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1992.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietudes.** Porto Alegre: EDUFRS, 2002. pp. 7-18; 81-100.

_____. **História Cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1990.

DUBY, Georges; BRAUNSTEIN, Philippe. **A Emergência do Indivíduo.** In: DUBY, Georges; ARIÈS, Philippe (Orgs.). **História da Vida Privada: da Europa Feudal à Renascença.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990. v.2. pp. 503-526.

DUBY, Georges. **As Três Ordens ou o Imaginário do feudalismo.** Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: uma História dos costumes.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. v. 1.

_____. **O Processo Civilizador: formação do Estado e civilização.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. v. 2.

_____. **A Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

EMERSON, Catherine. **Olivier de La Marche and Rethoric of Fifteenth-Century Historiography.** Suffolk, Woodbridge: The Boydell Press, 2004.

ERASMO. **A Civilidade Pueril.** Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

FEBVRE, Lucien. **A Europa: gênese de uma civilização.** Bauru, SP: EDUSC, 2004.

FONTANA, Josep. **A Europa diante do Espelho.** Bauru, SP: EDUSC, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. **O que é um autor?** In: _____. **O que é um autor?** Lisboa: Veja/Passagens, 1992. pp. 29-87.

FLORI, Jean. **A Cavalaria entre mito e realidade.** In: _____. **A Cavalaria:** a origem dos nobres guerreiros da Idade Média. São Paulo: Madras, 2005. pp.175-186.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média:** nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FRANÇA, Susani Silveira Lemos. **Os reinos dos cronistas medievais:** século XV. São Paulo: Annablume; Brasília: Capes, 2006.

GUENÉE, Bernard. **Corte.** In: LE GOFF, Jacques. SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** Bauru, SP: EDUSC, 2006. 1v. pp. 269-281

_____. **Histoire et chronique:** nouvelles reflexions sur les genres historiques au Moyen Âge. In: POIRION, Daniel (org.). **La chronique et l'histoire au Moyen-Age.** Paris: Presses de l'Université de Paris Sorbonne, 1986. pp. 3-12.

HUIZINGA, Johan. **O Declínio da Idade Média.** São Paulo: Verbo – Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. **Os Valois Florescentes.** In: _____. **O Estado Monárquico:** França, 1460-1610. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. pp. 41-125.

_____. **Saint-Simon ou o Sistema da Corte.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

LAURIOUX, Bruno. **Banquets, Entremets et Cuisine à la cour de Bourgogne. (Introduction).** In: **Splendeurs de la Cour de Bourgogne:** récits et chroniques. Paris: Robert Laffont, 1995. P. 1029.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval.** Bauru, SP: EDUSC, 2005.

_____. **Trabalho, Técnicas e Artesãos nos Sistemas de Valor na Alta Idade Média (do século V ao século X)**. In: _____. **Para um Novo Conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente**. Lisboa: Editorial Estampa, 1980. pp.101-115.

_____. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Em Busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre. (Orgs.) **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A., 1979.

_____. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves editora s.a., 1979. 2^a. ed.

MAINKA, Peter Johann. **A luta europeia entre as dinastias dos Habsburgos e dos Valois pela Borgonha e Itália (1477-1559)**. In: **História: Questões & Debates**, n.38. Curitiba: Editora UFPR, 2003. pp. 185-224.

MELLO E SOUZA, Laura de. **Idade Média e Época Moderna: fronteiras e problemas**. *Signum Revista da ABREM*, vol. 7, 2005.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **A questão do sujeito na produção do espaço; Geografia e consciência do espaço**. In: _____. **Ideologias Geográficas: Espaço, Cultura e Política no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005. pp. 15-26; 27-35

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. In: **Les Lieux de mémoire**. I La République, Paris: Gallimard, 1984. pp. XVIII-XLII. Tradução feita por Yara Aun Houry, autorizada pelo editor da Editions Gallimard 1984.

RIBEIRO, Renato Janine. **A Etiqueta no Antigo Regime**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.24

RICHARD, Jean. **Histoire de la Bourgogne**. Paris: Privat, 1978.

RIBEIRO, Renato Janine. **A Etiqueta no Antigo Regime**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

RODRIGUES, Ana Cristina Campos. **Jasão e a Quimera de Ouro**: a ritualização do poder na Borgonha Valois (1363-1558). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, 2006.

ROMERO, José Luis. **Crise e Ordem no Mundo Feudoburguês**. São Paulo: Editora Palíndromo, 2005.

SILVA, Victor Deodato da. **Cavalaria e Nobreza no fim da Idade Média**: a crise do combatente montado (da guerra feudal a guerra moderna). São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1990. vol.1.

SKINNER, Quentin. SKINNER, Quentin. **A Recepção do Pensamento Político e Humanista**. In: **As Fundações do Pensamento Político Moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp. 232-262.

VAUGHAN, Richard. **Philip the Good**: the apogee of Burgundy. The Boydell Press: Woodbridge, 2004.

ZINK, Michel. **Literatura(s)**. In: LE GOFF, Jacques. SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). In: **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: EDUSC, 2006. v.II. p.81.

ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz**: a “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **Essai de poétique médiévale**. Paris: Seuil, 1972.

WALSH, Richard J. **Charles the Bold and the crusade**: politics and propaganda. *Journal of Medieval History* 3 (1977). pp. 53-86.

YATES, Frances A. **A Arte da Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.